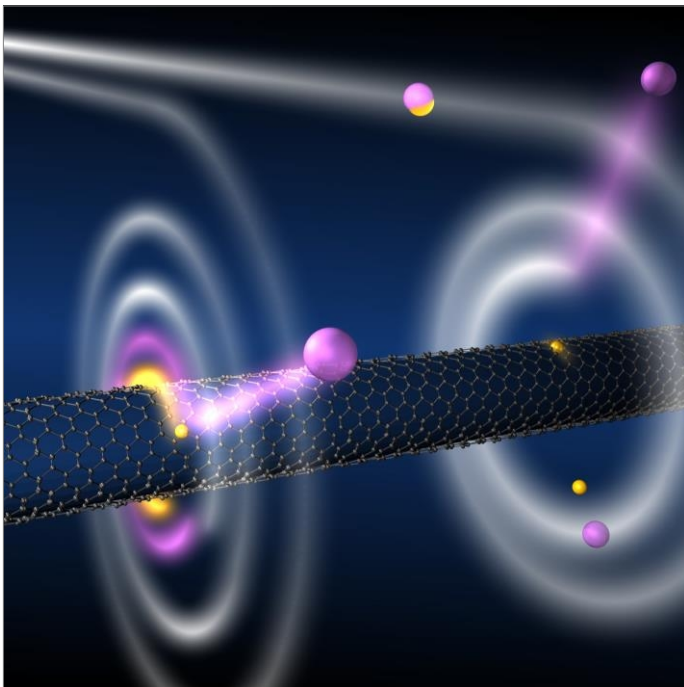




UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ –  
UECE  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL –  
UAB  
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA –  
CCT

CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA -  
CCT

# **PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA LICENCIATURA A DISTÂNCIA**





**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE  
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - CCT  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO  
GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
LICENCIATURA A DISTÂNCIA**

Fortaleza, CE  
Fevereiro de 2013



**Universidade Estadual do Ceará – UECE**

**REITOR**

Prof. Dr. José Jackson Coelho Sampaio

**VICE - REITOR**

Prof. Ms. Hidelbrando dos Santos Soares

**PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO**

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marcília Chagas Barreto

**DIRETOR DO CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**

Professor Dr. Jackson Sávio de Vasconcelos Silva

**COORDENADORA DO CURSO**

**DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA LICENCIATURA A DISTÂNCIA**

Profa. Dra. Denise Cristina Bomtempo

**COORDENADOR DE TUTORIA DO CURSO**

**DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA LICENCIATURA PLENA A DISTÂNCIA**

Prof. Dr. Edilson Alves Pereira Júnior

**EQUIPE DE ADAPTAÇÃO DO PROJETO**

Profa. Dra. Denise Cristina Bomtempo

Prof. Dr. Edilson Alves Pereira Júnior

## Sumário

<b>PARTE I – Educação a Distância: concepção e implementação na Universidade Estadual do Ceará</b>	
<b>1.</b>	<b>Introdução</b> 7
<b>2.</b>	<b>História da EAD no Brasil</b> 9
<b>3.</b>	<b>Educação a Distância na UECE: lições aprendidas</b> 12
<b>4.</b>	<b>A Universidade Aberta do Brasil e a participação da UECE: pressupostos</b> 14
<b>5.</b>	<b>A proposta para EAD na UECE: premissas e fundamentos</b> 17
5.1.	Processos de interação em EAD na UAB/UECE 22
<b>6.</b>	<b>Recursos educacionais</b> 25
6.1.	Material impresso 28
6.2.	Videoaulas 28
6.3.	Ambiente Virtual de Aprendizagem 29
6.4.	Videoconferências 31
6.5.	Quadro Branco 32
6.6.	Encontros presenciais ministrados por professores formadores 33
<b>7.</b>	<b>Sistemática de Avaliação</b> 35
7.1.	Avaliação de aprendizagem: avaliação contínua e abrangente 35
7.2.	Uma proposta de avaliação institucional 40
7.2.1.	Objetivos da avaliação institucional 42
7.2.2.	Natureza da avaliação e suas metodologias 43
<b>8.</b>	<b>Recursos Humanos para o Projeto EAD na UECE</b> 48
8.1.	Equipe multidisciplinar 48
8.2.	Serviços de coordenação e gestão pedagógica e administrativa dos cursos 53
8.3.	Plano Anual de Capacitação Continuada 55
<b>9.</b>	<b>Acompanhamento e atualização do Projeto Pedagógico</b> 55
<b>PARTE II – Curso de Graduação em Geografia Licenciatura Plena a Distância</b> 58	
<b>1.</b>	<b>CARACTERIZAÇÃO DO CURSO</b> 59
<b>1.1.</b>	<b>Apresentação</b> 59
<b>1.2.</b>	<b>Justificativa</b> 59
<b>1.3.</b>	<b>O Curso</b> 59
1.3.1.	Denominação 59
1.3.2.	Histórico 60
1.3.3.	Formas de Ingresso 60
1.3.4.	Carga horária do curso e período de integralização 60
1.3.5.	Flexibilização da carga horária 61
1.3.6.	Condições de certificação 61
<b>2.</b>	<b>ESTRUTURA DA ORGANIZAÇÃO CURRICULAR</b> 62
<b>2.1.</b>	<b>Perfil do profissional a ser formado</b> 62
<b>2.2.</b>	<b>Bases filosóficas e pedagógicas da proposta de formação profissional</b> 62
2.2.1.	O Curso de Licenciatura em Geografia no contexto do século XXI 66
<b>2.3.</b>	<b>Habilidades e competências</b> 67
<b>2.4.</b>	<b>Campo de atuação profissional</b> 68
<b>2.5.</b>	<b>Objetivos do Curso</b> 68
2.5.1.	Geral 68
2.5.2.	Específicos 69
<b>3.</b>	<b>LÓGICA DA ORGANIZAÇÃO CURRICULAR</b> 70

<b>3.1.</b>	<b>Componentes curriculares: Disciplinas, Oficinas e Seminários</b>	70
3.1.1	<b>Prática como componente Curricular (PCC)</b>	70
3.1.2.	<b>Trabalho de Conclusão de  Curso (TCC)</b>	70
<b>3.2.</b>	<b>Fluxograma curricular por período</b>	71
<b>3.2.1</b>	<b>Eixos e Componentes de Organização Curricular</b>	74
<b>3.2.2</b>	<b>Distribuição dos componentes curriculares por eixos</b>	76
<b>3.3.</b>	<b>Ementário</b>	79
<b>3.3.1</b>	<b>Eixo temático de interpretação do espaço e da formação geral em Geografia</b>	79
<b>3.3.2</b>	<b>Eixo de Prática como Componentes Curriculare estágio obrigatório</b>	90
<b>3.3.3.</b>	<b>Eixo Temático da Representação do Espaço e Análise Metodológica</b>	94
<b>3.3.4.</b>	<b>Eixo Temático Complementar e de Formação Pedagógica Geral</b>	96
<b>3.4.</b>	<b>Quadro de Disciplinas</b>	101
<b>3.5.</b>	<b>Linhas de Pesquisa</b>	106
<b>3.6.</b>	<b>Produção científica de professores e alunos nos últimos 2 anos</b>	107
<b>3.6.1.</b>	<b>Publicação dos professores do colegiado de Geografia</b>	108
<b>3.7.</b>	<b>Planejamento da monitoria, iniciação científica e outras formas de apoio ao aluno</b>	116
<b>3.8.</b>	<b>Plano de estágio curricular obrigatório</b>	116
<b>3.8.1.</b>	<b>O Estágio supervisionado no Curso de Geografia</b>	116
<b>3.9.</b>	<b>Atividades curriculares complementares</b>	119
<b>3.10.</b>	<b>Plano de avaliação do curso</b>	120
<b>3.11.</b>	<b>Projetos de extensão</b>	120
<b>4.</b>	<b>CORPO FUNCIONAL</b>	122
<b>4.1.</b>	<b>Corpo docente</b>	122
<b>4.2.</b>	<b>Coordenação</b>	122
<b>4.3.</b>	<b>Pessoal técnico-administrativo</b>	122
<b>4.4.</b>	<b>Colegiado do curso</b>	122
<b>5.</b>	<b>ESTRUTURA FÍSICA E EQUIPAMENTOS</b>	124
<b>5.1.</b>	<b>Biblioteca</b>	124
<b>5.2.</b>	<b>Laboratórios de ensino e de pesquisa</b>	124
<b>5.3.</b>	<b>Recursos de apoio didático</b>	124
<b>5.4.</b>	<b>Infraestrutura existente para oferta dos cursos</b>	124

**Parte 1 – Educação a distância: concepção e  
implementação na Universidade Estadual do  
Ceará**

# 1. Introdução

---

O Ministério de Educação/MEC, com a finalidade de atender à demanda de formação de professores para a rede pública de ensino, criou, em 2005, a Universidade Aberta do Brasil (UAB) com o objetivo de promover a articulação e integração experimental de um sistema nacional de educação superior. Esse sistema, constituído por Instituições públicas de ensino superior, pretende levar ensino público de qualidade nos níveis de graduação e de pós-graduação aos municípios brasileiros que não têm oferta de cursos superiores ou cuja oferta não é suficiente para atender a todos os cidadãos.

A Universidade Estadual do Ceará/UECE oferece sete cursos de graduação à distância em parceria com a UAB, conforme quadro a seguir:

<b>Curso/Centro</b>	<b>Municípios</b>
Licenciatura em Ciências Biológicas/CCS	Beberibe Itapipoca
Licenciatura em Física/CCT	Maranguape Tauá
Licenciatura em Geografia	Caucaia Itapipoca Maranguape Quixeramobim
Licenciatura em Química/CCT	Mauriti Orós
Licenciatura em Matemática/CCT	Mauriti Piquet Carneiro
Licenciatura em Artes/CH	Orós
Licenciatura em Informática/CCT	Brejo Santo Mauriti Missão Velha
Licenciatura em Pedagogia/CED	Beberibe Brejo Santo Campos Sales Jaguaribe Maranguape Mauriti Missão Velha Quixeramobim

Legenda: CCS-Centro de Ciências da Saúde; CCT: Centro de Ciência e Tecnologia; CH: Centro de Humanidades; CED: Centro de Educação.

O presente Projeto pedagógico está dividido em duas partes. A primeira dedicada a apresentar e descrever a proposta de educação à distância concebida pela UECE para os cursos de graduação e a segunda refere-se especificamente ao projeto pedagógico do Curso de Graduação em Geografia Licenciatura a Distância do Programa.



## 2. Histórico da EAD no Brasil

---

A introdução da EAD no Brasil remonta ao início do século XX, com uso de material impresso, à semelhança do que estava acontecendo em outros países, como Estados Unidos, Inglaterra e França, que tinham vivido suas primeiras ofertas de cursos à distância, por correspondência, em fins do século XIX. Nas primeiras décadas do século XX, surgem no Brasil os primeiros cursos a distância oferecidos pelo Instituto Monitor, voltados para a formação no ramo da eletrônica e pelo Instituto Universal Brasileiro (IUB), dirigidos para a formação de nível fundamental e médio.

Com os avanços no campo da radiodifusão, as emergentes experiências em educação à distância passam a experimentar o uso do rádio como mecanismo de EAD e é desta época a criação da Fundação Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923, doada para o Ministério da Educação e Saúde (MEC), a criação do Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e o início das escolas radiofônicas em Natal, que deram impulso à utilização desse veículo para fins educacionais.

Em 1960 se inicia uma ação sistematizada do Governo Federal em EAD, mediante estabelecimento de contrato entre o MEC e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) que previa a expansão do sistema de escolas radiofônicas abrangendo os estados nordestinos e fazendo surgir o Movimento de Educação de Base (MEB), que incluía um sistema de ensino a distância não formal. Cinco anos depois, começavam a ser realizados os trabalhos da Comissão para Estudos e Planejamento da Radiodifusão Educativa, seguida da instalação de oito emissoras da televisão educativa pelo poder público: TV Universitária de Pernambuco, TV Educativa do Rio de Janeiro, TV Cultura de São Paulo, TV Educativa do Amazonas, TV Educativa do Maranhão, TV Universitária do Rio Grande do Norte, TV Educativa do Espírito Santo e TV Educativa do Rio Grande do Sul. Em 1970, nasceu o Projeto Minerva, através de decreto ministerial e da portaria N° 208/70.

A primeira e mais longa geração da EAD no Brasil, assim como em todo o mundo, privilegiou o uso de material textual impresso e foi sucedida por gerações que acrescentaram uso de elementos audiovisuais (televisão, vídeo), rádio e telefone, incluindo depois as telecomunicações e uso da informática sem ligação à rede até chegar à geração na qual há a criação de ambientes virtuais de aprendizagem com processos de ensino-aprendizagem multimidiáticos e multilaterais. Só na década de 1990 é que surgiram as primeiras ferramentas de apoio à aprendizagem virtual no Brasil, com o suporte da tecnologia digital, permitindo a maior interação entre agentes de forma não presencial, desenvolvendo a EAD on-line.

O processo de normalização da EAD no Brasil ocorreu a partir da publicação da LDB de 1996 (N° 9.394/96), com o artigo 80 quando menciona que “O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a vinculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e

modalidades de ensino, e de educação continuada". Tal reconhecimento, apesar das críticas declaradas pelo uso do termo "ensino à distância" e não "educação à distância" por autores como Demo (1998)<sup>1</sup>, representou um avanço significativo para as iniciativas que já estavam em andamento nesse sentido e estimularam a adoção mais frequente dessa modalidade.

Após legitimado e regulamentado pelo Decreto Nº 2.494/98, em Art. 1º, a "educação à distância" passa a ter uma definição oficial:

A Educação à distância é uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação.

O Decreto Nº 2.561/98 e a Portaria Ministerial Nº 301/98 alteram os artigos 11 e 12 do Decreto Nº 2.494/98 e normalizam os procedimentos de credenciamento das instituições interessadas em oferecer cursos a distância em níveis de graduação e educação profissional tecnológica.

Com as definições apresentadas na LDB, o Governo federal procurou criar condições para que a viabilização concreta de atividades envolvendo EAD ocorresse, capacitando pessoal para o desenvolvimento de materiais instrucionais, estimulando a prática mais intensiva dessa modalidade de ensino como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais.

De 1994 a 2009 a história da EAD no Brasil registra avanços significativos e de forma acelerada, chegando a compensar o lento ritmo com que caminhou na segunda metade do século XX em relação a outros países que criaram seus sistemas de EAD. Importante destacar que nesses 15 anos o país conseguiu estabelecer a base legal que orienta esta modalidade de ensino, criou mecanismos para a certificação de instituições que trabalham com educação à distância, analisou propostas e emitiu autorização de cursos, estimulou o desenvolvimento de pesquisas que vieram a produzir modelos pedagógicos.

Foi com a publicação da LDB de 1996, que a EAD no Brasil iniciou um processo de crescimento acelerado. Embora não seja possível ignorar as experiências desenvolvidas e implementadas pelas Universidades públicas, é inegável que o setor privado tomou a dianteira na oferta desta modalidade de ensino, pelo menos nos primeiros dez anos.

A Universidade Aberta do Brasil (UAB) surge como uma iniciativa do MEC visando a inclusão social e educacional por meio da oferta de educação superior a distância. Ciente de que a ampliação de vagas nas Universidades federais enfrentava sérias limitações, o MEC viu na UAB a possibilidade de democratizar, expandir e interiorizar o ensino superior público

---

<sup>1</sup> DEMO, P. Metodologia para quem quer aprender. Atlas, São Paulo, 2008.

e gratuito no País, com apoio da educação à distância e a incorporação de novas metodologias de ensino, especialmente o uso de tecnologias digitais.

Sua institucionalização ocorreu pelo Decreto nº 5.800/2006 que dispõe sobre o Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) e buscou incentivar as Instituições públicas a participarem de programas de formação inicial e continuada de professores para Educação Básica que podiam ser ofertados na modalidade a distância, se colocando com uma alternativa imediata para um problema crônico: a carência de professores para atuarem na educação básica.

O programa UAB oferece cursos de graduação, sequencial, pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu* prioritariamente orientados para a formação de professores e administração pública. O funcionamento desses cursos a distância a partir de uma metodologia de ensino com o apoio de novas tecnologias são implementados por Instituições de educação superior (Universidades ou Institutos federais) e que possuem como ponto de apoio presencial os polos localizados em diversos municípios que tiveram suas propostas de criação de pólo aprovadas pela CAPES.

A UAB não constitui uma nova instituição para o MEC. Na verdade ela apresenta uma configuração de rede, envolvendo as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) e as Instituições Públicas de Ensino Superior (IPES), que no caso, representam as Universidades estaduais, incluídas a partir do segundo edital (2006/2007).

### 3. Educação à distância na UECE: lições aprendidas

---

O primeiro programa de EAD da UECE iniciou-se em 1996 com a oferta do Programa Especial de Formação Pedagógica, direcionado para bacharéis que já exerciam atividades de magistério, ou quisessem exercê-las, no ensino fundamental e médio, sendo amparado legalmente pela Resolução Nº 2, de junho de 1997/MEC, que permitia a oferta desse tipo de curso com uso de EAD. Essa iniciativa foi se consolidando e fazendo com que a UECE constituísse um quadro de professores que, aos poucos adquiriu experiência e qualificação no uso das tecnologias da informação e comunicação na educação à distância.

Em 2002, uma nova oportunidade no uso da EAD surge para a UECE, com a oferta do Progestão, Programa de formação continuada de Gestores de escolas públicas, que agregou simultaneamente, um curso de extensão e outro de especialização como modalidades distintas, oferecidas para públicos com perfis de formação diversos. A experiência foi desenvolvida por meio de convênio interinstitucional entre a Secretaria da Educação Básica do Estado-SEDUC, a UECE e a Universidade do Estado de Santa Catarina, esta última responsável pelo projeto no âmbito nacional.

O Progestão se enquadrou numa logística de centralização da produção combinada com uma descentralização da aprendizagem, onde o processo de comunicação teve como meio principal a palavra escrita, estando associadas orientações por Tutoria, computador, televisão, telefone, fax, auto-avaliações, avaliações finais, avaliação de desempenho cognitivo, trabalho de conclusão do curso, para aqueles matriculados na especialização.

O curso teve início em março de 2002, contando com 6.067 cursistas matriculados no programa de extensão e 4.842 alunos matriculados no curso de especialização. A formatação do curso no estado do Ceará incorporou, além do material impresso, dos vídeos e da Tutoria, a utilização de novas tecnologias como a construção de páginas eletrônicas dirigidas para o curso, correio eletrônico para comunicação entre cursistas e programas televisivos, em canal aberto, dirigidos para cada um dos módulos abordados.

A experiência da oferta de cursos a distância em um Núcleo vinculado a um Centro, no caso o NECAD do Centro de Educação-CED, começou a se mostrar institucionalmente complicado em decorrência de aspectos administrativos que terminavam por submeter um Centro a outro. Tais dificuldades fizeram com que a Reitoria propusesse a criação da Secretaria de Educação à distância (SEAD), implantada inicialmente na PROGRAD em 2005. A criação da SEAD foi regulamentada pelo Conselho Diretor através da Resolução Nº 355/CD, de 09 de maio de 2008.

A SEAD foi criada como órgão suplementar, vinculada estruturalmente à Reitoria da UECE e tem como objetivos:

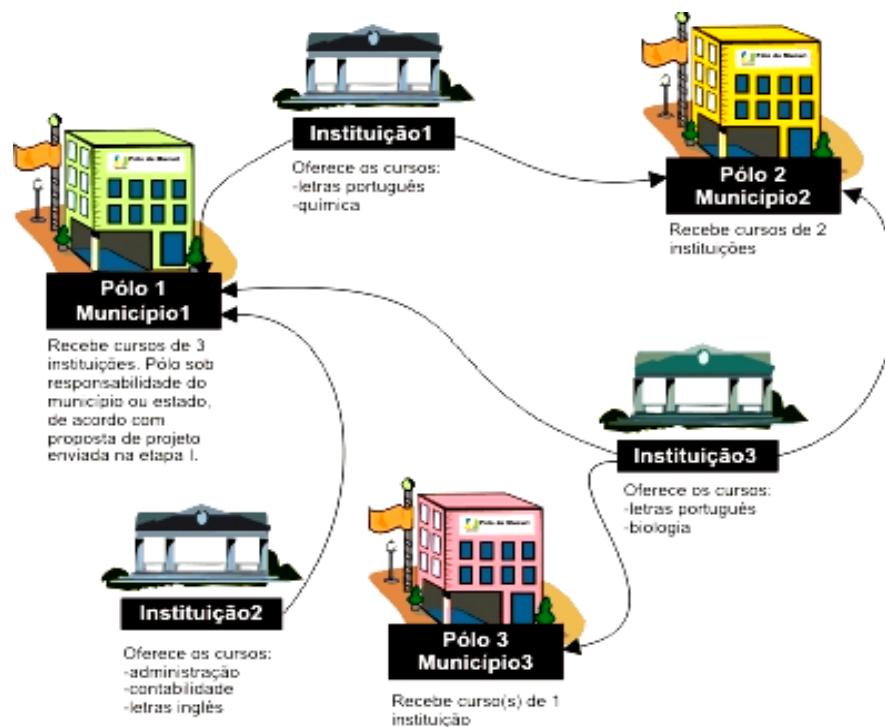
- Sistematizar e propor, em conjunto com Centros, Faculdades e Pró-reitorias, políticas, projetos e ações em Educação à distância (EAD) a serem realizadas pela UECE.
- Coordenar os projetos e ações em EAD na UECE nas áreas de ensino, pesquisa e extensão.
- Construir uma identidade institucional interna e externa para a política e ações da UECE em EAD.
- Operar uma plataforma única de EAD para a UECE.
- Analisar e recomendar, quando for o caso, a aprovação pelo Reitor, dos orçamentos de execução de cursos, de propostas de convênios, contratos e oferta de cursos na modalidade em EAD, reservando-se parte dos recursos para manutenção da SEAD.

A partir da criação da SEAD, as ações de EAD da UECE passaram a confluir para este setor. É nessa nova configuração institucional da EAD na UECE que se implantam os cursos aprovados no Edital de Seleção UAB Nº 01/2006-SEED/MEC/2006/2007.

## 4. A Universidade Aberta do Brasil e a participação da UECE: pressupostos

A Universidade Aberta do Brasil é formada por uma “rede nacional experimental voltada para pesquisa e para a educação superior (compreendendo formação inicial e continuada) que será formada pelo conjunto de instituições públicas de ensino superior, em articulação e integração com o conjunto de Polos municipais de apoio presencial”<sup>2</sup>.

A figura 1 mostra como se estrutura o sistema UAB.

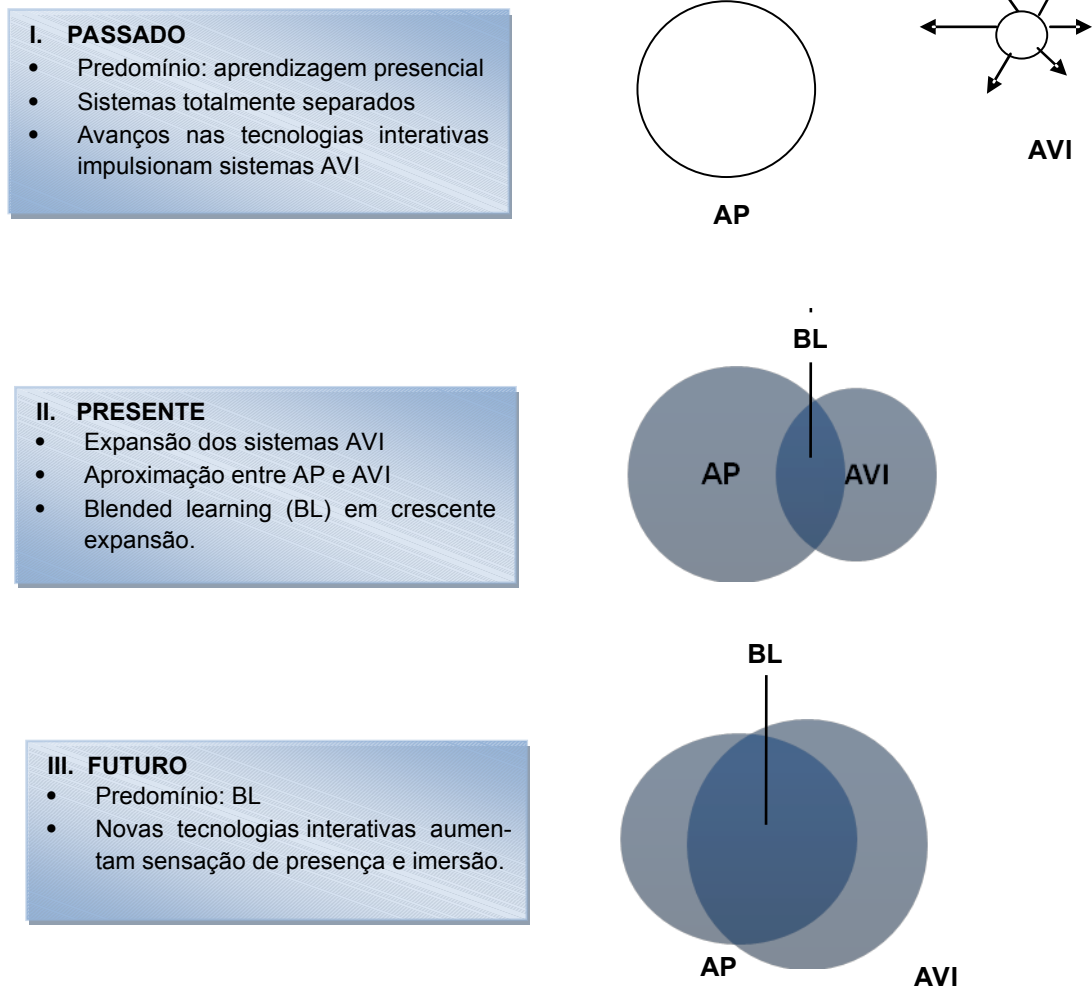


Ainda no ano 2005 foi lançado o primeiro Edital para oferta de cursos de graduação na modalidade a distância. Entre as instituições que concorreram ao referido Edital, a UECE integrou consórcio junto com a Universidade de Brasília para oferta do curso de Licenciatura em Letras. Ampliando o raio de ação na oferta de educação superior na modalidade EAD, a UECE também participa do consórcio interinstitucional para oferta do curso de graduação em Administração, com apoio do Banco do Brasil.

No ano de 2006, o MEC lança o Edital de Seleção UAB N° 01/2006-SEED/MEC/2006/2007, para oferta de cursos de Graduação, Licenciatura. Neste Edital, a UECE apresentou a proposta de oferta de sete cursos – Física, Química, Ciências Biológicas, Matemática, Pedagogia, Informática e Artes Plásticas – que aprovadas, tiveram suas atividades iniciadas em 2009.

A proposta da UAB/UECE para a oferta de cursos de graduação na modalidade de educação à distância, busca incorporar o uso das novas tecnologias e o crescente grau de interatividade que tem permitido alterar as relações de tempo de espaço, caminhando para uma convergência entre o real e o virtual. Isso nos leva a redefinir os limites entre o que seja educação presencial e educação à distância e a criação de um modelo de oferta que, na literatura internacional, se denomina *blended learning* que se pode traduzir como cursos híbridos.

A figura 2, adaptada de Graham (2005)<sup>3</sup> mostra a evolução dos sistemas de aprendizagem virtual interativa (AVI) e a convergência com a aprendizagem presencial (AP), gerando o *blended learning* (BL).



Assim, adotando a definição de Graham (2005)<sup>4</sup>, podemos afirmar que a *blended learning* consiste na combinação de aprendizagem presencial com aprendizagem virtual intera-

<sup>2</sup> In <http://portal.mec.gov.br/seed>

<sup>3</sup> GRAHAM, C. R. "Blended learning systems: definition, current trends, and future directions". In: BONK, C.J.; GRAHAM, C. R.; CROSS, J.; MOORE, M.G. (eds.) **The handbook of blended learning: global perspectives, local designs**. São Francisco: Pfeiffer Publishing, 2005

tiva. Nessa perspectiva, se na modalidade presencial pode-se fazer uso de diversas linguagens, na educação à distância todas podem ser utilizadas simultaneamente, conferindo-se ao processo um potencial maior de comunicação e integração espaço/tempo. Este modelo apresenta como vantagem o fato de que nas atividades remotas, ou com apoio de recursos virtuais, é possível atender a diferentes estilos e ritmos de aprendizagem e aumentar a produtividade do professor e do aluno.

Hoje, um aluno a quilômetros de distância pode interagir face a face com seu professor, enquanto outro, assistindo a uma aula presencial, pode passar todo o tempo sem nenhuma interação. A relativização dos termos presencial, a distância, real e virtual se colocam num novo paradigma comunicacional, que na visão de Levy <sup>5</sup> representa uma mudança de mentalidade e a construção de um novo mundo.

Um dos desafios para os cursos de EAD é atingir um equilíbrio adequado entre estudo independente e atividades interativas. A interação não é sinônimo apenas de interação professor/aluno, mas há que se considerar diversos tipos de interatividade e diversas tecnologias que podem ser utilizadas, respeitando as características próprias de cada mídia e o planejamento da interação concebido para o curso em EAD.

No caso dos cursos oferecidos na UAB/UECE, a opção institucional foi pela adoção da modalidade a distância conforme preconiza a proposta da UAB, com a inclusão de recursos tecnológicos que permita graus diferenciados de interatividade, situando na proposta de Graham no cenário II.

---

<sup>4</sup>GRAHAN C.R apud TORI, Romero. Cursos híbridos ou blended learning. In LITTO, F. M. e FORMIGA, M. **Educação à distância: o estado da arte.** São Paulo: PEARSON Prentice Hall e ABED. 2009.

<sup>5</sup> LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência.** Rio de Janeiro. Editora 34. 1999.



## 5. A proposta para EAD na UECE: premissas e fundamentos

---

A concepção que orienta os cursos de graduação oferecidos na modalidade de educação à distância na UECE adota o modelo andragógico de aprendizagem, que se refere a uma educação centrada no aprendiz, para pessoas de todas as idades.

Segundo Knowles(1970)<sup>6</sup>, o modelo andragógico está fundamentado em quatro premissas básicas para os aprendizes, todas ligadas à capacidade, necessidade e desejo de eles mesmos assumirem a responsabilidade pela aprendizagem, que são:

1. O posicionamento muda da dependência para a independência ou autodirecionamento.
2. As pessoas acumulam um reservatório de experiências que pode ser usado como base sobre a qual será construída a aprendizagem.
3. Sua prontidão para aprender torna-se cada vez mais associada com as tarefas de desenvolvimento de papéis sociais.
4. Suas perspectivas de tempo e de currículo mudam do adiamento para o imediatismo da aplicação do que é aprendido e de uma aprendizagem centrada em assuntos para outra, focada no desempenho. (DEAQUINO, 2207, p. 11-12)<sup>7</sup>

Para Furter (1974)<sup>8</sup> a andragogia se coloca como a filosofia, ciência e técnica da educação de adultos, que se preocupa com a formação do homem ao longo da vida, “integrando à aprendizagem as possibilidades de autodidatismo ao considerar que as pessoas têm potencial de aprender continuamente, o tempo todo e em qualquer lugar, sem que existam intervenções explícitas com intenção de ensinar” (ALMEIDA 2009, p. 106)<sup>9</sup>

Esse modelo de aprendizagem tem seus fundamentos na experiência educativa de Dewey, na construção do conhecimento de Piaget, na interação social de Vigotsky e na educação transformadora de Paulo Freire. Do primeiro, é importante considerar a concepção de que a educação não se restringe ao ensino do conhecimento como algo acabado – mas que o saber e habilidade que o estudante adquire podem ser integrados à sua vida como cidadão, pessoa, ser humano. Dewey defende que a experiência se constitui o funda-

<sup>6</sup> KNOWLES, M. **The modern practice of adult education: andragogy versus pedagogy**. New York: Associated Press, 1970.

<sup>7</sup> DEAQUINO, Carlos Tasso Eira. **Como aprender: andragogia e as habilidades de aprendizagem**. São Paulo: PEARSON Prentice Hall, 2009.

<sup>8</sup> FURTER, P. **Educação Permanente e desenvolvimento cultural**. Petrópolis: Vozes, 1974.

<sup>9</sup> ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. As teorias principais da andragogia e heutagogia. In LITTO, F. M. e FORMIGA, M. **Educação à distância: o estado da arte**. São Paulo: PEARSON Prentice Hall e ABED, 2009.

mento da realidade, levando o aprendiz a romper com a perspectiva tradicional de entendimento de experiência com um vínculo entre o ser vivo e seu ambiente, na dimensão física e social. A proposta de Dewey, que fundamenta a escola ativa, tem base na relação entre experiência e educação.

As contribuições de Piaget e Vigotsky estão presentes de forma bastante efetiva nas formulações e definições das estratégias de interação. Esses dois teóricos cognitivistas e interacionistas, deram contribuições relevantes no entendimento sobre os conceitos de aprendizagem e desenvolvimento humano. Ambos são considerados construtivistas em suas concepções de desenvolvimento intelectual, afirmando que a inteligência é construída a partir das relações recíprocas do homem com o meio.

Quanto ao desenvolvimento intelectual, percebe-se que esses dois autores tinham a preocupação de entender como se dava o desenvolvimento da inteligência. Mas enquanto Piaget se interessava pelo modo como o conhecimento é adquirido e primariamente formado, onde a teoria é um acontecimento da invenção ou construção que ocorre na mente do indivíduo, Vygotsky atentava como os fatores sociais e culturais, herdados em uma sociedade, eram trabalhados na mente do indivíduo de modo que influenciassem no desenvolvimento intelectual.

Piaget (1996)<sup>10</sup> acreditava em uma construção individual, singular, diferente. Para ele o indivíduo adquire uma forma própria de se desenvolver no social, mediante a construção pessoal desse conhecimento e que ocorre uma organização interna das experiências com, posteriormente, adaptação ao meio. Para Vygotsky (1989)<sup>11</sup> o indivíduo constrói e internaliza o conhecimento que seres mais instruídos possuem, sendo uma teoria de transmissão direta do conhecimento da cultura para o indivíduo.

No âmbito educacional, também se encontra divergência entre esses dois autores. Piaget (1973) considera a construção individual do conhecimento, que é copiada de um referencial ou de um modelo. Diante de um desequilíbrio que pode ser mediado por fatores externos sociais, conhecimentos anteriores são reconstruídos. Desta forma, o papel do professor estaria em encorajar o aluno a achar soluções para suas indagações.

Por outro lado, para Vygotsky (2009), o professor tem a função de explicar o conhecimento para que seja possível a construção do conhecimento individual a partir daquilo que é oferecido. Assim, a função do professor estaria centrada em modelar o conhecimento, ser facilitador e transmissor da cultura.

Na obra *Pedagogia da Autonomia*, Freire (1996) define a autonomia como algo que “vai se construindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. Para ele,

---

<sup>10</sup> PIAGET, Jean. **Biologia e Conhecimento**. 2ª Ed. Vozes: Petrópolis, 1996.

<sup>11</sup> VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

(...) a autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras de decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade (p.107).

A experiência autônoma, fundada na liberdade, é algo que se constitui desde o exercício de pequenas decisões cotidianas tomadas com responsabilidade. A educação deve guiar-se pela importância do amadurecimento na realização das escolhas, das decisões com responsabilidade.

A andragogia tem como principal objetivo aumentar o conhecimento dos alunos, acrescentando conhecimentos que possam ser aproveitados de maneira prática. Assim, o ensino andragógico resulta na criação e especialização de conhecimentos, atitudes e habilidades que, ao serem praticadas, trazem novos resultados como reflexões, novos modos de compreensão e intervenção direta na vida do praticante e na das pessoas que com ele convivem.

Entre os objetivos do modelo andragógico, podemos destacar os seguintes aspectos relevantes:

1. **Desenvolver capacidades a curto prazo.** As novas tecnologias da informação e comunicação surgem de maneira rápida e inesperada e, não estar apto a lidar com elas, pode resultar em catástrofes, seja na vida pessoal ou profissional. Assim, torna-se imperativo que as pessoas procurem se adaptar ao meio em que vivem ou do contrário, pode ocorrer duas coisas: ela ficará para trás, estagnada, ou será excluída.
2. **Aumentar conhecimentos.** No mundo globalizado, informações surgem, alteram-se e são inovadas constantemente de forma rápida e gigantesca, e o conhecimento é a base para desenvolver qualquer habilidade ou atitude na prática. Logo, torna-se necessário construir essa base para buscar qualquer tipo de aperfeiçoamento.
3. **Melhorar atitudes e comportamentos.** Esse aspecto tem como objetivo atingir a forma ideal de trabalho, aperfeiçoando-o ao máximo para gerar resultados cada vez melhores, livrando-se de vícios comportamentais, criando a consciência da necessidade de mudança, buscando alterar pontos que geram incômodo e desconforto no aprendiz e fortalecendo pontos positivos.
4. **Modificar hábitos.** Estagnação e comodismo são características nocivas; resistir em mudar hábitos dos quais temos consciência de que nos prejudicam é pior ainda. A andragogia possibilita ao aluno identificar em si mesmo hábitos que são prejudiciais, e decidir se quer mudá-los ou excluí-los de seu cotidiano, sempre baseado em atitudes e experiências anteriores que reforçam sua observação e decisão.

5. **Desenvolver a auto-aprendizagem.** A aprendizagem é um processo para se adaptar ao mundo: quanto maior a capacidade de aprendizado mais fácil se torna a adaptação e, conseqüentemente, menor é o risco de ser eliminado no processo de seleção natural.

Como é o adulto quem define o que quer aprender ou não, o ensino se torna mais direcionado, as informações se tornam mais específicas e mais práticas. O aluno se torna o responsável por maior parte em seu próprio ensino e é incentivado a buscar, por conta própria, maiores informações da maneira que julgar convencional. Afinal, o adulto é um indivíduo responsável por sua pessoa e assume caráter autônomo na sociedade.

Linderman (1926)<sup>12</sup> identificou cinco pressupostos principais que são pontos-chave na aprendizagem do adulto. São eles:

- Adultos são motivados a aprender, à medida que percebem que as necessidades e interesses que buscam estão, e continuarão sendo satisfeitos. Por isto estes são os pontos mais apropriados para se dar início à organização das atividades de aprendizagem do adulto.
- A orientação de aprendizagem do adulto está centrada em sua vida; portanto, as unidades apropriadas para se organizar seu programa de aprendizagem são as situações de vida e não as disciplinas. O aluno é quem deve determinar junto ao professor o que deve ser ensinado para que seus anseios sejam satisfeitos.
- A experiência é a mais rica fonte para o adulto aprender; por isso, o centro da metodologia da educação do adulto é a análise das experiências externas, e do próprio cotidiano de cada aluno. Praticamente todo o conteúdo deve ser de utilidade prática e imediata, porém resultando em mudanças de atitudes e especialização de habilidades que geram resultados a longo prazo. “Nós aprendemos aquilo que fazemos e vivemos. A experiência é o livro-texto vivo do adulto aprendiz.”
- Adultos têm uma profunda necessidade de serem autogeridos; por isto o papel do professor é engajar-se no processo de mútua investigação com os alunos e não apenas transmitir-lhes seu conhecimento e depois avaliá-los.
- As diferenças individuais entre pessoas cresce com a idade; por isto a educação de adultos deve considerar as diferenças de estilo, tempo, lugar e ritmo de aprendizagem.

Estudos mostram que existem relações evidentes entre o modelo andragógico e o paradigma construtivista e a compreensão que ambos possuem sobre a aprendizagem hu-

---

<sup>12</sup> Eduard C. Linderman (USA) foi um dos maiores contribuidores para a pesquisa da educação de adultos através do seu trabalho “The Meaning of Adult Education” publicado em 1926 e conceituado até os dias atuais. Suas idéias eram fortemente influenciadas pela filosofia educacional de John Dewey. Ver mais informações no endereço (<http://br.search.yahoo.com/search;ylt=A0oG75n5SaZN.BgBbVGjIRh.?p=Dewey+andragogia&fr2=sb-top&fr=yfp-t-707&rd=r1>). Acesso em 14 de abril de 2011.

mana. Para ambos, importa desenvolver uma formação integral, permanente, crítica e sobretudo, construída pelo próprio indivíduo que aprende e, às vezes, ensina, reintegrando em si o conhecimento, numa construção pessoal e única.

Neste sentido “a pertinência da oposição entre pedagogia e andragogia pode ser fortemente questionada a partir de uma concepção da formação que se confunde com um processo global, multiforme e complexo de socialização”, não correspondendo a realidades totalmente diferentes e muito menos opostas. (Canário, 1999)<sup>13</sup>.

**Quadro 1 - Comparativo entre os modelos pedagógicotradicional e andragógico**

	<b>Modelo Pedagógico Tradicional</b>	<b>Modelo Andragógico</b>
<b>Papel da Experiência</b>	A experiência daquele que aprende considerada de pouca utilidade. O que é importante, pelo contrário, é a experiência do professor.	Os adultos são portadores de uma experiência que os distingue das crianças e dos jovens. Em numerosas situações de formação, são os próprios adultos com a sua experiência que constituem o recurso mais rico para as suas próprias aprendizagens.
<b>Vontade de aprender</b>	A disposição para aprender aquilo que o professor ensina tem como fundamento critérios e objetivos internos à lógica escolar, ou seja, a finalidade de obter êxito e progredir em termos escolares.	Os adultos estão dispostos a iniciar um processo de aprendizagem desde que compreendam a sua utilidade para melhor afrontar problemas reais da sua vida pessoal e profissional.
<b>Orientação da Aprendizagem</b>	A aprendizagem é encarada como um processo de conhecimento sobre um determinado tema. Isto significa que dominante a lógica centrada nos conteúdos, e não nos problemas.	Nos adultos a aprendizagem é orientada para a resolução de problemas e tarefas com que se confrontam na sua vida quotidiana (o que desaconselha uma lógica centrada nos conteúdos)
<b>Motivação</b>	A motivação para a aprendizagem é fundamentalmente resultado de estímulos externos ao sujeito, como é o caso das classificações escolares e das apreciações do professor.	Os adultos são sensíveis a estímulos da natureza externa (notas, etc.), mas são os fatores de ordem interna que motivam o adulto para a aprendizagem (satisfação, autoestima, qualidade de vida, etc.)

Fonte: (Goecks, 2003).

### 5.1. Processos de interação em EAD na UAB/UECE

No caso da educação à distância, as primeiras contribuições sobre processos de interação foram dadas por Moore (1989)<sup>14</sup> que destaca as relações entre alunos, professores e conteúdo em EAD por meio de três tipos de interação: aluno/professor, aluno/aluno e aluno/contéudo. Em 1994, Hillman, Willis e Gunawardena<sup>15</sup> adicionam a interação alu-

<sup>13</sup> CANARIO.R. **Educação de adultos: um campo e uma problemática**. Lisboa. Educa; 1999.

<sup>14</sup> MOORE, M. apud MATTAR, João. Interatividade e aprendizagem. In LITTO, F.M e FORMIGA, M. Educação a distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Prentice Hall e ABED, 2009

<sup>15</sup> Idem

no/interface, uma vez que as novas tecnologias estão adentrando o universo da EAD e as questões relacionadas à interface homem-máquina ganhavam espaço nas discussões sobre ensino e aprendizagem. Soo e Bon<sup>16</sup> (1998) acrescentam a interação do aluno com ele próprio ou interação interpessoal (BERGE, 1999)<sup>17</sup>, que enfatiza a importância do diálogo interno do aluno consigo mesmo quando da interação com o conteúdo.

Sutton (2001)<sup>18</sup> introduz a ideia da interação vicária, que é um tipo de interação silenciosa em que o aluno observa as discussões e os debates presenciais ou virtuais sem dele participar ativamente, o que não quer dizer que não esteja envolvido com o conteúdo e se processando aprendizagem. Em 2003, Anderson amplia a perspectiva de Moore incluindo mais três tipos de interação: professor/professor<sup>19</sup>, professor/contéudo e contéudo/contéudo.

Assim sendo, a interatividade pode ser implementada como um *continuum* em que os espectros do espaço e do tempo podem intensificar-se graças a pervasividade e ao baixo custo das tecnologias interativas.

**Figura 1: Continuum da interatividade**



Fonte: Laurel, 1991, adaptado.

No projeto UAB/UECE as estratégias de interação se dão a partir de alguns pressupostos apontados na literatura da área, e estão claramente definidas no que tange a relação professores, alunos e conteúdos, considerando que esse triângulo didático pode se articular a partir de várias dimensões, quais sejam:

- **Alunos/Professor:** a interação aluno/professor se dá tanto presencial como a distância. Cada disciplina do curso prevê um conjunto de encontros presenciais que contam com a mediação de professores formadores. Esses docentes se deslocam aos Polos de apoio presencial e lá realizam encontros com a turma de alunos, para esclarecer conceitos, dirimir dúvidas, aprofundar aspectos relevantes da disciplina, atender de forma personalizada demandas específicas de cada aluno. Os professores formadores também participam das interações on line síncronas e assíncronas estabelecidas no AVA Moodle, auxiliando os Tutores

<sup>16</sup> Idem

<sup>17</sup> Idem

<sup>18</sup> Idem

presenciais e a distância nos processos de mediação com os alunos. Incluindo as avaliações.

- **Aluno/Aluno:** com uso da interface disponibilizada no Ambiente Virtual de Aprendizagem Moodle, os alunos se comunicam usando o Fórum de Interação, e-mail e outras ferramentas. Neste tipo de interação é importante destacar os aspectos colaborativo e cooperativo que os alunos conseguem estabelecer, diminuindo a sensação de isolamento do estudo a distância. Segundo Mattar (2009)<sup>20</sup>, “essa interação também desenvolve o sendo crítico e a capacidade de trabalhar em equipe e, muitas vezes, cria a sensação de pertencer a uma comunidade”

**Aluno/Conteúdo:** esta interação se dá através da disponibilização do livro texto básico produzido especificamente para a disciplina e colocado no AVA Moodle em formato pdf para acesso pelos alunos, bem como distribuído em modo impresso para os mesmos. Para apoiar o estudo individualizado dos conteúdos, os alunos ainda contam com interações realizadas pelo **Tutor a distância**, que se utiliza do Ambiente Virtual de Aprendizagem com recursos síncronos e assíncronos para responder aos alunos no que tange ao domínio cognitivo da disciplina e também o **Tutor Presencial**, que se encontra no Polo municipal e que atende de forma presencial e permanente os alunos. A relação aluno/conteúdo pode também ser mediada pelos **Coordenadores** do Curso e de Tutoria, de forma presencial ou a distância.

- **Aluno/Interface:** é um tipo de interação que ocorre entre o aluno e a tecnologia, uma vez que esta é a mediadora das possibilidades de interação deste com o conteúdo, o professor, os Tutores e outros alunos. Assim, é imprescindível que o design instrucional do curso leve em consideração estratégias que facilitem a aquisição das habilidades necessárias para participar adequadamente do curso, e para tanto, a atenção as interfaces homem-máquina na preparação e disponibilização das ferramentas de EAD é fundamental.
- **Interação Interpessoal:** inclui as reflexões do aluno sobre o conteúdo e o próprio processo de aprendizado. Esse tipo de interação parte do pressuposto de que o aluno adulto tem seu senso crítico desenvolvido, o que permite que ele examine de uma perspectiva fora do seu ponto de vista, a sua evolução e desenvolvimento ao longo do curso. Ele também deve ser capaz de pronunciar enunciados críticos sobre si mesmo, sem aceitar de forma automática, suas próprias opiniões ou opiniões alheias.

As metodologias adotadas nas disciplinas do curso oferecido na modalidade a distância apresentam graus de interatividade distintos, em que os espectros do espaço e do tempo podem intensificar-se graças a pervasividade e ao baixo custo das tecnologias interativas.

---

<sup>19</sup> Idem

<sup>20</sup> MATTAR, João. Interatividade e aprendizagem. In LITTO, F. M. e FORMIGA, M. **Educação à distância: o estado da arte..** São Paulo: PEARSON Prentice Hall e ABED. 2009

Desta forma, os processos de interações são realizados entre aluno/professor, aluno/aluno e aluno/conteúdo, aluno/interface e interação interpessoal. Nos cursos do sistema UAB/UECE, as interações se dão da seguinte forma:

- O **Professor Formador** trabalha diretamente com os alunos e **Tutores** auxiliando-os nas atividades de rotina, disponibilizando o *feedback* sobre o desenvolvimento do curso, buscando proporcionar a reflexão em equipe sobre os processos pedagógicos e administrativos, e com isso, viabilizar novas estratégias de ensino-aprendizagem.
- O **Tutor a distância** atua como elo de ligação entre os estudantes e o professor, e entre os estudantes e a instituição. Cumpre o papel de facilitador da aprendizagem, esclarecendo dúvidas, reforçando a aprendizagem, coletando informações sobre os estudantes e principalmente estimulando e motivando os alunos.
- O **Tutor presencial** atua como elo entre o estudante, os Professores, os Tutores a distância e a instituição. Cumpre o papel de apoiadores do processo de aprendizagem nos Polos do curso e é responsável pela assistência presencial ao aluno.



## 6. Recursos educacionais

---

A educação à distância apresenta características específicas, rompendo com a concepção da presencialidade no processo de ensino-aprendizagem. Para a EAD, o ato pedagógico não é mais centrado na figura do professor, e não parte mais do pressuposto de que a aprendizagem só acontece a partir de uma aula realizada com a presença deste e do aluno.

Sua concepção se fundamenta no fato de que o processo de ensino-aprendizagem pode ser visto como a busca de “uma aprendizagem autônoma, independente, em que o usuário se converte em sujeito de sua própria aprendizagem e centro de todo o sistema” (RIANO, 1997, p. 21).<sup>21</sup> Isso naturalmente vai contribuir para formação de cidadãos ativos e críticos que procuram soluções e participam de maneira criativa nos processos sociais. Ou seja, a EAD, pelos próprios mecanismos pedagógicos adotados, favorece a formação de cidadãos mais engajados socialmente, conscientes de sua autonomia intelectual e capazes de se posicionar criticamente diante das mais diversas situações.

As ações de EAD são norteadas por alguns princípios, entre eles:

- Flexibilidade, permitindo mudanças durante o processo, não só para os professores, mas também, para os alunos.
- Contextualização, satisfazendo com rapidez demandas e necessidades educativas ditadas por situações socioeconômicas específicas de regiões ou localidades.
- Diversificação, gerando atividades e materiais que permitam diversas formas de aprendizagem.
- Abertura, permitindo que o aluno administre seu tempo e espaço de forma autônoma (LEITE, 1998, p. 38)<sup>22</sup>

Para um bom desempenho e maior eficiência nas atividades de aprendizagem é importante adotar algumas rotinas e procedimentos como:

- Ler os livros-textos, refletindo acerca dos conceitos, idéias e exemplos apresentados pelos autores, procurando identificar os conceitos mais relevantes e as idéias chaves que o(s) autor(es) apresentam.
- Registrar todas as dúvidas. Algumas dessas dúvidas podem ser esclarecidas no decorrer da leitura do texto, mas outras persistem e precisa de orientações externas para seu esclarecimento. O serviço de Tutoria presencial e a distância está a disposição para ajudar no que for necessário e o aluno não se sentir desamparado no processo de construção do conheci-

<sup>21</sup> RIANO, M. B. R. La evaluación em Educación a distância In **Revista Brasileira de Educação à distância**. Rio de Janeiro. Instituto de Pesquisas Avançadas. Ano IV, N° 20 1997. p. 19-35.

<sup>22</sup> LEITE, L. S., VIEIRA, M. L. S e SAMPAIO, M. N. Atividades não presenciais: preparando o aluno para a autonomia In **Tecnologia Educacional**. Rio de Janeiro, ABT. Ano XXVI. N° 141. Abr/Mai/Jun/1997. p. 36-40.

mento. No Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) que o aluno tem acesso mediante *login* e senha, existem materiais de apoio como textos complementares, biblioteca, links e outros recursos que podem ajudar a dirimir dúvidas.

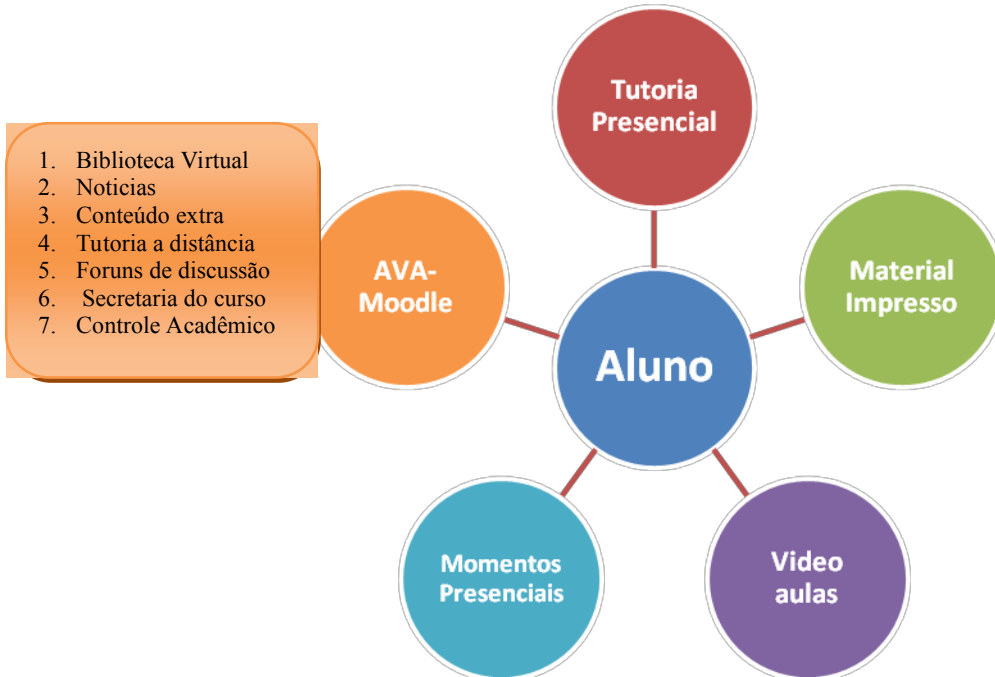
- Responder a todas as atividades que se encontram em cada seção ou tópico do livro-texto. Elas foram elaboradas para fixar melhor os conteúdos. Um dos fundamentos que orientam a produção de material didático em EAD é possibilitar uma maior interação do aluno com o texto. Para isso, ele é permeado por questionamentos e indagações que procuram construir um diálogo entre o leitor e o autor, levando o primeiro a estabelecer uma linha de raciocínio que vai sendo reforçada a cada reflexão levantada. A idéia é que o aluno vá conversando com o texto, concordando, discordando, pesquisando, argumentando e fortalecendo seu processo de construção do conhecimento.
- Formar grupo de estudos e discutir os conteúdos das disciplinas. A interação com outros colegas permite reflexões, troca de experiências e, conseqüentemente, facilita a aprendizagem.
- Visitar rotineiramente o AVA, pois lá encontrará as mais diversas informações e se manterá atualizado(a) sobre todas as atividades. Um dos pilares que assegura a permanência do aluno num curso de EAD é a frequência com que ele visita os ambientes virtuais que são disponibilizados. Ele não só encontrará informações atualizadas sobre o curso, mas se sentirá integrado à rede de profissionais que são responsáveis que execução do curso. Com a internet e as ferramentas criadas pelas novas tecnologias da informação e comunicação, o aluno poderá estabelecer contato por e-mail ou por redes sociais com outros colegas e interessados no tema, e sentir parte de uma verdadeira comunidade de aprendizagem.
- Verificar sempre a caixa de entrada de *e-mail*, pois será um importante canal de comunicação.

A figura a seguir apresenta a configuração do curso oferecido na modalidade EAD no que diz respeito à disponibilização de recursos pedagógicos síncronos e assíncronos.

A utilização de mídias variadas parte do pressuposto de que o aluno aproveita da melhor forma os recursos aos quais ele estiver mais familiarizado ou tenha mais interesse.

Ademais, fomentar a convergência e o diálogo entre as mídias no processo de aquisição de ensino-aprendizagem amplia as possibilidades de estímulo pedagógico e reforça a aquisição do conhecimento.

**Figura 1: Estrutura disponibilizada para alunos nos cursos oferecidos na modalidade EAD na UAB/UECE**



Os cursos de educação à distância vinculados ao sistema UAB tem seu formato apoiado na estruturação dos materiais didáticos utilizados por todos os envolvidos no processo educacional. Estes materiais se transformam em importantes canais de comunicação entre estudantes, professores, Tutores, a partir das diretrizes e princípios da proposta pedagógica do curso. Por isso, a necessidade de serem dimensionados, respeitando as especificidades inerentes à realidade de acesso do público-alvo a esta modalidade de educação.

No modelo andragógico definido, a aprendizagem é responsabilidade compartilhada entre professor e aluno, criando um alinhamento com a maioria dos alunos, que buscam independência e responsabilidade por aquilo que julgam ser importante aprender. Por tudo isso, a competência profissional de uma equipe básica para desenvolver materiais para EAD exige a inclusão e o trabalho conjunto e integrado do professor, dos especialistas em EAD e do criador/produtor dos materiais, ou seja, de uma equipe multidisciplinar.

Os fundamentos filosóficos, epistemológico e axiológico que orientam a produção dos materiais didáticos visam uma ampla integração da teoria e prática permitindo o desenvolvimento de trabalhos interdisciplinares, levando-se em conta os conceitos de autonomia, investigação, trabalho cooperativo, estrutura dialógica, interatividade e capacidade crítica dos educadores e educandos.

No contexto dos cursos de graduação da UAB/UECE são disponibilizados os seguintes recursos didáticos:

- Materiais impressos.
- Videoaulas.
- Ambiente Virtual de Aprendizagem.
- Videoconferências.

- Quadro branco eletrônico
  - Encontros presenciais ministrados por Professores formadores.
- A seguir detalharemos cada um desses recursos.

### 6.1. Material Impresso

A proposta de estruturação do material impresso tem como objetivo superar a convencional tradição expositivo-descritiva e levar tanto o estudante quanto o professor a construir juntos, o conhecimento. Esta abordagem significa ir além do domínio de técnicas, afinal, o professor é um profissional de quem se exige muito mais que apenas seguir receitas, guias e diretrizes, normas e formas como moldura para sua ação.

É importante que os materiais didáticos estejam integrados. Os autores de livros devem relacionar o conteúdo impresso com o ambiente *online* e com a temática das videoconferências. Esta indicação motiva o estudante a utilizar todos os recursos disponíveis no curso.

Num projeto que se caracteriza como formativo e comprometido com o processo de ensino/aprendizagem, como é o caso dos cursos da UAB/UECE, o meio impresso assume a função de base do sistema de multimeios. Não porque seja “o mais importante” ou porque os demais sejam prescindíveis, mas porque ele é o único elemento de comunicação fisicamente palpável e permanente, no sentido de pertencer ao seu usuário, mantendo-se à sua disposição onde, quando e quanto ele quiser.

O material impresso é um dos mais relevantes interlocutores nesse processo. Pela natureza de sua linguagem, o impresso não “invade” o sujeito. Bem ao contrário, é o sujeito que deve “invadi-lo”, explorá-lo, desvendá-lo – a seu modo, segundo seu ritmo, de acordo com seus interesses e necessidades. Somente deste modo haverá uma apropriação consciente da programação, respeitadas as personalidades e diferenças individuais de cada sujeito.

### 6.2. Vídeoaulas

Para diversos autores, inclusive Ferres (1996)<sup>23</sup> o uso do vídeo como recurso pedagógico se justifica a medida que quanto mais sentidos mobilizamos durante uma exposição, melhor é a porcentagem de retenção mnemônica, como mostram os quadros 2 e 3.

---

<sup>23</sup> FERRÉS, Joan. **Vídeo e Educação**. 2ª. Edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

**Quadro 2 – Capacidade de memorização**

Percentagem dos dados memorizados pelos estudantes
10% do que lêem
20% do que escutam
30% do que vêem
50% do que veem e escutam
79% do que dizem e discutem
90% do que dizem e depois realizam

**Quadro 3 – Métodos de ensino x memória x tempo**

Métodos de ensino	Dados mantidos após 3 horas	Dados mantidos após 3 dias
Somente oral	70%	10%
Somente visual	72%	20%
Oral e visual juntos	85%	65%

O uso dos recursos audiovisuais, especialmente o vídeo (DVD) amplia a capacidade de aprendizagem dos estudantes bem como atua no sentido da manutenção dessas informações na memória, por mais tempo. O vídeo (DVD) apresenta múltiplas possibilidades pedagógicas e usos diversificados, no entanto, no caso dos cursos da UAB/UECE as modalidades mais usadas são:

- **Videolição:** é a exposição sistematizada de alguns conteúdos. É o equivalente a aula expositiva, em que o professor é substituído pelo programa de vídeo.
- **Programa motivador:** audiovisual feito para suscitar um trabalho posterior ao objetivado. Nesse caso, trabalha-se com um programa de vídeo acabado e realiza-se uma atividade pedagógica a partir de sua visão. Segundo Ferres (1996), o programa motivador baseia-se na pedagogia do depois, diferentemente do videolição, que se fundamenta na pedagogia do enquanto. Ou seja, o vídeo motivador procura suscitar uma resposta ativa, estimulando a participação dos alunos que já o viram; já no videolição, a aprendizagem se realiza basicamente enquanto o programa é exibido.

**6.3. Ambiente virtual de aprendizagem**

Ambientes de EAD, denominados por Fischer (2000) <sup>24</sup> como Sistemas de Gerenciamento para a EAD, são ferramentas que possibilitam a criação, administração e manutenção de cursos a distância, ofertando diversos recursos de interação que visam proporcionar o fácil estabelecimento de comunicação, síncrona ou assíncrona, entre os envolvidos no processo de ensino, bem como sua relação com o conteúdo didático disponível.

Apesar de não ser fator preponderante para o sucesso de cursos a distância (Sherry, 1996)<sup>25</sup>, o oferecimento de bons e diversos recursos de interação permite ao professor maior flexibilidade para definir a metodologia que será utilizada para o desenvolvimento do curso.

O Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) adotado nos cursos da UAB/UECE é o Moodle. Trata-se de um sistema de gerenciamento de cursos on line de código aberto, cujo desenho está baseado na adoção de uma pedagogia socioconstrucionista, que busca promover colaboração, atividades individuais e compartilhadas, reflexão crítica, autonomia, entre outros aspectos. Ele oferece um ambiente seguro e flexível, permitindo-se adaptá-lo às necessidades de qualquer curso a distância ou daqueles que, mesmo sendo presenciais, desejem utilizar um AVA como recurso adicional.

O Moodle disponibiliza variados recursos que serão empregados no processo de educação à distância, tais como: *download* e *upload* de materiais diversos (texto, imagem, som), chats, fóruns, diários, tarefas, oficina de construção colaborativa (*wikis*), pesquisas de opinião e avaliação, questionários (permitem se criar exames *on-line*) etc. Além disso, possibilita a inclusão de novas funcionalidades disponíveis na forma de *plugins*, como por exemplo, sistema de e-mail interno.

Outros recursos do AVA facilitarão a administração do curso, como o envio de mensagens instantâneas entre alunos ou destes para seus Tutores ou vice-versa; fóruns de Tutores, em que Coordenadores, Professores e Tutores podem discutir assuntos de interesse do curso; cálculo automatizado de notas a partir do desempenho do aluno nas distintas atividades programadas; visualização da nota pelo aluno; distribuição dos alunos em grupos/turmas; envio de mensagens para todos os alunos ou para grupos previamente definidos de alunos etc.

A plataforma possui algumas características importantes como:

- **Enfoque sistêmico**, que consiste na definição de qualquer número de níveis ou instâncias, na flexibilidade de navegação entre os níveis, e no uso dos recursos em qualquer nível (que constitui uma peculiaridade única entre as plataformas conhecidas do mercado); destaque para o quadro de navegação e disponibilização dos recursos numa única tela; conceitualmente, as instâncias definem as estruturas formais de instituições; e as comunidades virtuais, as estruturas informais, como grupos temáticos, ligados a qualquer nível das estruturas formais; esta também constitui uma peculiaridade única da plataforma.

<sup>24</sup> FISCHER (2000) apud BRITO, Mário Sérgio da Silva Brito. Tecnologias para a EAD- Via Internet. In **Educação e Tecnologia: Trilhando Caminhos**. s/d.

<sup>25</sup> SHERRY (1996) apud BRITO, Mário Sérgio da Silva Brito. Tecnologias para a EAD- Via Internet. In **Educação e Tecnologia: Trilhando Caminhos**. s/d.

- **Simplicidade de uso** para os Professores e alunos (tão fácil que os alunos e Professores não necessitam de aulas de capacitação para uso da plataforma); a simplicidade gera baixo custo de helpdesk e de apoio ao desenvolvimento.
- Uso próprio de **videochats**.
- Uso de **recursos modernos da tecnologia digital**, como: sinalização dos alunos ativos, envio de "torpedos" (como nos telefones celulares), e outros.
- **Recursos de gerenciamento** (como: estatísticas e filtros de pesquisa, muito úteis para Tutores).
- **Facilidade para ativação de vários aplicativos** (MS Office e outros).
- Processamento tanto em ambiente Windows quanto Linux.
- Foco para a interação, destacando-se recursos como **fóruns e chats** (ou videochats).
- **Programado em software livre**, com enfoque multidisciplinar (enfoque sistêmico da administração, assim como apoios da educação, informática e comunicação, principalmente).
- **Foco para a aprendizagem**, em quaisquer áreas de uma instituição, seja de ensino, extensão ou pesquisa; a plataforma vem sendo usada para apoio ao ensino, a cursos de capacitação, bem como a grupos de pesquisa.
- **Possibilidade de incorporar recursos de outras plataformas de software livre**; por exemplo, a plataforma incorporou recentemente o recurso de SCORM do Moodle.

#### 6.4. Videoconferência

A videoconferência é uma das melhores ferramentas de abordagem síncrona, pois possibilita o uso de imagem e som em tempo real. A videoconferência pode ser oferecida por meio das salas de videoconferência ou por meio do computador, cujas conexões podem ou não ser realizadas pela internet.

Muitas vezes, os que optam por utilizar videoconferência via internet são obrigados a limitar o uso dos recursos disponíveis, tais como utilizar somente o áudio, sem imagens, ou estabelecer mecanismos de controle, tais como, só o professor transmite imagens e os alunos transmitem apenas áudio. Muitas outras estratégias podem ser adotadas para viabilizar o seu uso enquanto não se dispõe de infraestrutura mais adequada para seu funcionamento.

Os sistemas de videoconferência dispõem de outras ferramentas que facilitam a interação entre os participantes, fazendo com que se tornem ambientes mais completos e interativos. Com este intuito, as salas de videoconferência, além de computadores dispõem de câmeras digitalizadoras de documentos, onde um documento colocado sobre ela pode ser visualizado por todos os participantes da conferência.

Podem ser apontados como vantagens da videoconferência em relação ao ensino presencial:

- Aumento da motivação dos alunos.
- Ampliação da capacidade de comunicação e apresentação.
- Agilidade e aumento da produtividade, pois permite maior interação entre os participantes.
- Economia de recursos, com a redução dos gastos com viagens.
- Economia de tempo, evitando o deslocamento físico para um local especial.
- Comodidade de estar em mais de um lugar ao mesmo tempo, pois permite a comunicação simultânea entre pessoas distantes umas das outras.
- Resolução parcial de problemas de planejamento e agendamento de encontros, aulas ou reuniões, pois não é necessário deslocamento pelos participantes, resultando em praticidade.
- Mais um recurso de pesquisa, já que a reunião pode ser gravada e disponibilizada posteriormente.
- Visualização de documentos e alteração pelos integrantes do diálogo em tempo real.
- Compartilhamento de aplicações.
- Compartilhamento de informações (transferência de arquivos).

A videoconferência por internet traz ao modelo de EAD alguns avanços relacionados à criticada impessoalidade existente nas demais ferramentas, pois permite estabelecer contato visual entre os alunos e professores.

### **6.5. Quadro branco eletrônico**

É uma ferramenta que possibilita transcender às limitações impostas pela interface de texto para a discussão e difusão de ideias entre participantes de um curso on line. Muitos assuntos e conceitos não podem ser compreendidos rapidamente por meio de texto escrito, por voz, ou até mesmo mediante gestos transmitidos por vídeo. Em situações presenciais, isto também acontece, sendo necessário a utilização de outros recursos.

Desenhando esquemas e/ou gráficos em papel ou em um quadro, é possível elucidar estes casos, proporcionando visualmente uma sequência lógica para o fluxo das informações que se quer transmitir. Nesse sentido, o Quadro Branco busca reproduzir esta situação com uma janela em branco, onde se pode escrever, desenhar, colar dados e imagens, cujo conteúdo é propagado para os demais participantes dispersos geograficamente.

A utilização de um Quadro Branco eletrônico possui características que precisam ser observadas, algumas precisam de suporte tecnológico, enquanto outras podem ser resolvidas com o estabelecimento de normas e regras de utilização:



- **Quem pode escrever:** deve-se decidir se todos os usuários poderão escrever no quadro. Isso pode gerar confusão, pois dificulta saber quem escreveu o quê, e a sequência com que as informações foram adicionadas, já que os usuários estão dispersos geograficamente. Uma solução simples, mas que diminui a interação, é permitir que apenas o professor possa escrever no quadro;
- **Quando escrever:** o professor pode autorizar o aluno a usar o quadro quando este solicitar, garantindo assim maior clareza das informações. Como solução tecnológica, pode-se usar um mecanismo de controle da caneta, que o professor liberaria, quando necessário, para um dos participantes;
- **Controle de cores:** o estabelecimento de uma cor de caneta para cada participante possibilitaria a identificação do conteúdo com o seu autor. Entretanto, em um número não muito grande, pode gerar certa confusão visual com o excesso de informações;
- **Controle do apagador:** deve-se definir quem detém o controle do apagador, pois este pode interferir no desenvolvimento de ideias de outros participantes. Com o controle de cores, cada participante poderia apagar conteúdo escrito com sua cor.

Com a definição de normas, ou com a criação de suportes tecnológicos, o quadro branco se constitui como uma ferramenta excelente para a apresentação ou discussão de idéias em grupo.

## 6.6. Encontros presenciais ministrados por professores formadores

O Decreto Nº 5.622/2005 em seu §1º do artigo 1º explicita que:

A educação à distância se organiza segundo metodologia, gestão e avaliação peculiares, para as quais deverá estar prevista a obrigatoriedade de momentos presenciais para:

I - avaliações de estudantes;

II - estágios obrigatórios, quando previstos na legislação pertinente;

III - defesa de trabalhos de conclusão de curso, quando previstos na legislação pertinente; e

IV - atividades relacionadas a laboratórios de ensino, quando for o caso

Assim, em todas as disciplinas constantes na matriz curricular, existirão momentos de encontros e atividades presenciais numa proporção, pelo menos, de 26 h/a por disciplina, distribuídas conforme quadro abaixo:

Encontro Presencial	Dia	Carga Horária (h/a)	Responsável
1º	Sexta-feira – Noite	4	Prof. Formador
	Sábado – Manhã	5	Prof. Formador
2º	Sexta-feira – Noite	4	Prof. Formador

	Sábado – Manhã	5	Prof. Formador
3°	Sexta – noite	4	Prof. Formador
	Sábado- manhã	4	Prof. Formador
<b>Total Horas Atividades Presenciais</b>		<b>26 h/a</b>	

Os encontros presenciais seguirão planejamentos específicos e serão ministrados pelos Professores formadores com a colaboração dos Tutores a distância e presencial.

Em cada disciplina existem três encontros presenciais, delineados com o seguinte padrão:

- **1º Encontro Presencial:** apresentação geral do livro/módulo didático e das grandes temáticas da disciplina contextualizando-as a partir do PPC do curso.
- **2º Encontro Presencial:** momento que deverá priorizar a aplicação das Práticas como Componente Curricular (PCC) nas disciplinas de conteúdo científico, através da inserção de aulas práticas, aplicação de jogos didáticos, viagens de campo, visitas técnicas, estudos de casos, seminários dos alunos, fichamento de livros didáticos utilizados nos ensinios fundamental e médio, dentre outros.
- **3º Encontro Presencial:** reservado para revisões de conteúdos, tira-dúvidas e aplicação da avaliação presencial.

## 7. Sistemática de Avaliação

---

O processo de avaliação de ensino e aprendizagem na Educação a distância, embora possa sustentar-se em princípios análogos aos da educação presencial, em alguns aspectos requer tratamentos e considerações especiais. No contexto da EAD, o aluno não conta, comumente, com a presença física do professor, portanto, torna-se necessário desenvolver métodos de trabalho que oportunizem ao aluno: buscar a interação permanente com os professores e com os Tutores; obter confiança frente ao trabalho realizado, possibilitando-lhe não só o processo de elaboração de seus próprios juízos, mas, também, de desenvolvimento de sua capacidade de analisá-los.

A avaliação parte do estabelecimento de uma rotina de observação, descrição e análises contínuas da produção do aluno, que, embora se expresse em diferentes níveis e momentos, não devem alterar a condição processual da avaliação. Embora a avaliação se dê de forma contínua, cumulativa, descritiva e compreensiva, é possível particularizar quatro momentos no processo:

- Acompanhamento do percurso de estudo do aluno em diálogos e entrevistas com os Tutores.
- Produção de trabalhos escritos que possibilite uma síntese dos conhecimentos trabalhados.
- Apresentação de resultados de estudos e pesquisas realizados semestralmente em seminários temáticos integradores.
- Avaliações escritas presenciais.

Somente com a realização e a participação nestes quatro níveis de avaliação faz-se a valoração final do desempenho do aluno que deverá seguir o Regimento Geral da UECE. Ao aluno que não obtiver avaliação satisfatória será oportunizada, sob orientação de Tutor acadêmico, nova oportunidade, de maneira que o mesmo possa refazer seu percurso e ser novamente avaliado.

O Regimento da UECE também prevê a reprovação por infrequência. Entretanto, o controle de frequência em cursos a distância distingue-se, em essência, daquele feito nos presenciais. Assim, os programas de cada disciplina conterão as exigências de contatos e participações dos alunos, os quais serão devidamente computados para efeito de integralização de 75% de frequência mínima exigida regimentalmente pela Universidade.

### 7.1. Avaliação da aprendizagem: avaliação contínua e abrangente

A avaliação da aprendizagem assumirá funções diagnóstica, formativa e somativa, desenvolvendo-se de forma contínua, cumulativa e compreensiva. Em cada disciplina serão

aplicados instrumentos diversificados: trabalhos, pesquisas, atividades laboratoriais, atividades de campo, relatórios, atividades no AVA e provas escritas (realizadas presencialmente).

Os avanços no campo da Pedagogia e da Psicologia recomendam que a atividade de avaliação não deve ser uma atividade solitária do professor como é comum na nossa tradição educacional. A diversificação de instrumentos de avaliação aconselha, como forma de garantir a redução da subjetividade, o trabalho em equipe de professores.

A amplitude dos instrumentos de avaliação disponíveis e o trabalho coletivo dos professores ajudam na atribuição das qualidades avaliativas de cada um dos instrumentais, na aferição das avaliações e na redução das divergências classificatórias.

Este trabalho de equipe não deve ser visto, apenas, no âmbito de uma disciplina, já que todos os professores partilham objetivos de desenvolvimento de competências transversais, comuns. Nessa perspectiva, espera-se que a avaliação tenha múltiplas características, quais sejam:

basear-se-á numa grande diversidade de dados significativos, recolhidos por múltiplos instrumentos, globalizante (abrangendo competências relevantes nos domínios cognitivo, afetivo e motor), sistemática (visto desenrolar-se ao longo de todo o programa) e cumulativa, ao refletir os progressos da aprendizagem (ROSADO)<sup>26</sup>.

Pode-se entender por competências cognitivas as diferentes modalidades estruturais da inteligência que compreendem determinadas operações que o sujeito utiliza para estabelecer relações com e entre os objetos físicos, conceitos, situações fenômenos e pessoas.

As habilidades instrumentais referem-se especificamente ao plano do saber fazer e decorrem, diretamente, do nível estrutural das competências já adquiridas e que se transformam em habilidades. Isto é, a “capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiando-se em conhecimentos, mas sem se limitar a eles” PERRENOUD (1993)<sup>27</sup>.

A utilidade mais notória da avaliação não é a pedagógica, mas a social, embora seja uma atribuição da escola, a quem cabe elaborar juízos formais e divulgar tais juízos em forma de resultados, que podem vir a servir para diversas funções.

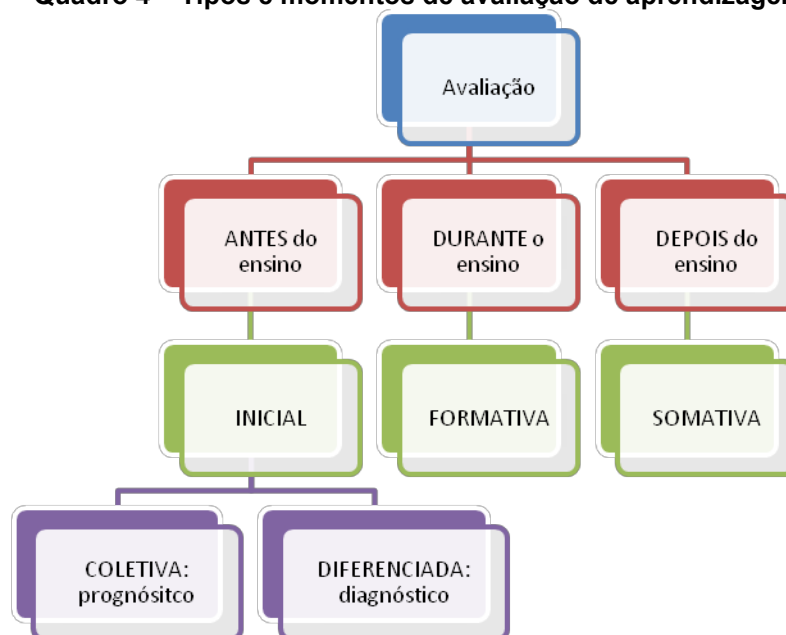
Observando a função pedagógica da avaliação, deve-se considerá-la uma peça essencial para a regulação contínua das aprendizagens. Assim a avaliação não pode situar-se somente no final do processo ensino-aprendizagem, mas em vários momentos e com objetivos diferentes. O quadro 4 apresenta uma proposta para os diversos tipos e momentos de avaliação.

---

<sup>26</sup> ROSADO, António e SILVA, Silva. **Conceitos básicos sobre avaliação das aprendizagens**. Disponível em <http://areas.fmh.utl.pt/~arosado/ESTAGIO/conceitos.htm>. Acesso em 16 de abril de 2011.

<sup>27</sup> PERRENOUD, P. **Práticas Pedagógicas, Profissão Docente e Formação**. Perspectivas Sociológicas. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

**Quadro 4 – Tipos e momentos de avaliação de aprendizagem**



Os tipos de avaliação procuram dar conta de múltiplas facetas, sendo que cada um deles cumpre funções distintas, porém integradas.

- **Avaliação inicial**, também chamada de preditiva tem como principal objetivo determinar a situação de cada aluno antes de iniciar um determinado processo de ensino-aprendizagem, visando adaptá-lo as suas necessidades. Ela pode ser prognóstica, quando trabalha com um conjunto de alunos, grupos ou classes; e diagnóstica, quando se refere a cada aluno. O objetivo da avaliação diagnóstica e prognóstica é o mapeamento dos conhecimentos prévios, avanços e dificuldades dos alunos, oferecendo subsídios para o professor refletir sobre a prática pedagógica que realiza, confirmando ou redirecionando processos didáticos desenvolvidos.
- **Avaliação formativa** se refere a procedimentos utilizados pelos professores para adaptar seu processo didático aos progressos e necessidades de aprendizagem observadas em seus alunos. É entendida como um conjunto de atuações que favorece a mediação pedagógica docente na formação integral do aluno. Este tipo de avaliação tem como finalidade fundamental uma função ajustadora do processo de ensino-aprendizagem para possibilitar que os meios de formação respondam às características dos estudantes. Ela tem como objetivo principal detectar os prontos frágeis da aprendizagem, mais do que determinar quais os resultados obtidos com essa aprendizagem.
- **Avaliação somativa** tem como objetivo estabelecer balanços confiáveis dos resultados obtidos ao final de um processo de ensino-aprendizagem.

Como prática docente, a avaliação deve ser contínua e sistemática. Ela é contínua, porque compreendida como elemento de reflexão permanente sobre o processo de aprendizagem do aluno, levantando seu desenvolvimento através de avanços, dificuldades e possibilidades; e sistemática porque deve ser vista como uma ação que ocorre durante todo o

processo de ensino e aprendizagem, contribuindo para o sucesso da tarefa educativa. Nessa ação avaliativa sistemática, privilegiam-se os aspectos qualitativos, destaca-se a importância do registro da caminhada de cada aluno, bem como os aspectos quantitativos de verificação do desempenho do aluno que possibilitem a reflexão sobre os resultados, incluindo a participação não só do professor, mas do próprio aluno.

Nesta perspectiva, a avaliação proporciona ao aluno, ao professor e aos Tutores uma análise reflexiva dos avanços e dificuldades do processo ensino e aprendizagem. Para o aluno, a avaliação se torna um elemento indispensável no processo de escolarização, visto possibilitar ao mesmo acompanhar o seu desempenho e compreender seu processo de desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. É a tomada de consciência de seus avanços, dificuldades e possibilidades de novas aprendizagens.

Para o professor e Tutores a avaliação tem um papel relevante porque fornece subsídios para uma reflexão contínua sobre sua prática, criação de novos instrumentos e revisão de aspectos que devem ser ajustados ou considerados adequados para o processo de aprendizagem individual ou de todo o grupo. Dessa forma, através da análise reflexiva do desempenho dos alunos, poderão rever e redefinir a gestão, atualizar e adequar à prática pedagógica.

A avaliação ocorre sistematicamente durante todo o processo de aprendizagem e ensino. Na visão transformadora, ao avaliar, professores e Tutores diagnosticam, identificam avanços e dificuldades dos alunos e propõem intervenções adequadas que promovam a superação das dificuldades e ampliem os avanços. Assim, o processo de avaliação da aprendizagem reconhece que o aluno é o sujeito construtor de conhecimentos e que é importante respeitar os seus diferentes níveis de desenvolvimento e ritmos de aprendizagem, além de dar especial atenção à sua autoestima.

Nos cursos da UAB/UECE o processo de avaliação é constituído de dois momentos complementares e intimamente inter-relacionados:

Momentos a distância: através dos recursos disponíveis no Ambiente de Aprendizagem acontecerá o acompanhamento do percurso formativo do aluno. Serão avaliados os seguintes aspectos: interação com seus Tutores e colegas, participação nas atividades a distância, produção de trabalhos escritos e avaliações on-line síncronas e assíncronas.

Momentos presenciais: compreenderá exames escritos e apresentação de resultados de estudos e pesquisas.

Somente com a realização e a participação nestes dois momentos de avaliação far-se-á a valoração do desempenho do aluno que deverá seguir os critérios definidos pelo Regulamento interno da UECE.

Tendo em vista que o ensino a distância objetiva desenvolver no aluno a capacidade de produzir conhecimentos, analisar e posicionar-se criticamente frente a situações concretas, experimentando métodos de trabalho que oportunizem a vivência da autonomia no processo

de elaboração de seus próprios juízos, o processo de avaliação da aprendizagem nessa modalidade de ensino requer tratamento e considerações especiais.

É importante, portanto, desencadear um processo de acompanhamento a distância do aluno que possibilite informações sobre vários aspectos, dentre os quais:

- Graus de dificuldades encontrados na relação com os conteúdos estudados.
- Desenvolvimento das propostas de aprofundamento dos conteúdos.
- Estabelecimento de relações entre os conteúdos estudados e sua prática pedagógica.
- Uso de material de apoio e bibliografia.
- Participação nas atividades propostas.
- Interlocução com professores, Tutores e colegas.
- Pontualidade nos momentos presenciais, e na entrega dos trabalhos e no ambiente de aprendizagem de interação.

O acompanhamento do desempenho do aluno será realizado pelos professores formadores e Tutores a distância com base em critérios avaliativos e registrado em instrumentos específicos. Nesse processo de acompanhamento, o Tutor a distância deve estimular o aluno para o desenvolvimento da capacidade de organização das atividades e de auto-aprendizagem.

A verificação da aprendizagem em cada disciplina será realizada através de instrumentos diversificados: provas escritas e orais, trabalhos, pesquisas, atividades laboratoriais, atividades de campo, relatórios e outros. Nas avaliações formais serão exigidos um nível de síntese dos conteúdos abordados, estruturação e correção da linguagem, compatíveis com a qualidade acadêmica. Ao final de cada disciplina haverá uma prova escrita realizada presencialmente, no último encontro da disciplina.

Às diversas modalidades de avaliação do rendimento escolar serão atribuídas notas, com aproximação de uma casa decimal, de 0,0 (zero) a 10, 0 (dez). Será aprovado por média na disciplina o aluno que obtiver média ponderada entre as notas de avaliações presenciais e a distância, num mínimo de duas por período letivo, igual ou superior a 7,0 (sete), como representado na seguinte fórmula:

$$\text{MeNPD} = \frac{(\text{ND}_1 + \text{ND}_2 + \dots) \times 4 + (\text{NP}_1 + \text{NP}_2 + \dots) \times 5 + (\text{NA}_1 + \text{NA}_2 + \dots) \times 1}{10}$$

Na qual:

ND = Nota de atividade a distância

NP = Nota de atividade presencial

NA = Nota de auto-avaliação

MeNPD = Média ponderada das atividades presenciais e a distância

A média ponderada visa cumprir a determinação do §2º do Art. 4º do Decreto Nº 5.622 de 19 de dezembro de 2005.

O aluno submetido ao exame final será aprovado na disciplina se obtiver neste exame

nota (NEF) igual ou superior a 3,0 (três) e Média Final (MF) igual ou superior a 5,0 (cinco), calculada pela seguinte fórmula:

$$MF = \frac{MeNPD + NEF}{2}$$

Na qual:

NEF = Nota de Exame Final

MF = Média Final

MeNPD = Média ponderada das atividades presenciais e a distância,

Sendo que: (1) a média ponderada entre as notas presenciais e a distância (MeNPD) e Média Final (MF), quando necessário, devem ser arredondadas à primeira casa decimal; (2) será considerado reprovado na disciplina o aluno que obtiver valor abaixo de 4,0 (quatro) na média entre as notas presenciais e a distância (MeNPD), valor abaixo de 3,0 (três) na Nota de Exame Final (NEF) ou Média Final (MF) inferior a 5,0 (cinco); o aluno só será considerado aprovado em assiduidade se obtiver o mínimo de 75% (setenta e cinco por cento) de frequência nos encontros presenciais.

## 7.2. Uma proposta de avaliação institucional

Uma frase bastante conhecida na área da avaliação educacional é “a avaliação é um julgamento, não é uma sentença”. Isto quer dizer que o ato de avaliar implica em um juízo de valor que qualifica uma ação ou um comportamento, mas nunca emite uma “sentença”.

Quase sempre utilizada de forma autoritária, numa lógica técnico-instrumental, a avaliação educacional, principalmente quando organizada de forma institucional, tem privilegiado ações individualistas, fragmentadas, sendo essa avaliação utilizada como instrumento de controle do Estado, efetivada em parceria com outras instituições educativas, mas quase sempre numa ótica global, sem considerar as especificidades de contextos diferenciados.

É interessante registrar que, geralmente, avalia-se aquilo que se planejou numa perspectiva técnico-pedagógica e administrativa, sem se avaliar as condições políticas e econômicas que são determinantes de bons ou maus resultados da avaliação.

Como então avaliar, isto é, qualificar, emitir um juízo de valor sobre as condições adequadas para a efetivação de ações programadas? Como esperar resultados satisfatórios de avaliação, quando não se consideram as especificidades de cada contexto? É possível avaliar de forma homogênea, com os mesmos critérios, objetivos e estratégias as instituições ou órgãos educacionais, num país de diversidade cultural, como é o Brasil? É evidente que não.

Portanto, há que se pensar em projetos de avaliação específicos a cada contexto, envolvendo todos os agentes, dialogando, construindo critérios, e tomando decisões; faz-se necessário que haja uma valorização no processo de avaliação, da ação política dos gestores, professores e coordenadores de programas, projetos e/ou cursos e professores, consi-



derando-se sempre seus níveis de atuação e uma valorização dos fatores econômicos que determinam suas condições de oferta.

A avaliação não deve servir para “sentenciar” quem é Regular, Bom ou Excelente, para fazer um *ranking*; esta é uma atitude questionável no processo avaliatório. A avaliação é, antes de tudo, uma descrição e análise de processos e produtos para uma tomada de decisão de como repensar o fenômeno avaliado, replanejando-o em suas ações; por esta razão ela deve ter sempre um caráter democrático e multicultural, com princípios que respeitem a liberdade de escolha. Ela pode ser orientada, mas não imposta, deve abrir caminhos, resolver conflitos, sem favorecimentos, vendo na diversidade uma possibilidade para a construção de significados e valores.

Cabe aos avaliadores definirem princípios norteadores da avaliação e caminhos adequados à compreensão das realidades diversas, definindo também critérios e assumindo um processo de construção coletiva, ética e social, de programas educacionais e sociais.

No caso da avaliação de um projeto, na modalidade a distância, a importância do reconhecimento de suas especificidades é fator fundamental para o desenvolvimento de processos avaliativos que sejam adequados à sua natureza.

Nossa proposta apresenta princípios, objetivos e etapas de seu desenvolvimento, culminando com a ideia de uma meta-avaliação, orientada por referenciais teórico-metodológicos que possibilitarão a compreensão do contexto onde se desenvolve, a partir das evidências que serão coletadas.

Por se tratar de um projeto amplo, envolvendo cursos de formação em Física, Química, Matemática, Ciências Biológicas, Informática, Artes Plásticas, Pedagogia e Administração, propõe-se um processo de avaliação que parta dos objetivos gerais e específicos do Projeto Básico UAB/UEC e dos objetivos do Projeto Pedagógico de cada curso, na sua relação com as ações desenvolvidas em cada etapa de sua operacionalização. Neste momento ficará estabelecido um monitoramento dessas ações, com uma dinâmica flexível, aberta as interações e a análise de fatores imprevisíveis e aleatórios, que surgirão ao longo do seu desenvolvimento, praticando uma avaliação orientada para a tomada de decisão, assumindo essa avaliação uma função operatória, na perspectiva formativa-reguladora possibilitando as correções e os ajustes necessários à comprovação, ou não, da eficiência e da eficácia do Projeto.

Propor a avaliação do projeto de cursos da UAB/UECE na modalidade a distância é um desafio posto à equipe de avaliação, que a utilizará como instrumento de apoio à tomada de decisão ao longo do desenvolvimento das ações desse projeto, possibilitando a emissão de juízos de valor, sempre que se fizerem necessários. Será um processo de avaliação monitorado, que visará à busca da qualidade das ações planejadas e realizadas, possibilitando a emissão de um juízo de valor sobre a eficiência e a eficácia das ações desse projeto.

O Projeto UAB/UECE pode ser considerado como “emergente”, ou seja, novo, e portanto, tem uma estrutura organizativa em construção, exigindo processos avaliativos que subsidiem essa construção, com dados que expressem a qualidade de sua evolução, considerando que os seus objetivos vão se consolidando ou até transformando-se continuamente, a partir de novos fatos que emergem da realidade, condicionados por fatores político-sociais e econômicos.

Com essa visão de “projeto emergente”, é justificável a adoção de processos avaliativos dialógicos, democráticos, flexíveis e participativos, colocando em destaque as dimensões individuais e institucionais dos cursos que compõem o Projeto, de forma contextualizada; gerando um controle social por parte dos seus gestores e da comunidade acadêmica.

Para que essa avaliação seja legitimada, deverá contar com a participação de todos os agentes envolvidos com o projeto, criando-se uma cultura avaliativa que traga em si valores éticos que orientem concepções e definições de práticas de avaliação. A importância dessa avaliação reside no fato de que irá subsidiar os gestores do projeto, na tomada de decisão em relação às ações planejadas, em execução ou executadas.

A oferta de cursos a distância é uma experiência já vivenciada pela UECE, mas que, ainda, requer uma reflexão permanente, ao longo do seu processo de construção, face às inovações teórico-metodológicas constantes na modalidade EAD, com especificidades que exigem interação com as inovações nas áreas de tecnologias da informação e da comunicação.

O projeto de avaliação institucional tem como objetivo geral desenvolver um processo de avaliação que possibilite a explicitação e compreensão dos elementos estruturantes do projeto UAB/UECE e dos cursos que o integram, na modalidade a distância, visando à obtenção de evidências que contribuam para a tomada de decisão, relativas ao seu ajustamento e aperfeiçoamento, ao longo do seu desenvolvimento.

### **7.2.1. Objetivos da avaliação institucional**

- Realizar a avaliação do projeto a partir de seus objetivos gerais e dos objetivos definidos nos Projetos Pedagógicos dos cursos ofertados;
- Avaliar cada curso, monitorando os resultados alcançados e sua relação com os processos de gestão, identificando-se os ajustes que se fizerem necessários;
- Criar uma cultura avaliativa nos gestores e na comunidade acadêmica, sensibilizando-os em todas as etapas do processo de avaliação.

Alguns pressupostos que orientarão a avaliação do projeto em questão devem ser explicitados, quais sejam:

- **Avaliação Intrínseca:** o projeto será avaliado não só confrontando-se o proposto com o realizado, mas também, na sua “essência pedagógica”, analisando-se a sua consistência

teórico-metodológica e a dos Projetos Pedagógicos dos cursos, considerando-se a formação profissional proposta e sua adequação ao contexto onde estão sendo desenvolvidos;

- **Avaliação Participativa:** haverá o envolvimento de gestores, coordenadores, professores orientadores, Tutores, produtores de textos didáticos e pessoal de apoio técnico-administrativo.
- **Avaliação formativa e somativa:** identificar-se-á as orientações teórico-metodológicas adequadas a de cada uma de suas funções.
- **Avaliador:** evitar-se-á a dicotomização entre ele e os avaliados, trabalhando de forma colaborativa.
- **Objetividade/Subjetividade:** será exercitada uma relação dialética entre esses dois Polos, evitando-se a centralização em um em detrimento do outro.

A avaliação institucional se orienta pelos seguintes princípios:

- **Diversidade:** respeito às diferenças individuais e de contexto, aceitando-se o multiculturalismo.
- **Dialogicidade:** estabelecendo-se um diálogo entre todos os agentes do projeto.
- **Visibilidade:** transparência dos processos avaliativos.
- **Legitimidade:** busca da aceitação do processo de avaliação e dos seus resultados pela comunidade acadêmica.
- **Totalidade:** interação entre as diversas dimensões da avaliação, vendo-as como um todo organizado.
- **Qualidade:** busca do “qualis”, isto é, da essência, das ações desenvolvidas, a partir dos objetivos do Projeto.
- **Responsabilidade Social:** desenvolvimento de um processo avaliativo que valorize os interesses da comunidade em relação ao projeto.

### 7.2.2. Natureza da avaliação e suas metodologias

Utilizaremos a chamada “avaliação participativa, no decurso do Projeto”, entendida como uma avaliação-regulação, orientada para a tomada de decisão; um processo de ação e análise crítica permanente (NOVOA e ESTRELA, 1993).<sup>28</sup> As características desse tipo de avaliação, associadas a cada uma de suas funções estão expressas no quadro que se segue:

---

<sup>28</sup> NOVOA A. e ESTRELA A. **Avaliações em educação: novas perspectivas**. Ed. Porto;1993

Funções	Características
Operatória	Orientada para a ação e a tomada de decisão.
Permanente	Intervém ao longo do ciclo de vida de um projeto, e não apenas no seu termo.
Participativa	Associa os atores à procura e à concretização de soluções operatórias. Permite o confronto e a negociação entre os pontos de vista dos atores. Efetua devoluções sistemáticas aos atores.
Formativa	Cria as condições de uma aprendizagem mútua através da prática. Favorece o diálogo e a tomada de consciência coletiva, ao serviço da eficácia da ação.

Fonte: Nóvoa Antônio e Estrela Albano (1993, p. 123)

A partir dessas funções e características, afirma-se que a proposta de avaliação em questão, está concebida na perspectiva formativa-reguladora na medida em que cria “instrumentos de auto-análise da ação e que levam à prática um esforço de Reflexão, partilhada ao longo de todo o processo” (NÓVOA e ESTRELA, 1993, p.121).<sup>29</sup>

Associamos à ideia de “avaliação participativa no decurso do projeto” a ideia de programas ou projetos emergentes, como é o caso do Projeto UAB/UECE, que é um projeto que ainda não tem uma teoria explícita que o fundamente e seus objetivos ainda estão sujeitos a reformulações; pode-se afirmar que:

A avaliação de “programas emergentes” tem por natureza, de ser flexível para poder responder a índole desses programas, uma vez ser impossível pressupor estabilidade nas metas, nos meios e até no entendimento implícito do que resulta ou não resulta “ (BICKINAN 1987, apud NÓVOA 1993, p.90)<sup>30</sup>

Aceitando essa ideia, a avaliação em questão assume dimensões que requerem flexibilidade em relação aos processos avaliativos, sem a preocupação excessiva com o cumprimento de objetivos pré-determinados, acentuando-se a hipótese da reestruturação desses objetivos ao longo do processo avaliativo. Acatamos também as ideias de avaliação formativa e somativa de Scriven (1967) apud VIANNA.

Na perspectiva do autor, não existe uma diferença lógica ou metodológica entre a avaliação formativa e a somativa, na medida em que ambas determinam o valor e o mérito de um projeto; as diferenças residem no tempo de aplicação, na população alvo a que se destinam. O autor discute ainda a necessidade de uma meta-avaliação, que deve ter como objetivo identificar problemas na avaliação. Scriven (1974) apud Vianna (2000) aponta alguns aspectos que devem ser considerados na avaliação formativa/somativa:

---

<sup>29</sup> Idem

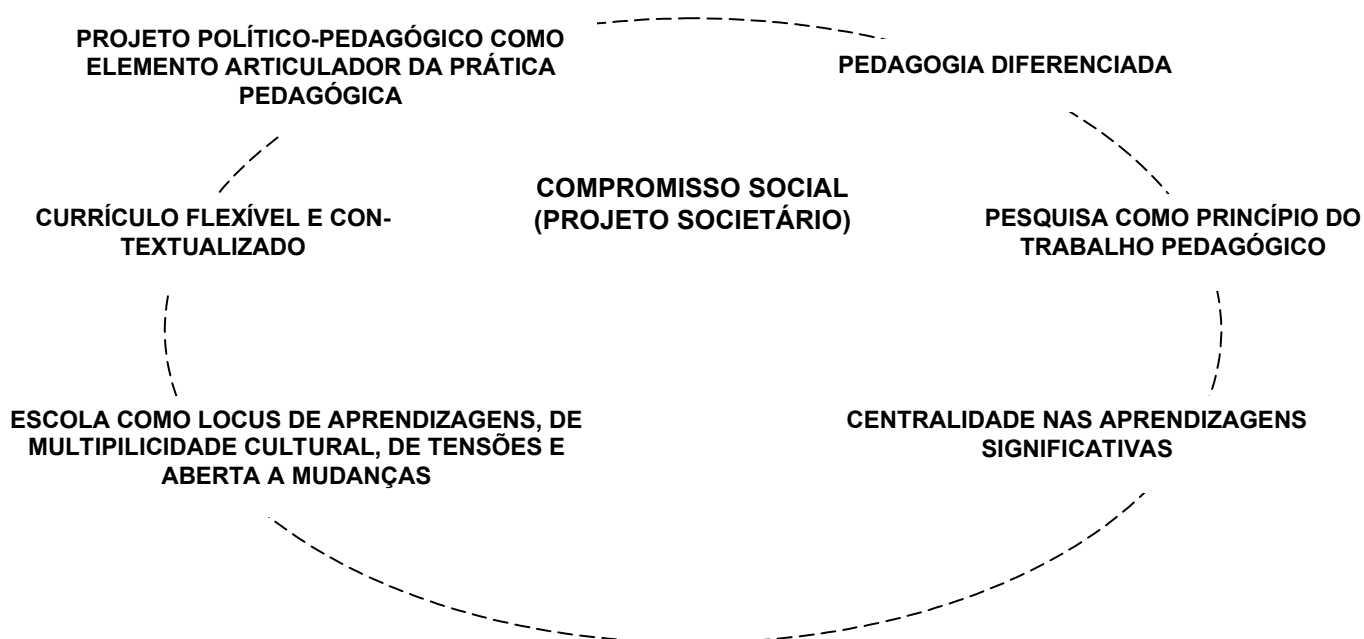
<sup>30</sup> Idem

- a) uma avaliação a serviço da ação;
- b) uma avaliação processual
- c) um grau de implementação das ações e,
- d) competências planejadas

No seu modelo de avaliação, o autor afirma ter a avaliação duas funções: a formativa e a somativa. A formativa fornece informações que visam à melhoria do projeto em suas partes e no seu todo; a somativa fornece informações sobre o valor final do projeto.

Cada uma dessas funções está relacionada a um tipo de julgamento: o intrínseco, (de conteúdo, materiais, currículo) e o extrínseco (de efeitos do projeto). A função formativa permite julgamentos dos efeitos intermediários do projeto (retroalimentação) e a somativa (julgamento final dos efeitos). Outro autor que discute a ideia de avaliação formativa-reguladora é Silva (2004)<sup>31</sup> que, embora aplicando-a à avaliação do ensino-aprendizagem nos traz características interessantes que devem orientar a avaliação de programas e projetos educacionais.

Para o autor os pressupostos da avaliação formativa-reguladora devem contemplar o que está presente no quadro que se segue:



Fonte: SILVA, Jansen Filipe. Avaliação na perspectiva formativa-reguladora. Editora Mediano, 2004, p. 33.

O autor afirma ainda que alguns princípios devem ser adotados nesse tipo de avaliação tais como: negociação, pertinência cognitiva e epistemológica, o formativo, o emancipador e o ético. Salienta que o formativo traduz-se numa dinâmica de avaliação que possibilita

<sup>31</sup> SILVA, Jansen Filipe. **Avaliação na perspectiva formativa-reguladora**. Porto Alegre. Ed. Mediano, 2004

a retroalimentação de um programa/projeto educacional; é a dinâmica da (des)construção e da reconstrução.

Sem dúvida alguma, são princípios importantes a serem seguidos na avaliação do Projeto UAB/UECE. Como entendemos que as teorias de avaliação não devem ser vistas como “doutrinas”, associamos às ideias de Scriven e de Silva os pressupostos da “Avaliação Iluminativa” de Parlett (1987) que afirma ser ela:

- a) Sistêmica, numa abordagem holística, com um olhar na totalidade das relações, buscando a explicação, na multicausalidade.
- b) Interpretativa, interpretando e analisando os fenômenos que surgem no decorrer do processo.
- c) Naturalista, estudando os fenômenos no seu contexto.

Vê-se, portanto, na associação de avaliação iluminativa com funções somativas e formativas da avaliação, uma possibilidade concreta que permitirá a utilização de pressupostos teórico-metodológicos integrados que orientarão a avaliação do projeto em questão.

Como a metodologia avaliativa que propomos é de natureza participativa, adotamos também alguns elementos da “avaliação democrática”, assim expressos:

- Fonte de Valores: comunidade acadêmica (Pluralismo de Valores)
- Audiência a que se deve prestar contas: a comunidade acadêmica e segmentos da comunidade que, direta ou indiretamente, participam do Projeto.
- Papel do Avaliador: facilitador, educador.
- Técnicas de coleta de dados: acessíveis a pessoas não especializadas.
- Proprietário de informações produzidas: todos os interessados.
- Conceitos-chaves: confidencialidade, negociação, acessibilidade, e direito de saber. (MACDONALD apud NOVOA 1993).

Portanto, o processo de avaliação do Projeto UAB/UECE na modalidade a distância, orientar-se-á por essa metodologia. Por se tratar de um Projeto com Cursos a distância, com instrumentos e ambientes virtuais, haverá a avaliação de aspectos específicos tais como: Tutoria, módulos de ensino-aprendizagem, materiais didáticos de apoio, uso de plataformas e videoconferências, o que exigirá instrumentos de avaliação adequados para captarem as evidências referentes à qualidade desses aspectos, em cada curso.

O processo avaliativo atenderá às especificidades da modalidade a distância, considerando que:

- O sistema de EAD envolve instrumentos e espaços virtuais de convivência, exigindo do professor-formador e do Tutor, competências específicas que devem ser avaliadas. Cada recurso será avaliado de “per-se”, identificando-se o nível da qualidade que apresentam;

- A Tutoria será avaliada a partir das competências definidas para o Tutor, associada aos recursos disponíveis na EAD da UECE;
- Os módulos serão avaliados na sua relação com os objetivos e conteúdos propostos nos projetos pedagógicos dos Cursos;
- Os Polos de apoio presencial serão avaliados na perspectiva de suas condições de oferta.

Por fim, o processo de avaliação proposto será objeto de uma meta-avaliação, por parte dos gestores, avaliadores e comunidade acadêmica e terá como objetivo identificar problemas na avaliação (SCRIVEN, 1974).

## 8. Recursos humanos para o projeto EAD na UECE

---

Para assegurar o desenvolvimento do projeto de EAD da UAB/UECE foram estruturadas equipes de trabalho que se responsabilizam pela logística da produção centralizada dos diversos segmentos necessários para a implementação dos cursos, entre eles:

- Concepção, design instrucional e organização dos recursos pedagógicos;
- Coordenação dos cursos e pólos;
- Desenvolvimento e manutenção do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) Moodle;
- Gerenciamento das ferramentas de EAD disponíveis;
- Concepção e implantação da avaliação institucional;
- Gestão pedagógica, administrativa e financeira dos convênios e projetos vinculados ao sistema UAB;
- Editoração, diagramação e revisão dos materiais impressos;
- Concepção, produção e gravação de videoaulas e videoconferências;
- Desenvolvimento, utilização e formação continuada para os profissionais envolvidos, no uso do quadro branco.

A seguir descreveremos as atividades de cada grupo profissional envolvido.

### 8.1. Equipe multidisciplinar

A equipe multidisciplinar é constituída de profissionais que apresentam perfil de formação compatível com as demandas conceituais e procedimentais inerentes às necessidades da modalidade de educação à distância implementada na UAB/UECE. O quadro 5 mostra a equipe multidisciplinar envolvida no projeto.

**Quadro 5 – Equipe multidisciplinar da UAB/UECE**

	<b>Regime de trabalho</b>	<b>Função</b>
<b>Francisco Fábio Castelo Branco</b> Graduado em Farmácia com habilitação em Bioquímica (UFC). Mestre em Saúde pública (UECE). Atua nas áreas de saúde coletiva e ensino de Ciências e Química.	Professor Adjunto da UECE com regime de trabalho de 40 h semanais	Coordenador geral da UAB/UECE
<b>Eloisa Maia Vidal</b> Graduada em Engenharia Elétrica (UFPB) e em Filosofia, Faculdade de Filosofia de Fortaleza; Mestre e Doutora em Educação (UFC). Atua nas áreas: Alfabetização Científica e Tecnológica, Educação de Ciências, Formação de Professores, tendo expe-	Professora Adjunta UECE com regime de 40 horas de Trabalhos Semanais, com Dedicção Exclusiva.	Coordenadora Adjunta da UAB/UECE



riência com produção de material para EAD e edição de livros didáticos.		
<b>Germânia Kelly Furtado Ferreira</b> Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará. Especialista em Informática Educativa/UECE. Mestre em Computação – área de concentração em Informática Educativa/UECE. Doutoranda em Ciências da Educação/UMINHO-Pt. Atua na área de educação à distância e novas tecnologias, com ênfase em formação inicial e continuada de Professores.	Professora da Secretaria da Educação Básica do Estado do Ceará, cedida para a Escola de Gestão Pública do Estado do Ceará, com regime de trabalho de 40h semanais.	Assessoria pedagógica da UAB/UECE
<b>Elineide Veras de Paula Vasconcelos</b> Graduada em Estatística e especialista em estatística pela Universidade Federal do Ceará. Licenciada em Letras Português e Inglês e Mestre em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Professora aposentada da Universidade Federal do Ceará atua em ensino da língua Inglesa, Educação à distância.	Professora aposentada como Assistente I da Universidade Federal do Ceará.	Assessoria pedagógica da UAB/UECE
<b>Gustavo Sikora de Melo</b> Graduado e Mestre em Ciência da Computação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Atua no ensino em computação e na área de Inteligência Artificial, possuindo também experiência em coordenação de cursos de Tecnologia da Informação e experiência como professor formador de cursos EAD.	Professor Substituto da UECE com regime de trabalho 20h semanais.	Coordenador de TI UAB/UECE
<b>Lúcia Maria Gomes</b> , Graduada em Estudos Sociais, pela Universidade Vale do Acaraú-UVA. Especialista em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio. Especialista em Planejamento e Gestão Educacional e Gestão Escolar. Mestre em Planejamento em Gestão Educacional, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú.	Professora da Secretaria da Educação do Estado. Assessoria do Secretário Executivo da SEDUC no regime de trabalho 40 horas semanais	Assessoria pedagógica da UAB/UECE

Além da equipe multidisciplinar, o desenvolvimento dos conteúdos disciplinares dos diversos cursos conta com um quadro de Professores Conteudistas e formadores a quem cabe um conjunto de competências e atribuições no escopo dos cursos, conforme descritos a seguir.

**Professor Conteudista:** É responsável pela produção de módulos/livros para as disciplinas, fruto de iniciativas acadêmicas de pesquisa e produção intelectual, para serem utilizados nos cursos oferecidos pela UECE no Programa da UAB. No que diz respeito à dimensão do acompanhamento e avaliação do processo ensino-aprendizagem, são funções do Professor Conteudista:

- O Professor Conteudista é responsável pela legitimidade e autoria dos **textos**, respondendo de fato e de direito por eventuais acusações de plágio;
- Estar à disposição dos professores formadores e Tutores a partir de cronograma estabelecido, para esclarecer dúvidas relacionadas ao **texto de autoria**;

- O Professor Conteudista deverá participar do processo de formação sobre EAD, para receber orientações sobre elaboração de material didático para o modo impresso e virtual, conhecer o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e seus recursos, a sistemática de acompanhamento presencial e a distância e os mecanismos de avaliação para EAD;
- Conhecer e participar das discussões relativas à confecção e uso de material didático;
- Propor e coordenar encontros com os Professores Formadores e Tutores para planejamento, acompanhamento e avaliação dos materiais didáticos produzidos;
- Elaborar e participar de projetos de pesquisa focalizando assuntos pertinentes ao projeto UAB-UECE de interesse da instituição.

**Professor Formador:** responsável pelas disciplinas. Estará à disposição para esclarecimento de dúvidas dos estudantes e/ou Tutores a partir de cronograma estabelecido junto a cada docente. O professor será selecionado, prioritariamente, entre os docentes vinculados a UECE, considerando sua formação, aptidão e habilidade para conduzir a disciplina. Após a seleção, o professor deve participar do processo de formação sobre EAD, produção de material didático para as disciplinas do curso, sistemática de acompanhamento presencial e a distância, mecanismos de avaliação para EAD, questões relativas ao processo de orientação da monografia, etc. No que diz respeito à dimensão do acompanhamento e avaliação do processo ensino-aprendizagem, são funções do Professor Formador:

- Participar dos cursos e reuniões para aprofundamento teórico relativo aos conteúdos trabalhados nas diferentes áreas;
- Planejar e definir, com a Coordenação e Tutores, o cronograma das atividades da disciplina de acordo com o calendário acadêmico do curso;
- Analisar o material didático da disciplina bem como indicar textos e fontes de pesquisa complementar, quando for o caso;
- Organizar a apresentação de slides da disciplina para posterior gravação da videoaula.;
- Elaborar as atividades a distância que representarão as avaliações a distância e equivalerão a frequência e auxiliar na correção por parte dos Tutores (apresentar gabarito para a correção por parte dos Tutores);
- Elaborar as atividades presenciais e todas as provas (apresentar gabarito e correção);
- Definir as ações de interação (Fórum, Chat, Diário) no AVA e presencialmente; elaborando as problematizações e auxiliando os Tutores no funcionamento;
- Realizar estudos sobre a educação à distância.;
- Selecionar o material didático, em mídias variadas, para a disciplina. ;
- Conhecer e participar das discussões relativas à confecção e uso de material didático;
- Auxiliar o Tutor Presencial em seu processo de orientação do aluno;
- Coordenar e equilibrar, dando sentido de unidade, as orientações dos Tutores aos alunos;
- Avaliar o desempenho dos Tutores e auxiliá-los em sua autoavaliação;

- Propor e coordenar encontros com os Tutores para planejamento, acompanhamento e avaliação da disciplina;
- Participar de encontros com os outros Professores Formadores das disciplinas para dar unidade ao conteúdo do semestre letivo;
- Estimular os Tutores a ampliarem seus processos de leitura, extrapolando o material didático;
- Conceber e desenvolver projetos de pesquisa e/ou extensão envolvendo Tutores e alunos do curso;
- Preparar aulas de videoconferência;
- Planejar e participar das atividades presenciais;
- Elaborar novos conteúdos a serem disponibilizados na internet;
- Detectar problemas dos alunos e Tutores, buscando encaminhamentos e soluções;
- Estimular o aluno em momentos de dificuldades para que não desista do curso;
- Participar ativamente do processo de avaliação de aprendizagem;
- Preparar atividades de recuperação de aprendizagem;
- Relacionar-se com os demais professores, na busca de contribuir para o processo de avaliação do curso.

**Professor Orientador:** terão como atribuições ao longo do período no qual exercem as atividades, as seguintes tarefas:

- Participar dos cursos de formação oferecidos pela UAB/UECE em horário e local a serem divulgados posteriormente no site.
- Estabelecer, com o orientando, o plano de estudo, o respectivo programa, os horários e formas de atendimento e outras providências necessárias.
- Formular ou rever o tema de estudo a ser investigado, quando for o caso, e o planejamento a partir da proposta de Trabalho de Conclusão de Curso.
- Analisar e avaliar as etapas produzidas, apresentando sugestões de leituras, estudos ou experimentos complementares, contribuindo para a busca de soluções de problemas surgidos no decorrer dos trabalhos.
- Indicar bibliografia básica para o(s) tema(s) de sua especialidade.
- Informar o orientando sobre o cumprimento das normas, procedimentos e critérios de avaliação do TCC, de acordo com Normas da UECE/UAB e ABNT.
- Avaliar e devolver, no menor espaço de tempo possível, os documentos enviados pelos orientandos entregues para avaliação e recomendações.
- Solicitar ao Coordenador do curso, a abertura dos fóruns e chats, conforme planejamento prévio.
- Facilitar aos estudantes a compreensão da estrutura e da dinâmica do TCC e estimular o bom desempenho dos mesmos.

- Utilizar o Ambiente Virtual de Aprendizagem (Moodle) para interações síncronas e assíncronas, mantendo frequência de acesso regular, para acompanhamento do desempenho individual dos estudantes sob sua responsabilidade, esclarecendo dúvidas, respondendo os e-mails recebidos, e comentando os trabalhos.
- Proceder aos registros de desempenho individual dos estudantes sob sua responsabilidade e encaminhar para a Secretaria do Curso, respeitando os prazos estabelecidos.
- Apoiar e motivar, de maneira especial, os estudantes menos participativos e com mais dificuldades.
- Propor procedimentos que melhorem o desempenho dos estudantes.
- Conhecer detalhadamente os materiais e procedimentos de construção e finalização do TCC.
- Informar por meio de Parecer a Coordenação do curso, ao final do processo de elaboração do TCC, se o trabalho se encontra em condições de ser apresentado.
- Oficializar à Coordenação do Curso os casos passíveis de avaliação e aprovação de TCC, para agendarem data e hora de apresentação da defesa pública do mesmo.
- Realizar duas viagens ao(s) polo(s) no(s) qual(is) possui(em) orientandos, com vistas a acompanhar de forma presencial, o trabalho desenvolvido pelos mesmos, visando melhor acompanhamento do TCC, em datas previamente acordadas com a Coordenação.
- Preencher e assinar a Ficha de Avaliação Individual e a Ata da Banca Examinadora.
- Presidir a Banca Examinadora de apresentação dos seus orientandos e participar como membro das Bancas Examinadoras de orientandos de outros professores do mesmo polo, conforme calendário previamente acordado com a Coordenação do curso.
- Solicitar aos demais integrantes da Banca Examinadora o preenchimento, assinatura e devolução das Fichas de Avaliação Individual e do Parecer da Banca Examinadora, para entrega à Coordenação do Curso, juntamente com a versão final do TCC, de acordo com as normas da UECE.
- Resolver, sob supervisão da Coordenação do Curso, questões relacionadas ao TCC, em geral, e as de seus orientandos, caso não estejam previstas neste Manual.
- Contribuir para o aperfeiçoamento do TCC, sugerindo melhorias nos instrumentos de coleta de materiais que avaliam os estudantes e o TCC, respondendo e devolvendo questionários de pesquisa, eventualmente aplicados pela Coordenação.
- Cumprir o cronograma estabelecido, participar das reuniões da equipe de orientadores e reuniões de planejamento em conjunto.
- Apoiar a equipe gestora do Curso na preparação dos Seminários Regionais de Finalização em que serão apresentados os Trabalhos de Conclusão de Curso.
- Outras atribuições correlatas ao trabalho de orientação.

A oferta de cursos na modalidade EAD, por sua vez, exige a presença de outros profissionais no processo de mediação da aprendizagem, que são os Tutores a distância e presencial. Na UECE, esses profissionais desempenham um conjunto de atividades conforme descrito a seguir.

**Tutor a Distância:** trabalha diretamente com os Professores Formadores auxiliando-os nas atividades de rotina do curso. Cumpre o papel de facilitador da aprendizagem, esclarecendo dúvidas, reforçando a aprendizagem, coletando informações sobre os estudantes e, principalmente, desenvolvendo atividades de motivação junto aos alunos, para assegurar a permanência dos mesmos no curso. O número de Tutores a distância é definido obedecendo a regra de 1 Tutor para cada grupo de 25 alunos. O Tutor a distância é escolhido por processo seletivo, prioritariamente entre os professores da Universidade e terá como critérios para o candidato à função:

- Ser graduado ou pós-graduado no Curso que pretende ser tutor e/ou áreas afins;
- Ter dedicação de carga horária compatível com seu contrato, incluindo possíveis atividades inerentes à Tutoria fora do seu horário normal de trabalho e viagens;
- Ter facilidade de comunicação;
- Ter conhecimentos de informática;
- Participar de formações e capacitações relacionadas ao curso.

Após a seleção, o candidato deve participar do processo de formação sobre EAD, produção de material didático para as disciplinas do curso, sistemática de acompanhamento presencial e a distância, mecanismos de avaliação para EAD, etc.

No que diz respeito à dimensão do acompanhamento e avaliação do processo ensino-aprendizagem, são funções do Tutor a distância:

- Participar dos cursos e reuniões para aprofundamento teórico relativo aos conteúdos trabalhados nas diferentes áreas;
- Realizar estudos sobre a educação à distância;
- Participar de projetos de pesquisa e/ou extensão juntamente com Professores Formadores e alunos;
- Conhecer e participar das discussões relativas à confecção e uso de material didático;
- Auxiliar o aluno em seu processo de estudo, orientando-o individualmente ou em pequenos grupos;
- Estimular o aluno a ampliar seu processo de leitura, extrapolando o material didático;
- Auxiliar o aluno em sua autoavaliação;
- Detectar problemas dos alunos, buscando encaminhamentos e solução;
- Estimular o aluno em momentos de dificuldades para que não desista do curso;
- Participar ativamente do processo de avaliação de aprendizagem;
- Relacionar-se com os demais Tutores e Professores Formadores, na busca de contribuir para o processo de avaliação do curso;

- Preparar atividades de recuperação de aprendizagem;
- Avaliar com base nas dificuldades apontadas pelos alunos, os materiais didáticos utilizados no curso;
- Realizar pesquisas *online* e *off line* sobre materiais didáticos, práticas pedagógicas e outras estratégias de EAD que estimulem e facilitem a aprendizagem discente;
- Apontar as falhas no sistema de Tutoria;
- Informar sobre a necessidade de apoios complementares não previstos pelo projeto;
- Mostrar problemas relativos à modalidade da EAD, a partir das observações e das críticas recebidas dos alunos;
- Participar do processo de avaliação do curso.

**Tutor Presencial:** fará o acompanhamento dos estudantes nos Polos presenciais, permitindo acesso à infraestrutura, esclarecendo dúvidas técnicas sobre o ambiente de aprendizagem e motivando os alunos. Ocupa papel importante atuando como elo de ligação entre os estudantes e a UECE. O Tutor presencial poderá ser professor da rede pública estadual ou municipal, da cidade sede do Polo, e serão selecionados pela UECE, ouvidas as instituições parceiras. Os Tutores presenciais devem apresentar o seguinte perfil:

- Ser graduado ou pós-graduado em Ciências Biológicas e/ou áreas afins;
- Ter experiência comprovada de pelo menos 1 ano no magistério da Educação Básica;
- Ter facilidade de comunicação;
- Ter conhecimentos de informática;
- Participar de formações em EAD.

Para garantir o processo de interlocução permanente e dinâmico, a Tutoria utilizará não só a rede comunicacional viabilizada pela internet, mas também outros meios de comunicação como telefone, fax e correio, que permitirão a todos os alunos, independentemente de suas condições de acesso ao Polo, contar com apoio e informações relativas ao curso.

A comunicação será realizada nas formas de contato aluno-professor, aluno-Tutor e aluno-aluno, por meio da internet, do telefone, fax e correio. Os recursos da internet serão empregados para disseminar informações sobre o curso, abrigar funções de apoio ao estudo, proporcionar acesso ao correio eletrônico, fóruns e “chats”<sup>32</sup>, além de trabalhos cooperativos entre os alunos.

## 8.2. Serviços de Coordenação e gestão pedagógica e administrativa dos cursos

Os cursos do sistema UAB/UECE oferecidos na modalidade EAD estão organizados a partir de um subsistema de produção centralizada com execução descentralizada. Assim, os

---

<sup>32</sup> Poderão ser realizados “chats” por temas ou unidades em horários alternados sempre comunicados com antecedência de pelo menos 3 dias úteis aos estudantes. Os Chats entre especialistas e alunos serão

recursos humanos foram selecionados observando a dimensão administrativa e acadêmica necessária e suficiente para assegurar o êxito da iniciativa, quais sejam:

**Coordenador de curso:** responsável pela Coordenação do curso, cabendo a ele a responsabilidade pela organização administrativa e acadêmica do mesmo, competindo-lhe também acompanhar e avaliar todo o processo de execução do curso nos Polos. O Coordenador do Curso será selecionado entre os professores efetivos de curso de Ciências Biológicas presencial, sendo exigido experiência administrativa no ensino superior, de pelo menos, 2 anos. O Coordenador presidirá o Colegiado do Curso, constituído pelos Professores (Conteudistas e Formadores), Tutores (à Distância e Presencial) e Coordenadores de Polo. O Coordenador do Curso contará com apoio de um Coordenador de Tutoria que atuará nas atividades de apoio aos Polos presenciais e no desenvolvimento de atividades de pesquisa e extensão universitárias relativas ao curso.

**Coordenador de Tutoria:** acompanha o desenvolvimento das atividades da Tutoria em relação ao estudo das unidades através do AVA. Será selecionado entre os professores efetivos de curso de Ciências Biológicas presencial, sendo exigido experiência administrativa no ensino superior, de pelo menos, 2 anos. No que diz respeito à dimensão do acompanhamento e avaliação do processo ensino-aprendizagem, são funções do Coordenador de Tutoria:

- Orientar a respeito da preparação do material da disciplina
- Preparar materiais para capacitação de Tutores - *captut*
- Supervisionar a entrega das provas e trabalhos com os respectivos gabaritos, quando for o caso;
- Intermediar as possíveis dificuldades de comunicação entre professores e Tutores e a demanda dos Tutores com vistas ao correto andamento da disciplina;
- Oferecer suporte ao Coordenador do Curso nas questões que envolverem os professores das disciplinas, como seleção e treinamento;
- Supervisionar, de maneira aleatória, as trocas de mensagens ocorridas entre alunos e Tutores.

**Coordenador de Estágio:** responsável pela coordenação, gerenciamento e acompanhamento da equipe de professores supervisores dos Estágios Supervisionados do curso. O Coordenador de Estágio será selecionado entre os professores efetivos de curso de Informática, sendo exigido experiência no ensino superior, de pelo menos, 2 anos bem como experiência com atividades relacionadas a estágio supervisionado em cursos presenciais. Tem como atribuições:

- Visitar os polos que ofertam o curso de Artes Visuais para em reunião com a Secretaria Municipal de Educação e a Coordenadoria Regional de Educação ou Direção de escolas de ensino médio, articular o campo de estágio supervisionado para os alunos.
- Planejar, juntamente com os Supervisores de Estágio, as disciplinas, observando as exigências legais emanadas pelo CNE e UECE.
- Coordenar todas as atividades pedagógicas resultantes das realizações dos estágios.
- Realizar reuniões com os supervisores de estágio para encaminhamento de todas as atividades.
- Colaborar com a coordenação do curso na definição de ações de planejamento, acompanhamento e avaliação de todas as atividades de estágio.
- Participar dos cursos de formação oferecidos pela UAB/UECE em horário e local a divulgados no site.
- Estabelecer, com os Supervisores de Estágio, o plano de estágio a partir das ementas das disciplinas e legislação específica da UECE para o Estágio Supervisionado, o calendário de reuniões mensais e semestrais.
- Analisar e avaliar o andamento de cada grupo de alunos dos Supervisores de Estágio, apresentando sugestões de encaminhamentos, contribuindo para a busca de soluções de problemas surgidos no decorrer dos estágios.
- Informar os supervisores de estágio sobre o cumprimento das normas, procedimentos e critérios de avaliação do Estágio, de acordo com Normas da UECE/UAB.
- Verificar junto às instâncias acadêmicas e administrativas da UECE se o pagamento do Seguro dos estagiários foi efetivado.
- Solicitar ao Coordenador do curso, a abertura dos fóruns e chats, conforme planejamento prévio.
- Facilitar aos estudantes a compreensão da estrutura e da dinâmica do Estágio Supervisionado estimular o bom desempenho dos mesmos.
- Utilizar o Ambiente Virtual de Aprendizagem (MOODLE) para interações síncronas e assíncronas, mantendo frequência de acesso regular, para acompanhamento do desempenho individual dos estudantes durante os Estágios, esclarecendo dúvidas, respondendo os e-mails recebidos, e comentando os trabalhos.
- Orientar os Supervisores de Estágio sobre procedimentos relativos aos registros de desempenho individual dos estudantes sob sua responsabilidade e encaminhar para a Secretaria do Curso, respeitando os prazos estabelecidos.
- Apoiar e motivar, de maneira especial, os estudantes menos participativos e com mais dificuldades.
- Propor procedimentos que melhorem o desempenho dos estudantes.
- Conhecer detalhadamente os materiais e procedimentos relativos ao Estágio Supervisionado.



- Resolver, sob supervisão da Coordenação do Curso, questões relacionadas ao Estágio Supervisionado.
- Contribuir para o aperfeiçoamento do campo de estágio, sugerindo melhorias nos instrumentos de registro e elaboração de Relatórios, respondendo e devolvendo questionários de pesquisa, eventualmente aplicados pela Coordenação.
- Cumprir o cronograma estabelecido, participar das reuniões da equipe de supervisores e reuniões de planejamento em conjunto.
- Apoiar a equipe gestora do Curso na preparação de seminários ou outros eventos no polo de apoio presencial, para socialização das atividades de estágio com a SME, escola, alunos e outros interessados.
- Articular-se com as demais áreas de estágio, especificamente, e de ensino, de pesquisa e de extensão para troca de experiências e dimensionamentos das atividades e trabalhos a serem executados no treinamento sob sua coordenação;
- Apresentar à comissão permanente de estágio curricular da Pró-reitoria de Graduação o relatório anual do estágio curricular.
- Outras atribuições correlatas ao trabalho de estágio.

**Coordenador de Polo:** responsável pela Coordenação do Polo de apoio presencial, permitindo o acesso dos alunos efetivamente matriculados à infraestrutura existente, organizando o funcionamento administrativo e acadêmico do mesmo. Ocupa papel importante, mantendo contato contínuo com a UECE e articulando com a Prefeitura ou Instituições parceiras as condições de funcionamento e manutenção do Polo. O Coordenador do Polo deverá ser professor da rede pública estadual ou municipal, em efetivo exercício a mais de 3 anos no magistério da Educação Básica. Em cada Polo deve haver um centro de apoio com infraestrutura e organização de serviços que permite o desenvolvimento de atividades de cunho administrativo e acadêmico do curso. A infraestrutura conta com laboratório de informática, biblioteca, sala de apoio pedagógico e ambiente para videoconferência. O processo seletivo para escolha do coordenador de pólo far-se-á através de iniciativa conjunta da UECE com o município ou a Secretaria de Educação do Estado. São atribuições do Coordenador de Polo:

- Gerenciar as atividades administrativas do Polo, mantendo-o em funcionamento para atendimento presencial em dias e horários previamente definidos;
- Gerenciar as atividades pedagógicas do Polo, assegurando as condições básicas para atendimento dos alunos;
- Zelar pelo patrimônio material do Polo;
- Participar de capacitações presenciais e a distância sobre atribuições e competências de sua função;
- Participar de reuniões com a Coordenação Geral da UAB-UECE e dar os encaminhamentos necessários;

- Comparecer, sempre que convidado, as reuniões com as Coordenações de outros Polos, para socialização de experiências e integração do sistema UAB;
- Elaborar relatórios das atividades desenvolvidas no Polo;
- Coordenar as ações dos Tutores presenciais, contribuindo para a permanência dos alunos e o sucesso da aprendizagem;
- Apoiar os Tutores presenciais, facilitando-lhes o acesso aos recursos didáticos disponíveis, para estudo e aprofundamento;
- Dimensionar equipe de apoio para auxiliar na administração do Polo, e encaminhar demanda a Prefeitura ou Instituição parceira;
- Atender e apoiar as equipes externas que visitarem o Polo para proceder avaliações institucionais ou pesquisas.

A Universidade conta com um Sistema Acadêmico (SISACAD) para atender todo o controle da atividade acadêmica dos alunos dos cursos de graduação nas modalidades presencial e à distância. O Sistema atende todo o registro da vida acadêmica, desde o controle de chamadas do vestibular até a emissão do diploma de graduação. Entre outros recursos, permite a matrícula, gerenciamento de cursos, cadastros de disciplinas, turmas, fluxos e disponibiliza vários relatórios gerenciais. O sistema possui o módulo Aluno-online totalmente WEB, acessado por navegador, onde é possível o aluno fazer o acompanhamento de todas as disciplinas cursadas, realizar trancamento de disciplinas, consultar e imprimir históricos e declarações.

### **8.3. Plano Anual de Capacitação Continuada**

Na UAB/UECE, os profissionais que atuam nos cursos oferecidos na modalidade EAD são beneficiados com o Plano Anual de Capacitação Continuada (PACC) disponibilizado, por Chamada Pública, pela CAPES. Esses cursos ocorrem em períodos distintos, ao longo do ano letivo, dando oportunidade dos tutores a distância e presenciais, professores formadores e conteudistas, coordenadores de curso, tutoria, polos, equipe multidisciplinar, pessoal de apoio participarem.

Desde 2009, quando da implantação dos primeiros cursos na UAB/UECE, são realizadas ações de formação a cada ano. Os tutores presenciais e a distância, selecionados mediante Chamada Pública, tem como requisito para atuar, a participação nos cursos de formação. Com a evolução do sistema e ampliação da oferta de cursos e turmas na UAB/UECE, os cursos de formação previstos nas ações dos PACC estão adquirindo configurações mais complexas. A ideia é disponibilizar cursos de níveis básico, intermediário e avançado, com ofertas anuais, para os diversos atores, dependendo do seu histórico de envolvimento e participação na modalidade EAD.

Nesse período três cursos já aconteceram procurando assegurar a efetiva formação continuada, considerando as necessidades individuais do público alvo e dos cursos em que professores, tutores e coordenadores de polos que atuam na modalidade em EAD na UE-CE/UAB. Os Módulos ministrados foram os seguintes:

- Tecnologia da Informação e Comunicação para EAD
- Produção de Material Didático para EAD
- Criação de Cursos no Ambiente Moodle
- Teoria e Prática em tutoria na EAD
- Avaliação em EAD
- Gestão de Sistemas de Educação a Distância

A metodologia adotada consistiu de formação teórica e atividades práticas utilizando a plataforma Moodle na qual foram modelados os curso, disponibilizado o material e executadas as tarefas e avaliações. Os conteúdos dos cursos foram trabalhados realizando palestras de forma presencial na abertura em cada módulo e depois os cursistas consultaram o material, cumpriram as atividades, interagiram com os tutores e executaram as avaliações através do ambiente Moodle.

O processo avaliativo ocorreu utilizando a plataforma Moodle como ambiente de disponibilização de atividades, utilizando situações problema que deveriam ser resolvidas pelos cursistas e depois corrigidas pelos professores responsáveis pelos módulos. A certificação foi emitida pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual do Ceará mediante o cumprimento da carga horária e desempenho avaliado de cada cursista.

No ano de 2012 está sendo executado o Plano Anual de Capacitação Continuada 2011 (PACC). É uma iniciativa que faz parte das ações da Universidade Aberta do Brasil, com apoio da CAPES e tem como objetivo qualificar profissionais que atuam no sistema UAB/UECE e outros parceiros. Consiste de um curso de extensão universitária com 120 horas-aulas, divididos em quadro módulos, abordando os seguintes temas: Tecnologias da Informação e Comunicação em EAD, Tutoria e Docência a distância, Material didático para EAD e Gestão na educação a distância.

O PACC está sendo desenvolvido por meio de um curso de extensão universitária com 120 horas-aulas realizado na modalidade de educação a distância e dividido em 4 módulos, abordando os seguintes temas.

<b>Módulo didático</b>	<b>CH</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Tecnologias da Informação e Comunicação em EAD</b> <b>Ementa:</b> Introdução ao ambiente virtual da aprendizagem; Conteúdo digital; Ferramentas de Interação; Gerenciamento de usuários. Recursos da web 2.0.</li> </ul>	30
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Tutoria e Docência a distância</b> <b>Ementa:</b> Tutoria em EAD; Planejamento de aulas e atividades em cursos a distância; Design pedagógico; Avaliação e educação a distância.</li> </ul>	30
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Material didático para EAD</b> <b>Ementa:</b> Seleção e elaboração de material didático para EAD; Mídias e educação; Mídias di-</li> </ul>	30

	gitais; Objetos de aprendizagem; Repositórios de conteúdos digitais.	
•	<b>Gestão na educação a distância</b> <b>Ementa:</b> Conceitos básicos de gestão; Gestão de sistemas em EAD; Gestão de polos; Atribuições dos atores em sistemas de EAD; Gestão no sistema UAB; Legislação sobre educação superior no Brasil e EAD.	30
	<b>TOTAL</b>	<b>120</b>

## 9. Acompanhamento e atualização do Projeto Pedagógico

---

Consideramos que a busca pelo aprimoramento constante do projeto pedagógico de um curso deve ser um elemento norteador da qualidade dos serviços educativos. Assim sendo, sua constante reavaliação é salutar para a garantia de sua pertinência frente à legislação educacional vigente e às normativas internas da UECE que regem os cursos de graduação e demais atividades relacionadas.

O processo de avaliação contínua do PPC será feita através do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso, nos termos da Resolução Nº 01 CONAES, de 17/06/2010. O NDE será composto por 5 Professores do Colegiado do Curso, sob a presidência da Coordenação do Curso e terá como atribuições básicas:

- Elaborar o PPC definindo sua concepção e fundamentos.
- Estabelecer o perfil profissional do egresso do curso.
- Atualizar periodicamente o PPC dando conhecimento dessas atualizações ao conjunto de professores do Curso.
- Conduzir os trabalhos de reestruturação curricular.
- Supervisionar as formas de avaliação e acompanhamento do curso.
- Analisar e avaliar os planos de ensino dos componentes curriculares (disciplinas).
- Promover a integração curricular interdisciplinar, respeitando os eixos estabelecidos no PPC.
- Acompanhar as atividades do corpo docente.
- Zelar pelo cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais.

**Parte 2 – Curso de Graduação em Geografia  
Licenciatura Plena a Distância**

# 1. Caracterização do Curso

---

## 1.1. Apresentação

O Ministério de Educação, com a finalidade de atender à demanda de formação de professores para a rede pública de ensino, criou, em 2005, a Universidade Aberta do Brasil – UAB, no âmbito do Fórum das Estatais pela Educação, com o objetivo de promover a articulação e integração experimental de um sistema nacional de educação superior. Esse sistema, constituído por instituições públicas de ensino superior, pretende levar ensino público de qualidade nos níveis de graduação e de pós-graduação aos Municípios brasileiros que não têm oferta de cursos superiores ou cuja oferta não é suficiente para atender a todos os cidadãos.

O presente projeto corresponde à proposta desta instituição para o Edital de Seleção PARFOR, para oferta do Curso de Graduação em Geografia nos municípios de Caucaia, Itapipoca, Maranguape e Quixeramobim.

## 1.2. Justificativa

O Projeto Pedagógico para o curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Ceará (UECE) resultou de um processo de reflexão e amadurecimento, indispensável à construção de um projeto pedagógico que se pretende seja, não apenas bem formulado, mas também operacional, frente à nova realidade do saber e do conhecimento.

A construção do projeto fundamentou-se nas diretrizes curriculares propostas pelo MEC para os cursos de Graduação em Geografia na modalidade de Licenciatura, atendendo determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996, dentro dos parâmetros de flexibilidade, qualidade na formação e interdisciplinaridade.

## 1.3. O Curso

### 1.3.1. Denominação

**Nome do Curso:** Curso de Graduação em Geografia Licenciatura Plena a Distância

**Centro vinculado:** Centro de Ciências e Tecnologia

**Coordenadora do Curso:** Profa. Dra. Denise Cristina Bomtempo

**Coordenador de Tutoria:** Prof. Dr. Edilson Alves Pereira Júnior

**Endereço institucional:** Campus do Itaperi, Av. Paranjana, 1700. CEP: 60.740-000 - Fortaleza (CE).

### **1.3.2. Histórico**

A Universidade Estadual do Ceará assume a missão de formar profissionais cada vez mais orientados para a solução dos grandes problemas do semiárido e para enfrentar os desafios da modernidade.

Para tanto se faz necessário priorizar a formação humana, e a qualificação profissional como fundamento da cidadania consistente com as preocupações de desenvolvimento do país e da região alvo dessa missão institucional.

Os dias atuais remetem a um novo paradigma civilizatório que a partir da compreensão das interdependências entre pobreza, degradação ambiental, injustiça social, conflitos étnicos, paz, democracia, ética e crise espiritual, favoreça ao projeto planetário humano cavando a esperança de um futuro comum da Terra e da humanidade. Esse Projeto, imprescindivelmente, requer sólida base educacional de todos os atores sociais, fundamentada no princípio de que, importa hoje e para o futuro, construir uma vida, uma sociedade e uma Terra sustentáveis.

O curso de Licenciatura em Geografia modalidade a distância da Universidade Estadual do Ceará deve estar voltado para as soluções de problemas socioespaciais, socioculturais, científicos e tecnológicos do semiárido a partir da ênfase dada ao exercício da docência como prioridade à construção da cidadania.

### **1.3.3 Formas de ingresso**

Para ingressar no curso de Licenciatura em Geografia na modalidade EAD, os candidatos necessitam ser portadoras de certificação de conclusão do Ensino Médio ou equivalente. O processo seletivo será específico, não obedecendo ao calendário do processo seletivo geral da Universidade. Abrange necessariamente conhecimentos das áreas de Língua Portuguesa, Matemática e, obrigatoriamente, Redação.

Os principais aspectos do processo seletivo estarão explicitados por meio de edital específico para admissão no sistema UAB/UECE.

### **1.3.4. Carga horária de curso e período de integralização**

**Periodicidade:** Ingresso Anual, com previsão de conclusão em 8 semestres

**Carga Horária:** 178 créditos; 3.026 h/a

**Número de vagas por turma:** 50 alunos por turma



### **1.3.5. Flexibilização de Carga Horária**

A comunicação dos estudos realizados nos cursos na modalidade EAD/UECE dar-se-á da seguinte forma:

- Os estudos realizados com aprovação no curso objeto do presente projeto serão passíveis de aproveitamento em outros cursos, a critério das respectivas instituições de ensino.
- Ao aluno vinculado ao curso na modalidade EAD/UECE será facultada a transferência de vínculo para outro curso na modalidade EAD oferecido por outra instituição, sempre que houver alteração comprovada de *locus* de trabalho para área de abrangência de outra instituição e respeitadas as possibilidades de execução do projeto do curso receptor; de igual forma, os cursos na modalidade EAD/UECE também receberão alunos de cursos na modalidade EAD de outras instituições, nas mesmas condições.
- Dada a característica de grade curricular para este curso específico de graduação a distância, a mobilidade entre os cursos a distância do mesmo projeto será automática.

### **1.3.6. Condições de Certificação**

As condições de Certificação do curso de Licenciatura em Geografia serão as mesmas estabelecidas no Regimento Geral da UECE, conforme o Subtítulo IV – Dos diplomas, certificados e títulos, arts. 127 a 133.

## 2. Estrutura da Organização Curricular

---

### 2.1. Perfil do Profissional a ser formado

Como explicitado nos Referenciais de Qualidade para Cursos a Distância, publicado pela Secretaria de Educação a Distância, do MEC, os cursos de Educação a Distância devem formar professores capazes de compreender o ensino de Geografia como importante elemento na formação de cidadãos críticos, participativos e com ampla visão de mundo, aptos a apreender toda dinamicidade da realidade que se constrói.

Tais interesses exigem uma proposta político-pedagógica pautada numa organização intencional interdisciplinar e flexível dos conhecimentos e componentes que integram o currículo, articulados aos objetivos do curso e ao perfil do egresso. São orientações imprescindíveis ao pleno desenvolvimento da organização curricular e que, com base na Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002, devem priorizar o ensino visando a aprendizagem do aluno, o acolhimento e o trato da diversidade, o exercício de atividades de enriquecimento cultural, a elaboração e a execução de projetos de desenvolvimento dos conteúdos curriculares, o aprimoramento em práticas investigativas, o uso de tecnologias da informação e o desenvolvimento de hábitos de colaboração e de trabalho em equipe.

Segundo a mesma resolução, a atuação dos professores ao objetivar a proposta curricular acima elencada exigirá o respeito aos seguintes princípios norteadores, responsáveis pelo preparo para o exercício profissional específico:

- A valorização da competência como concepção nuclear na orientação do curso
- A coerência entre a formação oferecida e a prática esperada do futuro professor
- O desenvolvimento da pesquisa, com foco no processo de ensino e aprendizagem.

### 2.2. Bases Filosóficas e Pedagógicas da proposta de formação profissional

A educação pública da população se coloca como um projeto político e social que emerge no século XVIII, tendo um de seus marcos a Revolução Francesa em 1789. O lema *liberté, égalité, fraternité* orienta o projeto de modernidade que com seus avanços no campo do conhecimento, da educação, da cultura e dos direitos civis e atinge seu ápice em meados do século XX.

A segunda metade do século XX é marcada por várias crises institucionais, sociais e políticas, o que leva alguns autores a definir esta época como a da pós-modernidade. Para alguns estudiosos, a pós-modernidade recoloca o paradigma educacional da modernidade, e põe em cheque o seu caráter universalista e monolítico. Os diversos enfoques dados à educação revelam a perda de sua importância cultural tradicional e de sua legitimidade (K 1-

ZILTAN, 1993)<sup>33</sup>. A nova proposta educacional representa a abdicação de qualquer modelo universal, considerando que já não seria possível uma dialética entre o geral e o local, entre o global e o particular, havendo sim, a prevalência dos aspectos individuais, o respeito pelo específico em detrimento dos valores mais universais.

Quando se pensa no currículo associa-se o compromisso a respeito do tipo de pessoas que queremos que os estudantes sejam e se tornem; como eles agirão com outros, formarão suas identidades, assumirão responsabilidades sociais e exercerão suas próprias escolhas (BEYER, 1993, p. 97)<sup>34</sup>, e isso não é possível através de iniciativas particulares ou acontecimentos isolados. Volta à tona a questão do esfacelamento dos universais<sup>35</sup>, da perda da utopia e acima de tudo, a pergunta sobre a possibilidade do homem como sujeito, ou seja, a humanidade, como projeto ainda é possível?

Uma reflexão sobre a pós-modernidade, o conhecimento científico e a educação, nos conduz a reivindicar o direito à ciência e a educação, considerando sua validade como instrumentais e saberes que tornam as pessoas capazes de proferir bons enunciados. Nesse sentido, defende-se uma pós-modernidade que redimensione os paradigmas da modernidade, não os abolindo, mas preenchendo-os de características peculiares a cada raça, classe, gênero, minoria, possibilitando a convivência dos universais com os particulares, e aproximando os discursos narrativos.

Giroux (1993)<sup>36</sup> não crê que o pós-modernismo represente uma separação ou uma ruptura drástica em relação à modernidade. Em vez disso, assinala uma mudança em direção a um conjunto de condições sociais, que estão reconstituindo o mapa social, cultural e geográfico do mundo e produzindo, ao mesmo tempo, novas formas de crítica cultural. Essa concepção de Giroux se aproxima da postura de Habermas<sup>37</sup>, que continua a apoiar o projeto iluminista, não abrindo mão da razão como condição ontológica, mas reconhecendo a necessidade de se pensar metas, meios e fins para as condições econômicas e políticas da atualidade.

A educação, na concepção pós-moderna de Giroux, fornece aos educadores uma visão mais complexa e iluminadora da relação entre cultura, poder e conhecimento, uma vez que a pluralidade dos discursos, o respeito à subjetividade e o reconhecimento de uma ra-

---

<sup>33</sup> KIZITAM, U. M. et alli. Condições pós-modernas: repensando a educação pública. In **Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos**. Porto Alegre. Artes Médicas. 1993.

<sup>34</sup> BEYER. Condições pós-modernas: repensando a educação pública. In **Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos**. Porto Alegre. Artes Médicas. 1993.

<sup>35</sup> A questão dos universais é discutida por muitos autores que consideram o projeto da modernidade como uma metanarrativa que abrange a tudo e a todos. Esses argumentos são contestados pelos teóricos da pós-modernidade, ao afirmarem que o discurso da modernidade se mostrou ineficaz e que a famosa ideia de progresso é, no mínimo duvidosa.

<sup>36</sup> GIROUX, H. A. O pós-modernismo e o discurso da crítica educacional. In **Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos**. Porto Alegre. Artes Médicas. 1993.

<sup>37</sup> J. Habermas é um filósofo alemão que participou de uma corrente filosófica dos anos 1960/70 designada Escola de Frankfurt, onde também faziam parte T. Adorno e Horkheimer.

ção comunicativa<sup>38</sup> possibilita educar os estudantes para um tipo de cidadania que não estabeleça separação entre os direitos abstratos e o domínio do cotidiano e não defina a comunidade como prática legitimadora e unificadora de uma narrativa histórica e cultural unidimensional. A visão de Giroux e outros teóricos que adotam essa concepção é de que o projeto iluminista e a razão como categoria ontológica necessitam de uma nova contextualização, incluindo o respeito as diferenças.

Nossa tradicional forma de transmissão de conhecimentos está em mutação tão irreversível quanto a cinco séculos atrás quando o ser humano começou a se libertar da limitação física da cultura manuscrita. Tal irreversibilidade deve-se, sobretudo, ao advento das novas tecnologias de informação e de comunicação e à conclusão de que nenhuma sociedade pode se permitir excluir, por muito tempo, de suas escolas, importantes componentes de sua cultura cotidiana.

De fato, quanto mais as novas tecnologias de informação e de comunicação se popularizam e se tornam elementos determinantes de nossa vivência coletiva, de nossas práticas profissionais e dos momentos de lazer, tanto mais elas têm que ser incorporadas aos processos escolares de aquisição e de comunicação de conhecimentos.

A escola ainda enfrenta dilemas e desempenha um papel nebuloso, tendo em vista a necessária revisão dos mecanismos de ensino e de aprendizagem. Cada vez mais, o professor é chamado a atuar como um verdadeiro gestor de tecnologias e de estratégias de comunicação, interagindo com conhecimentos dinâmicos, com alunos dinâmicos, com um mundo em mutação. Mas qual seria o perfil exato deste novo educador?

No século XXI a missão da educação faz com que englobe todos os processos que levem as pessoas, desde a infância até ao fim da vida, a um conhecimento dinâmico do mundo, dos outros e de si mesmas, combinando de maneira flexível quatro aprendizagens fundamentais que segundo a UNESCO são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser<sup>39</sup>. As premissas que orientam a educação do século XXI podem ser resumidas no quadro 1.

**Quadro 1- Premissas da UNESCO**

Premissas (UNESCO)	Descrição
<b>Aprender a conhecer</b>	A educação deve ser geral e ampla, permitindo posterior aprofundamento de áreas específicas do conhecimento, possibilitando ainda a compreender a complexidade do mundo em que vivemos, podendo assim o educando desenvolver possibilidades pessoais e profissionais que lhe garantam uma vida digna. Supõe, antes de tudo, aprender a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento. O processo de descoberta implica duração e aprofundamento da apreensão.
<b>Aprender a fazer</b>	Estimular o surgimento de novas aptidões no aluno, desenvolvendo suas habilidades e permitindo enfrentamento de situações adversas. Combina a qualifica-

<sup>38</sup> Ver Habermas, 1987.

<sup>39</sup> Ver Relatório DELORS, 1996.

	ção técnica e profissional, o comportamento social, a aptidão para o trabalho em equipe, a capacidade de iniciativa, o gosto pelo risco. Qualidades como a capacidade de comunicar, de trabalhar com os outros, de gerir e de resolver conflitos, tornam-se cada vez mais importantes. A aptidão para as relações interpessoais, cultivando qualidades humanas que as formações tradicionais não transmitem necessariamente e que correspondem à capacidade de estabelecer relações estáveis e eficazes entre as pessoas.
<b>Aprender a viver juntos</b>	Possibilitando a capacidade de gerenciar conflitos surgidos das relações inter e intrapessoal. Aprender a viver com os outros desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências - realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos - no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.
<b>Aprender a ser</b>	Visa o desenvolvimento pessoal em sua totalidade, fomentando o senso crítico e a capacidade de análise e decisão no educando, para o desenvolvimento da personalidade individual e da capacidade de autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal. Não negligenciar nenhuma das potencialidades de cada indivíduo, tais como memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se.

Fonte: DELORS, 1996.

O desenvolvimento tem por objeto a realização completa do ser humano, em toda a sua riqueza e na complexidade das suas expressões e dos seus compromissos: indivíduo, membro de uma família e de uma coletividade, cidadão e produtor, inventor de técnicas e criador de sonhos. Este desenvolvimento do ser humano, que se desenrola desde o nascimento até a morte, é um processo dialético que começa pelo conhecimento de si mesmo para se abrir, em seguida, à relação com o outro. Neste sentido, a educação é antes de tudo uma viagem interior, cujas etapas correspondem às da maturação contínua da personalidade.

Compete à educação encontrar e assinalar as referências que impeçam as pessoas de ficar submergidas nas ondas de informações, mais ou menos efêmeras, que invadem os espaços públicos e privados e as levem a orientar-se para projetos de desenvolvimento individuais e coletivos. Cabe fornecer os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele.

Numa altura em que os sistemas educativos formais tendem a privilegiar o acesso ao conhecimento, em detrimento de outras formas de aprendizagem, importa conceber a educação como um todo.

### 2.2.1. O Curso de Licenciatura em Geografia no contexto do século XXI

A qualificação da profissão docente exige que se parta do pressuposto da construção de uma formação específica, justificada pelas diferentes dimensões da docência. Mesmo por que os conteúdos teórico-metodológicos de cada profissão já são, por si só, impossíveis de um domínio completo, dada a multiplicidade de abordagens e o volumoso estoque de conhecimentos existentes. Cabe então ao docente: “saber conhecer, saber ser,

saber pensar e saber agir”. Para tanto, sua formação exige o proposto pelo *Relatório Educação: Um Tesouro a Descobrir*, da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, qual seja estabelecer como pilares da Educação contemporânea “aprender a ser, a fazer, a viver juntos e a conhecer”.

Frente ao exposto, o curso que se propõe à formação de docentes em Geografia, deve ser concebido na perspectiva da formação intelectual do educando enfatizando como objetivos fundamentais:

- Proporcionar uma formação específica do docente em geografia, contemplando o ‘saber conhecer’ dos conteúdos geográficos e pedagógicos;
- Consolidar a formação quanto aos fundamentos filosóficos, teórico-metodológicos e técnico-operacionais da Geografia Científica, contemplando o ‘saber pensar’ e o ‘saber fazer’ em Geografia;
- Consolidar a formação pedagógica quanto aos fundamentos filosóficos e teórico-metodológicos da Educação e da Prática de Ensino em Geografia na Educação Escolar, contemplando o ‘saber pensar’ e o ‘saber agir’ pedagógico;
- Desenvolver a atitude reflexiva e crítica sobre os conteúdos e as práticas geográfico-pedagógicas apreendidos face às transformações no campo do conhecimento geográfico e educacional, contemplando a busca das equidades das práticas sociais e espaciais para o ‘saber ser’ sujeito do processo docente;
- Prover a incorporação dos conhecimentos tecnológicos informacionais na formação do professor de Geografia permitindo-o ao ‘saber fazer’ da interpretação, representação e a utilização de tecnologias no ensino-aprendizagem dos processos espaciais;
- Priorizar a apreensão da relação teoria-prática e a produção do conhecimento geográfico-educacional, a partir da pesquisa acadêmica, tanto no âmbito do conhecimento em Geografia quanto em Educação, permitindo a consolidação do ‘saber ser, fazer, pensar e conhecer’ do docente de Geografia;
- Priorizar a atitude reflexiva e crítica dos paradigmas pretéritos e atuais norteadores da construção socioespacial mundial, nacional, regional e local, consubstanciando a formação intelectual do docente.

### **2.3. Habilidades e Competências**

É fundamental que se busque considerar o conjunto das competências necessárias à atuação profissional, adotando estas como norteadoras, tanto da proposta pedagógica, quanto da organização institucional. Desse modo, o Projeto Político Pedagógico da Licenciatura em Geografia, segundo o Art. 6º da Resolução CNE/CP 1, já citada, considerará o desenvolvimento das seguintes competências na formação docente:

- Competências referentes ao comprometimento com os valores inspiradores da sociedade democrática;

- Competências referentes à compreensão do papel social da escola;
- Competências referentes ao domínio dos conteúdos a serem socializados, aos seus significados em diferentes contextos e sua articulação interdisciplinar;
- Competências referentes ao domínio do conhecimento pedagógico;
- Competências referentes ao conhecimento de processos de investigação que possibilitem o aperfeiçoamento da prática pedagógica;
- Competências referentes ao gerenciamento do próprio desenvolvimento profissional.

O mesmo Art. 6º, reforçando a importância das competências como orientação para construção do projeto político pedagógico, acrescenta:

§ 1º O conjunto das competências enumeradas neste artigo não esgota tudo que uma escola de formação possa oferecer aos seus alunos, mas pontua demandas importantes oriundas da análise da atuação profissional e assenta-se na legislação vigente e nas diretrizes curriculares nacionais para a educação básica.

§ 2º As referidas competências deverão ser contextualizadas e complementadas pelas competências específicas próprias de cada etapa e modalidade da educação básica e de cada área do conhecimento a ser contemplada na formação.

§ 3º A definição dos conhecimentos exigidos para a constituição de competências deverá, além da formação específica relacionada às diferentes etapas da educação básica, propiciar a inserção no debate contemporâneo mais amplo, envolvendo questões culturais, sociais, econômicas e o conhecimento sobre o desenvolvimento humano e a própria docência.

Por sua vez, para a oferta de educação a distância, o artigo 80 da LDB especifica que,

O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino à distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada.

§1º. A educação à distância, organizada com abertura e regime especiais, será oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União.

§2º. A União regulamentará os requisitos para a realização de exames e registro de diploma relativos a cursos de educação à distância.

A inclusão deste artigo no dispositivo legal possibilita a ampliação de oferta de cursos de nível superior nesta modalidade de ensino, o que para um país de dimensões continentais como o Brasil representa a ruptura com barreiras criadas pela distância, o tempo e as

circunstâncias que afetam as possibilidades de acesso a um contingente expressivo da população que almeja a continuidade de estudos.

Para efeito do desenvolvimento da estrutura curricular do Curso as disciplinas deverão ser organizadas em módulos e estes em submódulos, se for o caso. Cada disciplina terá uma carga-horária presencial e uma a distância, que pode variar de acordo com a especificidade do projeto, sempre respeitando a legislação pertinente e as normas da UECE que venham a ser criadas para os Cursos a Distância.

## **2.4. Campo de Atuação Profissional**

Após a integralização curricular da Licenciatura Plena, o graduado receberá o diploma de **Licenciado em Geografia** e a ele compete:

- Exercer atividades de docência e coordenação de projetos e consultorias na área do ensino da geografia;
- Aplicar metodologia científica na realização de atividades de pesquisa, planejamento, execução e avaliação do processo de ensino e aprendizagem da geografia;
- Realizar estudos relacionados à estruturação do conteúdo de ensino geográfico a ser ministrado nas escolas de ensino fundamental e médio;
- Exercer as atividades em sala de aula, interagindo com os alunos e criando condições de discussão da realidade e da multiplicidade e complexidade em que se apresenta o mundo atual e permitir a capacidade de investigação e o processo de ensino aprendizagem, de modo a criar as condições necessárias para prática docente.

## **2.5. Objetivos do curso**

### **2.5.1. Objetivo Geral**

- Formar professores de geografia para o Ensino Fundamental II, Médio e Educação Profissional, contribuindo para o desenvolvimento científico e cultural do Estado do Ceará.

### **2.5.2. Objetivos Específicos**

- Identificar e explicar a dimensão geográfica presente nas diversas manifestações do conhecimento
- Articular elementos empíricos e conceituais, concernentes ao conhecimento científico dos processos espaciais
- Reconhecer as diferentes escalas de ocorrência e manifestação dos fatos, fenômenos e eventos geográficos
- Planejar e redigir atividades de campo referente à investigação geográfica



- Dominar técnicas laboratoriais concernentes a produção e aplicação do conhecimento geográfico
- Utilizar os recursos da Informática
- Trabalhar de maneira integrada e contributiva em equipas multidisciplinares.
- Dominar os conteúdos básicos que são objetos de aprendizagem nos níveis fundamentais e médio
- Organizar o conhecimento espacial adequando-o ao processo de ensino-aprendizagem em geografia nos diferentes níveis de ensino.

## **3. Lógica da Organização Curricular**

---

### **3.1. Componentes Curriculares**

O Projeto Político Pedagógico da Licenciatura em Geografia da UECE, em consonância com as novas propostas sugeridas pelas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996, prevê uma autonomia de cada IES na organização da matriz curricular e no estabelecimento da sequência e estrutura semestral das atividades acadêmicas. O curso de Licenciatura em Geografia terá 3.026 horas de duração, distribuídas em 8 períodos, respeitando as orientações do Parecer Resolução CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002, que reserva, no mínimo, 400 horas de prática como componente curricular, 400 horas de estágio curricular supervisionado, 1.800 horas de aulas para os conteúdos curriculares de natureza científico cultural e 200 horas para outras formas de atividades acadêmico-científico-culturais.

#### **3.1.1. Prática como Componente Curricular (PCC)**

As Práticas como Componente Curricular (PCC) estão regulamentadas pela Resolução CNE Nº 1/2002 e CNE Nº 2/2002, sendo parte dos créditos das atividades pedagógicas dos cursos de formação de professores.

O propósito Prática como Componente Curricular é ser uma prática que produza algo no âmbito do ensino. Sendo a prática um trabalho consciente, ela terá que ser uma atividade tão flexível quanto outros pontos de apoio do processo formativo, a fim de dar conta dos múltiplos modos de ser da atividade acadêmico-científica.

A prática deve acontecer desde o início da duração do processo formativo e se estender ao longo de todo o processo, perfazendo um total de 408 horas distribuídas através da prática desenvolvida em disciplinas e oficinas (Metodologia do Ensino em Geografia I e II; e Oficinas I, II, III e IV). Em articulação intrínseca com o Estágio Supervisionado (ES) e com as atividades de trabalho acadêmico, ela concorre para a formação da identidade do professor como educador. Esta correlação teoria e prática é um movimento contínuo entre saber e fazer na busca de significados na gestão, administração e resolução de situações próprias do ambiente da educação escolar.

#### **3.1.2. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)**

Com o objetivo de oportunizar aos alunos uma reflexão teórico-prática e de natureza científica, será exigido um Trabalho de Conclusão de Curso, sem o qual não será possível a

obtenção do título de Licenciado em Geografia. Esse trabalho consistirá num memorial ou artigo científico, desenvolvidos ao longo do curso e finalizados no último período do mesmo, quando refletirão o resultado dos momentos vivenciados pelos alunos na elaboração e implementação de práticas de pesquisa e ensino, bem como, a experiência em estágios supervisionados.

As disciplinas de *Projeto de Pesquisa em Geografia*, *Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia I* e de *Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia II*, somadas às 408 horas reservadas ao Estágio Supervisionado, contribuirão para a elaboração e conclusão do trabalho, que deverá ser avaliada em seção pública por uma comissão examinadora composta por três professores com título de, no mínimo, especialista. O presidente da comissão será o professor-orientador do trabalho e a aprovação do graduando só se dará a partir da obtenção de um conceito considerado satisfatório. Os critérios de elaboração do trabalho atenderão as resoluções que regulamentam o ensino a distância.

### **3.2. Fluxograma curricular por período**

O fluxograma do Curso de Licenciatura em Geografia ofertado na modalidade a Distância é semelhante ao do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Ceará desenvolvido na modalidade Presencial, com as devidas adaptações que se fizeram necessárias. Dentre essas modificações encontra-se a oferta de uma disciplina Seminário de Integração para a Educação a Distância que visa introduzir o aluno nesta modalidade de ensino. Conforme mencionado anteriormente, cada semestre corresponde a um módulo de ensino, com as disciplinas podendo ser deslocadas de um módulo para outro, desde que respeitem os pré-requisitos necessários para que o aluno possa cursá-la. A seguir encontra-se a apresentação do Curso, bem como seu fluxograma.

### **Apresentação do Curso**

<b>UECE</b> Universidade Estadual do Ceará		<b>CCT</b> Centro de Ciências e Tecnologia	
Curso: <b>GEOGRAFIA</b>	Modalidade: <b>LICENCIATURA A DISTÂNCIA</b>	Tipo: <b>GRADUAÇÃO</b>	
Duração em Semestre: <b>8 SEMESTRES</b>	Carga Horária: <b>3.026 HORAS</b>	Créditos: <b>178 CRÉDITOS</b>	
Nome do Curso <b>GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA LICENCIATURA A DISTÂNCIA</b>			

### Disciplinas por Módulos

<b>1º Modulo</b>			
<b>Códigos</b>	<b>Disciplinas</b>	<b>Créd</b>	<b>h/a</b>
CT	Fundamentos de Geografia	04	68h
CH	Introdução à filosofia	04	68h
CH	Psicologia evolutiva II (Adolescência)	04	68h
CT	Geologia geral	04	68h
CH	Introdução à sociologia	04	68h
CT	Introdução a Educação a distância	04	68h
<b>TOTAL DE HORAS/AULA E CRÉDITOS</b>		<b>24</b>	<b>408h</b>

<b>2º Modulo</b>			
<b>Códigos</b>	<b>Disciplinas</b>	<b>Créd</b>	<b>h/a</b>
CT	Geografia da população	04	68h
CH	Psicologia da aprendizagem	04	68h
CED	História econômica, social e política do Brasil	04	68h
CT	Cartografia	04	68h
CT	Climatologia	04	68h
<b>TOTAL DE HORAS/AULA E CRÉDITOS</b>		<b>20</b>	<b>340h</b>

<b>3º Modulo</b>			
<b>Códigos</b>	<b>Disciplinas</b>	<b>Créd</b>	<b>h/a</b>
CT	Recursos hídricos	04	68h
CT	Geografia agrária	04	68h
CH	Metodologia do trabalho científico	04	68h
CT	Geomorfologia	04	68h
CED	Didática Geral	04	68h
<b>TOTAL DE HORAS/AULA E CRÉDITOS</b>		<b>20</b>	<b>340h</b>

<b>4º Modulo</b>			
<b>Código</b>	<b>Disciplina</b>	<b>Créd</b>	<b>h/a</b>
CT	Pedologia	04	68h
CT	Geografia urbana	04	68h
CT	Teoria e método em geografia	04	68h
CED	Estrutura e funcionamento da educação básica	04	68h
CT	Metodologia e Prática do Ensino de Geografia I (PCC – Prática como Componente Curricular)	04	68h
CT	Oficina em Geografia I (PCC – Prática como Componente Curricular)	04	68h
<b>TOTAL DE HORAS/AULA E CRÉDITOS</b>		<b>24</b>	<b>408h</b>

<b>5º Modulo</b>			
<b>Código</b>	<b>Disciplina</b>	<b>Créd</b>	<b>h/a</b>
CT	Geografia ambiental	04	68h
CT	Geografia econômica	04	68h
CT	Geografia política	04	68h
CT	Metodologia e Prática do Ensino de Geografia II (PCC – Prática como Componente Curricular)	04	68h
CT	Oficina em Geografia II (PCC – Prática como Componente Curricular)	04	68h
<b>TOTAL DE HORAS/AULA E CRÉDITOS</b>		<b>20</b>	<b>340h</b>

<b>6º Modulo</b>			
<b>Código</b>	<b>Disciplina</b>	<b>Créd</b>	<b>h/a</b>
CT	Geografia do Brasil	04	68h
CT	Projeto de pesquisa em geografia	04	68h
CT	Língua Brasileira De Sinais (LIBRAS)	04	68h
CT	Estágio Supervisionado I (Ensino Fundamental)	06	102h
CT	Oficina em Geografia III (PCC – Prática como Componente Curricular)	04	68h
<b>TOTAL DE HORAS/AULA E CRÉDITOS</b>		<b>22</b>	<b>374h</b>

<b>7º Modulo</b>			
<b>Código</b>	<b>Disciplina</b>	<b>Créd</b>	<b>h/a</b>
CT	Geografia do Nordeste	04	68h
CT	Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia I	04	68h
CT	Estágio Supervisionado II (Ensino Fundamental)	06	102h
CT	Oficina em Geografia IV (PCC – Prática como Componente Curricular)	04	68h
<b>TOTAL DE HORAS/AULA E CRÉDITOS</b>		<b>18</b>	<b>306h</b>

<b>8º Modulo</b>			
<b>Código</b>	<b>Disciplina</b>	<b>Créd</b>	<b>h/a</b>
CT	Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia II	06	102h
CT	Estágio Supervisionado III (Ensino Médio)	12	204h
<b>TOTAL DE HORAS/AULA E CRÉDITOS</b>		<b>18</b>	<b>306h</b>

<b>TOTAL DE CRÉDITOS e HORAS AULAS TEÓRICOS E PRÁTICOS</b>	<b>168</b>	<b>2.856</b>
<b>ATIVIDADES COMPLEMENTARES (Com horas integralizadas e apresentadas durante o cursar do oitavo semestre)</b>	<b>12</b>	<b>204</b>
<b>TOTAL GERAL DA CARGA HORÁRIA</b>	<b>178</b>	<b>3.026</b>

### 3.2.1. Eixos e Componentes de Organização Curricular

O presente Curso de Licenciatura Plena em Geografia na modalidade a distância apresenta uma estrutura curricular organizada a partir de quatro eixos que podem ser caracterizados da seguinte forma: Eixo temático de interpretação do espaço e de formação geral em Geografia, Eixo da prática como componente curricular e estágio curricular obrigatório, Eixo temático de representação do espaço e análise metodológica e Eixo temático complementar e de formação pedagógica geral.

Tomando-se como fundamento do projeto a formação humana para o ensino e o princípio da cidadania, sedimenta-se o processo de tal forma que a organização curricular demonstre adequação à realidade em transformação e aponte para respostas compreensíveis no que concerne aquilo que se espera do aluno ao final do curso.

No momento em que se propõe discutir um novo currículo para a Geografia, nos deparamos com discursos defasados e/ou práticas retrógradas, sobretudo quando se trata da Licenciatura, vista, grosseiramente, como um curso que forma profissionais dedicados à mera reprodução do conhecimento, este último geralmente definido como a soma de conteúdos estáticos e mecanicamente fragmentados.

Na tentativa de superar tais concepções e buscando propor eixos de integração que abordem a interface de pontos comuns, entendemos que a seleção de eixos temáticos no currículo da Licenciatura em Geografia deve se dar com base no objetivo da construção de um dado conhecimento, garantindo que os componentes curriculares possam ser bem articulados e aproveitados.

Dessa forma teríamos a associação dos eixos e a flexibilização curricular representada nos quadros 01, 02 03 e 04 a seguir, que demonstra um resumo com o total de horas previstas para as disciplinas e demais atividades do projeto pedagógico do curso. Coloca-se ainda como elemento de organização curricular, um conjunto de atividades que podem ser livremente escolhidas pelo aluno na complementação dos números de créditos exigidos para a conclusão do curso.

No que se refere à oferta dessas atividades, pode ser considerado um elenco disponibilizado por outros cursos de graduação da UECE com afinidade epistemológica com o curso de Geografia, e que atendam a um determinado objetivo de interesse específico e interdisciplinar, problematizando ou introduzindo aspectos relacionados à construção e a práxis pedagógica.

Como resultado da organização do curso em eixos, o que se pretende é oferecer ao graduando maior flexibilidade na construção individual do seu projeto de formação profissional, sem perder de vista o conjunto de competências e habilidades básicas necessárias para uma formação geral sólida e interdisciplinar.

Ao tomar como fundamento do projeto a formação humana para o ensino/pesquisa e o princípio da cidadania, sedimenta-se o processo de tal forma que a organização curricular

demonstre adequação à realidade em transformação e aponte para respostas compreensíveis no que concerne aquilo que se espera do aluno ao final do curso.

Dessa forma teríamos:

- a) **Eixo temático de interpretação do espaço e de formação geral em Geografia:** Aborda as tendências do pensamento geográfico e suas diferentes vertentes e a integração das disciplinas chamadas físicas e humanas, com o objetivo de aprender e explicar a multidimensionalidade do espaço geográfico. A integração teoria/prática, para esse grupo de disciplinas, reforça a formação do professor de geografia, articulando o conhecimento da questão geográfica e seus aspectos políticos, sociais, econômicos, ambientais e culturais. Dessa forma, a proposta abre possibilidades também para a interdisciplinaridade, onde a interpretação do espaço geográfico assume uma polissemia em que se faria a integração não só das disciplinas da seara da geografia, bem como, através de outros aportes teóricos significativos para a abordagem socioespacial e no delineamento de suas linhas de pesquisa.
- b) **Eixo da prática como componente curricular e estágio curricular obrigatório:** Representa importante eixo articulador de saberes, na medida em que fundamenta a aprendizagem a partir de referenciais práticos, introduzidos em componentes curriculares ao longo do curso e organizados de tal forma que valorize a formação continuada através das muitas etapas da prática como componente curricular e do estágio supervisionado obrigatório. Complementará a formação adquirida no interior da sala de aula universitária, uma vez que, além de trabalhar concretamente com questões relacionadas a currículo, saber, ação docente, gestão de processos e modalidades educativas, entre outros, garantirá o exercício viabilizador da aplicabilidade.
- c) **Eixo temático de representação do espaço e análise metodológica:** Trata da representação espacial e da discussão metodológica, com o objetivo de orientar a iniciação à pesquisa na graduação e introduzir o uso de instrumentos e tecnologias, ensinando as técnicas auxiliares para a elucidação do espaço geográfico. Ter-se-á claro que tais tecnologias, por si, não constituirão uma explicação para o espaço, porém será enfatizado o papel estratégico dessas mediações na leitura, entendimento e explicação do território.
- d) **Eixo temático complementar e de formação pedagógica geral:** Composto por disciplinas que ocupam o espaço de transição entre assuntos pedagógicos, científicos e humanísticos, enfocando as dimensões educacionais, psicológicas, sócio-históricas, epistemológicas e axiológicas do conhecimento humano, buscando contribuir e sensibilizar os alunos para conhecimentos de natureza mais geral e pedagógica, tentando analisar os problemas numa perspectiva multidimensional, considerando os diversos campos de saberes.

### 3.2.2. Distribuição dos componentes curriculares por eixos

**Quadro 1 - Eixo temático de interpretação do espaço e de formação geral em Geografia**

<b>Disciplinas</b>	<b>Créditos</b>	<b>Carga Horária</b>
Fundamentos de Geografia	04	68h
Geologia Geral	04	68h
Geografia da População	04	68h
Climatologia	04	68h
Recursos Hídricos	04	68h
Geomorfologia	04	68h
Geografia Agrária	04	68h
Teoria e Método em Geografia	04	68h
Geografia Urbana	04	68h
Pedologia	04	68h
Geografia Ambiental	04	68h
Geografia Econômica	04	68h
Geografia Política	04	68h
Geografia do Brasil	04	68h
Geografia do Nordeste	04	68h
<b>TOTAL</b>	<b>60</b>	<b>1.020h</b>

**Quadro 2 - Eixo temático integrador da prática como componente curricular e estágio supervisionado**

<b>Disciplinas</b>	<b>Créditos</b>	<b>Carga Horária</b>
Oficina em Geografia I (PCC – Prática como Componente Curricular)	04	68h
Oficina em Geografia II (PCC – Prática como Componente Curricular)	04	68h
Oficina em Geografia III (PCC – Prática como Componente Curricular)	04	68h
Oficina em Geografia IV (PCC – Prática como Componente Curricular)	04	68h
Metodologia e Prática do Ensino de Geografia I (PCC – Prática como Componente Curricular)	04	68h
Metodologia e Prática do Ensino de Geografia II (PCC – Prática como Componente Curricular)	04	68h
Estágio Supervisionado I (Ensino Fundamental)	06	102h
Estágio Supervisionado II (Ensino Fundamental)	06	102h
Estágio Supervisionado III (Ensino Médio)	12	204h
<b>TOTAL</b>	<b>48</b>	<b>816h</b>

**Quadro 3 - Eixo temático de representação do espaço e análise metodológica**

<b>Disciplinas</b>	<b>Créditos</b>	<b>Carga Horária</b>
Cartografia	04	68h
Metodologia do Trabalho Científico	04	68h
Projeto de Pesquisa em Geografia	04	68h
Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia I	04	68h



Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia II	06	102h
<b>TOTAL</b>	<b>22</b>	<b>374h</b>

**Quadro 4 - Eixo temático complementar e de formação pedagógica geral**

<b>Disciplinas</b>	<b>Créditos</b>	<b>Carga Horária</b>
Introdução a Educação a distância	04	68h
Introdução à Filosofia	04	68h
Introdução à Sociologia	04	68h
História Econômica, Social e Política do Brasil	04	68h
Psicologia Evolutiva II (Adolescência)	04	68h
Psicologia da Aprendizagem	04	68h
Didática Geral	04	68h
Estrutura e Funcionamento da Educação Básica	04	68h
Língua Brasileira De Sinais (LIBRAS)	04	68h
<b>TOTAL</b>	<b>36</b>	<b>612h</b>

**3.3. Ementário**

Distribuição das disciplinas por eixos temáticos

**3.3.1. Eixo temático de interpretação do espaço e de formação geral em Geografia**

**Disciplina: Fundamentos de Geografia**

**Créditos 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** Noções de Ciência e de Geografia. Objeto de estudo da Geografia. Do conhecimento do globo terrestre ao processo de formação da Geografia. História e evolução do pensamento geográfico. Conceitos, temas e categorias básicas em Geografia. Perspectivas atuais da Geografia. Desenvolvimento de estratégias pedagógicas para trabalhar os conceitos básicos de Geografia no Ensino Fundamental e Médio.

**Bibliografia:**

- CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- CASTRO, Iná Elias et alli. **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996;
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial**. São Paulo: Editora Ática, 1991 (4ª. edição).
- CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENTHAL Zeny. **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- COSTA, Rogério Haesbaert da. **O mito da desterritorialização – do fim dos territórios à multiterritorialidade**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- GREGORY, Derek; MARTIN, Ron. SMITH, Graham. **Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: Editora da USP. 1999.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia - pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec, 1999 (17ª. edição).

- MORAES, Antonio Carlos Robert. **A gênese da Geografia moderna**. São Paulo: HUCITEC, 1989.
- MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico?** São Paulo: Contexto, 2006.
- REVISTA TERRA LIVRE no. 16. **Paradigmas da Geografia** Parte I. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros: AGB, 2001 (1º. Semestre, p. 1 – 204).
- REVISTA TERRA LIVRE no. 17. **Paradigmas da Geografia** Parte II. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros: AGB, 2001 (2º. Semestre, p. 1 – 182).
- SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: EDUSP, 2008.
- SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica**. São Paulo: EDUSP, 2002.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 4ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia**. Contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- UNWIN, Tim. **El lugar de la Geografía**. Madrid: Cátedra, 1992.

### **Disciplina: Geologia Geral**

**Créditos 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** A Terra, seu conjunto e a litosfera. Geologia histórica. Noções gerais de mineralogia e petrografia: definições, classificações, tipos e características principais dos minerais e rochas. Geologia dinâmica: fenômenos internos e externos. Implicações na Geomorfologia. Intemperismo. Águas continentais. Atividades geológicas do vento, do mar e dos organismos. Plutonismo. Epirogênese. Perturbações tectônicas. Evolução geotectônica. Geologia ambiental.

#### **Bibliografia:**

- GUERRA, A.T. **Dicionário Geológico-Geomorfológico**. Ed. Bertrand Brasil.
- LEINZ, V. & AMARAL, S.E. do. **Geologia Geral**. Ed. IBEP, São Paulo, 2000.
- SOUZA, C. R de. G., SUGUIO, K., OLIVEIRA, A. M dos S., OLIVEIRA, P. E de. **Quaternário do Brasil**. Ed. Holos, Ribeirão Preto, 2005.
- SUGUIO K. & SUZUKI U. **A Evolução Geológica de Terra e a Fragilidade da Vida**. Ed. Edgard Blücher Ltda. São Paulo, 2003.
- TEIXEIRA W., Toledo, M. C. M de, Fairchild, T. R., Taioli, F. **Decifrando a Terra**. Ed. Oficina de Texto, São Paulo, 2000.
- THOMPSON, G.R. & TURK, J. **Earth Science and Environment**. Ed. Saunders College Publishing. United States of America. 1995.

### **Disciplina: Geografia da População**

**Créditos 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** Aspectos teóricos e metodológicos da geografia da população. Evolução e estruturação da população no espaço geográfico. Contraposição entre a leitura demográfica e o conteúdo histórico determinado das leis de população: reprodução e migrações. População e método: concepção abstrata de população e sua substituição por categorias concretas de análise. Classes, grupos e camadas sociais, elementos da formação econômico-social capitalista - reprodução das relações sociais de produção, Estado e segregação dos grupos, funções e lugares. População e urbanização. População como representação dos sujeitos reais: fenômenos urbanos e rurais, produção do território mundial e local, comunidades culturais, etnias, noção científica e filosófica do homem e do humano. Análise de estudos populacionais do Brasil.

#### **Bibliografia:**

- BAENINGER, Rosana. Redistribuição espacial da população e urbanização: mudanças e tendências recentes. In: GONÇALVES, Maria Flora et alli (organizadores). **Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional**. São Paulo: Unesp/AMPUR, 2003.
- BECKER, Olga Maria Schild. Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, contextos. In: CASTRO, Iná Elias et al (organizadores). **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- CARLEIAL, Adelita Neto (organizadora). **Transições Migratórias**. Fortaleza: Edições IPLANCE, 2002.
- CARLEIAL, Adelita Neto (organizadora). **População, sociedade e desenvolvimento**. Fortaleza: Eduece, 2004.
- CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS. **Migrações internas no Brasil: o peregrinar de um povo sem terra**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1986.
- DAMIANI, Amélia. **População e geografia**. São Paulo: Contexto, 1991.
- DEÁK, Csaba e SCHIFFER, Sueli Ramos (organizadores). **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1999.
- DUDEN, Bárbara. População. in: SACHS, Wolfgang. **Dicionário do desenvolvimento: guia prático para o conhecimento como poder**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DURHAN, Eunice R. **A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.
- GARNIER, J. Beaujeu. **Geografia da população**. 2ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1980.
- GEORGE, Pierre. **Geografia da população**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- MALTHUS, Thomas Robert. **Ensaio sobre a população**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Coleção Os Economistas.
- MATOS, Ralfo. Fluxos migratórios regionais no Brasil contemporâneo: descrição e análise. In: GONÇALVES, Maria Flora et alli (organizadores). **Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional**. São Paulo: Unesp/AMPUR, 2003.
- MARTINE, George. A evolução espacial da população brasileira. In: AFFONSO, Rui de B. A. e SILVA, Pedro L. B. (Org.). **Desigualdades regionais e desenvolvimento**. São Paulo: FUNDAJ/Editora da Unesp, 1995.
- MARTINS, José de Souza. O vôo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil. In: **Não há terra para plantar neste verão**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- RUA, João et alli (organizadores). **Para ensinar geografia: contribuição para o trabalho com o 1º e 2º graus**. Rio de Janeiro: ACEESS, 1993.
- SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES et alli (organizadores). **O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio: desafios pastorais**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- SANTOS, Milton. **Ensaio sobre a urbanização latino-americana**. São Paulo: HUCITEC, 1982.
- SCARLATO, Francisco Capuano. População e urbanização no Brasil. In: ROSS, Jurandyr L. Sanches (org.). 2ª ed. **Geografia do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1998.
- SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. 14ª ed. São Paulo: Contexto, 1998.
- SINGER, Paul. **Dinâmica populacional e desenvolvimento: o papel do crescimento populacional no desenvolvimento econômico**. 4ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1988.
- THÉRY, Hervé e MELLO, Neli Aparecida de. **Atlas do Brasil: disparidades e dinâmicas do território**. São Paulo: Edusp, 2005.

**Disciplina: Climatologia**

**Créditos 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** Esclarecer e fornecer os meios básicos de utilização dos subsídios meteorológicos à análise geográfica da atmosfera; Situar a posição epistemológica e a natureza metodoló-

gica do estudo do clima no domínio da Geografia; Fornecer métodos e técnicas adequadas ao estudo da realidade climática em sua gênese específica e integração aos outros domínios geográficos.

**Bibliografia:**

- AYOADE, J. O - **Introdução à Climatologia** para os trópicos. 8ª. Ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil – 2002.
- Milne, Antony. **O Novo Dilúvio: População e Clima Futuro**. Rio de Janeiro – 1989.
- Conti, J. B. - **Clima e Meio Ambiente**. São Paulo: Atual – 1988.
- De Martone, E. - **Panorama da Geografia** - Geografia Física. VI, Lisboa: Cosmo – 1953.
- Drew, D. - **Processos Interativos Homem - Meio Ambiente**. São Paulo: Difel – 1986.
- Lombardo, Magda - **A Ilha de Calor nas Metrôpoles: O exemplo de São Paulo**. São Paulo: Hucitec - 1985
- Nimer, E. - **Climatologia do Brasil**. IBGE / SUPREN. 2ª. Ed. R. Janeiro - 1979
- Ribeiro, C. M. - O Desenvolvimento da Climatologia Dinâmica do Brasil. In: **Geografia e Ensino**, 1 (2): 48-49, Belo Horizonte - 1982
- Menezes, Edith O de, Morais, José M. L. - **Seca do Nordeste** - Desafios e Soluções, São Paulo: Atual Editora, 2002.

**Disciplina: Geomorfologia**

**Créditos 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** Ressaltar o caráter dinâmico e descontínuo, no tempo e no espaço, das relações entre clima e relevo; Analisar os processos morfogenéticos nas diversas zonas climáticas, visando à compreensão da gênese do modelado e a distinção da zonalidade geomorfológica; Examinar a dinâmica morfogenética intertropical, particularmente no território brasileiro, procurando reconhecer as diferenciações intrazonais; Pesquisar as inter-relações entre o meio ambiente e as ações antrópicas; Orientar a observação, descrição e análise dos fatos geomorfológicos em escalas e contextos diversos.

**Bibliografia:**

- Ab'SABER, Antônio Aziz Nacib – **Os Domínios de Natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo : Ateliê Editorial, 2003.
- BLOOM, Arthur L. - **Superfície da Terra**. São Paulo : Edgard Blücher Ltda, 1970.
- CASSETI, Valter – **Ambiente e Apropriação do Relevo**. São Paulo : Contexto, (Coleção ensaios), 1991.
- \_\_\_\_\_, **Elementos de Geomorfologia**. Goiânia: Editora da UFG, 1994.
- CHRISTOFOLETTI, Antônio – **Geomorfologia**. São Paulo: Edgard Blücher, 2ª Edição, 1980.
- CUNHA, Sandra Baptista e GUERRA, Antônio José Teixeira (orgs) – **Geomorfologia do Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998.
- GUERRA, Antônio José Teixeira e CUNHA, Sandra Baptista da (orgs) – **Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- GUERRA, Antônio Teixeira e GUERRA, Antônio José Teixeira (orgs) – **Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- JATOBÁ, Lucivânio e LINS, Rachel Caldas – **Introdução à Geomorfologia**. Recife: Bagaço, 1995.
- PENTEADO, Margarida Maria – **Princípios de Geomorfologia**. Rio de Janeiro: FIBGE, 1976.
- ROSS, Jurandy Luciano Sanches – **Geomorfologia: ambiente e planejamento**. São Paulo: Contexto, (Coleção repensando a Geografia), 1990.

SOUZA, Marcos Nogueira. Contribuição ao estudo das unidades morfoestruturais do Estado do Ceará. Fortaleza: 1988. **Revista de Geologia** (Nº. 1). Edições Universidade Federal do Ceará.

SOUZA, Marcos Nogueira et al. **Condições geoambientais do semi-árido brasileiro**. Recife: 1992. Ciência & Trópico (Vol.20).

SUGUIO, Kenitiro – **Geologia do Quaternário e Mudança Ambientais**: (passado + presente = futuro?). São Paulo: Paulo's Comunicação e Artes Gráficas, 1999.

THORNBURY, William D. **Princípios de Geomorfologia**. Buenos Aires: Editorial Kapelusz, 1960.

TRICART, J. **Ecodinâmica**. Rio de Janeiro, IBGE/SUPREN, 1977.

Sites ligados à Geomorfologia

<http://www.dicionario.pro.br/dicionario/index.php?title=Geomorfologia>

<http://www.funape.org.br/geomorfologia/cap1/index.php#titulo1.1>

<http://www.ig.ufu.br/ugb/FRAME1.HTM>

<http://www.iea.usp.br/iea/revista/autores/autoresa.html>

[http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2005-80/80\\_10.pdf](http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2005-80/80_10.pdf)

[http://www.joel.pro.br/antigo/conteudo\\_para\\_pagina/geomorfologia.htm](http://www.joel.pro.br/antigo/conteudo_para_pagina/geomorfologia.htm)

<http://geografia.igeo.uerj.br/xsbgfa/cdrom/eixo1/1.2/235/235.htm>

## **Disciplina: Recursos Hídricos**

**Créditos 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** Compreender os fatos e processos ligados à água, portanto à linografia e a potamografia; Entender a importância em recursos hídricos no processo de desenvolvimento regional e local; Compreender a natureza, suas variáveis, seu caráter próprio de organização; Ressaltar a importância do conhecimento dos padrões da organização natural e da utilização adequada dos recursos naturais a fim de se evitar um desequilíbrio sistêmico.

### **Bibliografia:**

CAMPOS, Nilson & STUART, Ticiania. **Gestão das Águas** – Princípios e Práticas. 2<sup>o</sup> ed. Porto Alegre: ABRH, 2003. 242p.

COSTA, F. J. L. **Estratégias de gerenciamento de recursos hídricos no Brasil: áreas de cooperação com o Banco Mundial**. 1<sup>a</sup> edição, 204p. – Brasília, 2003.

GOLDENFUM, J. A., TUCCI, C.E.M. **Módulo 3: Hidrologia de águas superficiais**. Curso por tutoria à distância. Gestão de recursos hídricos para o desenvolvimento sustentado de projetos hidroagrícolas. ABEAS – Associação Brasileira de Recursos Hídricos. Brasília, DF. 1996 MMA; SRH; ANA. **Plano Nacional de Recursos Hídricos**. Disponível em <http://www.mma.gov.br/>, 2006.

MOTA, Suetônio. **Introdução a Engenharia Ambiental**, Editora ABES – Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e ambiental - Capítulo Nacional da AIDIS.

\_\_\_\_\_. **Preservação e conservação de recursos hídricos**. Rio de Janeiro: ABES, 1995

SETTI, A. A., LIMA, J. E. F. W., CHAVES, A. G. M., PEREIRA, I. C. **Introdução ao gerenciamento de recursos hídricos**. 2<sup>a</sup> ed. – Brasília: Agência Nacional de Energia Elétrica, Superintendência de Estudos e Informações Hidrológicas, 207p. 2000.

SILVA, D.D., PRUSKI, F.F. **Gestão de Recursos Hídricos: Aspectos Legais, Econômicos, Administrativos e Sociais**. ABRH-UFV. Porto Alegre. 2005. 659p.

SPERLING, E. V. **Módulo 5: Qualidade da água**. Curso por tutoria à distância. Gestão de recursos hídricos para o desenvolvimento sustentado de projetos hidroagrícolas. ABEAS – Associação Brasileira de Recursos Hídricos. Brasília, DF. 1998.

TUCCI, C.E.M. **Hidrologia: ciência e aplicação**. 2.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade: ABRH, 1997.

Alguns endereços de pesquisa:

<http://www.ana.gov.br>

<http://pbs.ana.gov.br>

<http://serla.rj.gov.br>

<http://www.ceivap.org.br>

<http://www.abrh.org.br/>

<http://www.cnrh-srh.gov.br/>

<http://www.mma.gov.br/>

<http://www.brasildasaguas.com.br/>

<http://www.tratamentodeesgoto.com.br/principal.php>

<http://www.inmet.gov.br/>

<http://www.oieau.org/>

<http://www.saneamentobasico.com.br/>

<http://www.rededasaguas.org.br/>

<http://www.ufv.br/dea/gprh/>

## **Disciplina: Geografia Agrária**

**Créditos 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** A distribuição espacial da agricultura; Aspectos sociais, técnicos e econômicos dos espaços agrários; Políticas agrárias aplicadas em diferentes regiões do mundo; Os problemas sociais no campo; A Geografia Agrária e a questão agrária; A renda da Terra: a estrutura interna e as especificidades agrárias; A industrialização da agricultura; As transformações históricas nas relações de produção e de trabalho no campo brasileiro; A situação atual do campo no Brasil: a estrutura agrária, os conflitos sociais e a questão política. As paisagens resultantes dos espaços agrários.

### **Bibliografia:**

ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. (Re) descobrindo o rural no Ceará. In: SILVA, José B. da. CAVALCANTE, Tércia. DANTAS, Eustógio (org.). **Ceará: um novo olhar geográfico**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005

ALENTEJANO, Paulo R. R. As relações campo-cidade no Brasil do século XXI. In: **Terra Livre**. São Paulo, v. 2, nº 21, p. 25-39, jul/dez 2003

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**. SP: Ciências Humanas, 1980 (4ª ed). 278 p

BOMBARDI, Larrisa Mies. Geografia agrária e responsabilidade social da ciência. In: **Terra Livre**. São Paulo, v. 2, nº 21, p. 45-53, jul/dez 2003

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al. (org). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: AGB, 1998

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. Campinas: Papirus, 1998

CASTRO, Josué de. **Sete palmos de terra e um caixão**. (capítulos 1, 2 e 5). São Paulo: Brasiliense, 1965

ELIAS, Denise. Agricultura Científica no Brasil: impactos territoriais e sociais. In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de Souza. **Território brasileiro: usos e abusos**. Campinas: Edições Territorial, 2003

ELIAS, Denise. Integração competitiva do semi-árido. In ELIAS, Denise e SAMPAIO, José Levi F. (organizadores). **Modernização excludente**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

ELIAS, Denise. Reestruturação produtiva da agricultura cearense: rumo à desintegração competitiva e à fragmentação do espaço agrário. In: SILVA, José B. da. CAVALCANTE,

- Tércia. DANTAS, Eustógio (org.). **Ceará: um novo olhar geográfico**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005.
- DOSSIÊ DESENVOLVIMENTO RURAL. In **Estudos Avançados USP**. Volume 15. Número 43. Setembro/Dezembro de 2001
- FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brasil: 500 anos de luta pela terra**. Sociedade e Território, Natal, v.1, nº.14, p.7-16, jan/jun 2000
- FERREIRA, Darlene Aparecida de Oliveira. **Mundo rural e geografia: geografia agrária no Brasil (1930-1990)**. São Paulo: UNESP, 2002
- IANNI, Octávio. **A era do globalismo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997
- MARTINS, José de Souza. **Reforma agrária: o impossível diálogo**. São Paulo: Edusp, 2001
- MEDEIROS, Leonilde Servolo de. **Reforma agrária no Brasil: história e atualidade da luta pela terra**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo capitalista de produção e agricultura**. SP: Editora Ática, 1986 (série Princípios). 90 p
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A agricultura camponesa no Brasil**. SP: Contexto, 1997 (Caminhos da Geografia). 164 p.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Agricultura brasileira: transformações recentes**. In ROSS, Jurandyr L. Sanches (org.). **Geografia do Brasil**. SP: Edusp, 1998 (2ª ed) (p. 465-534)
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Barbárie e modernidade: as transformações no campo e o agronegócio no Brasil** In: Terra Livre. São Paulo, v. 2, nº 21, p. 113-156, jul/dez 2003
- SAMPAIO, José Levi Furtado. As águas, a seca e o estado. In: SILVA, José B. da. CAVALLANTE, Tércia. DANTAS, Eustógio (org.). **Ceará: um novo olhar geográfico**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005;
- SOUZA, Eduardo Ferreira de. **Do silêncio à satanização: o discurso de Veja e o MST**. São Paulo: Ana Blume, 2004. 154 p;
- SZMRECSÁNYI, Tamás. **Pequena história da agricultura no Brasil**. SP: Contexto, 1990. 103 p.

#### **Disciplina: Pedologia**

**Créditos 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** O solo como fator ecológico e biológico. Processos de formação do solo; Natureza e propriedades do solo; Estrutura do solo; Os domínios pedoclimáticos; A interação solo-água-vegetação; Poluição dos solos; Manejo e conservação dos solos; Leitura e interpretação dos dados temáticos dos solos; Aplicação da nova classificação dos solos.

#### **Bibliografia:**

- AB'SABER, A. N. **Participação das Superfícies Aplainadas nas paisagens do Nordeste Brasileiro**. USP. Instituto de Geografia. São Paulo (19): 38p. 1969
- BRADY, N. C. **Natureza e Propriedades dos Solos**. Ed. Livraria Freitas Bastos. RJ. 2005
- EMBRAPA. Sistema Brasileiro de Classificação de Solos. Rio de Janeiro: Embrapa, 2000, 2a ed. 412p.
- HOLANDA, F. **Erosão do Solo - Práticas Conservacionistas**. Ed. SEBRAE SRH. 1999
- LEINZ, S. AMARAL. **Geologia Geral - Companhia Editora Nacional**. São Paulo. SP. 2002
- LEPSH, I.F. **Formação e Conservação dos Solos**. Editora Oficina de Textos . SP. 2002
- OLIVEIRA, J. B.; JACOMINE, P. K. T.; CAMARGO, M. N. **Classes gerais de solos do Brasil**. Jaboticabal: FUNEP, 2a ed. 201p
- RESENDE, M.; CURI, N.; REZENDE, S. B. & CORRÊA, G. F. **Pedologia: base para a distinção de ambientes**. Viçosa: NEPUT, 2002. 4a ed. 338p.

## **Disciplina: Geografia Urbana**

**Créditos 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** A cidade enquanto produto, condição e meio do processo de produção geral da sociedade. A análise do fenômeno urbano. Paisagem e uso do solo urbano. Valor e renda da terra urbana. Processo de urbanização e o papel da metrópole no capitalismo. As cidades médias e pequenas. Cidade: cotidiano, modo de vida e lutas sociais urbanas. O processo de urbanização nos países dependentes. A Geografia Urbana no Brasil e no Ceará. O espaço urbano e o seu processo histórico de produção no Brasil e no Ceará.

### **Bibliografia**

- ABREU, Maurício de Almeida. O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação. In: CARLOS, Ana Fani A. **Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano**. São Paulo: Edusp, 1994
- AMORA, Zenilde Baima. O espaço urbano cearense. In: AMORA, Zenilde Baima (organizadora). **O Ceará: enfoques geográficos**. Fortaleza: Editora FUNECE, 1999
- CARLOS, Ana Fani C. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992
- CARLOS, Ana Fani C. O sentido da cidade: as possibilidades da análise geográfica. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (organizadora). **Urbanização e cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente: UNESP, 2001
- CARLOS, Ana Fani C. Apresentando a metrópole na sala de aula. In CARLOS, Ana Fani C. (org.) **A geografia na sala de aula**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2003
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1999
- CORRÊA, Roberto Lobato. A rede urbana brasileira: algumas reflexões e questões. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (organizadora). **Urbanização e cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente: UNESP, 2001
- CORRÊA, Roberto Lobato. Uma nota sobre o urbano e a escala. In: **Território**. Rio de Janeiro. Ano VII. Nº 11, 12 e 13, p. 133-136. Set./out., 2003
- ENGELS, Friedrich. As grandes cidades. In: **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Global, 1985
- LACAZE, Jean-Paul. **Os métodos do urbanismo**. 2ª ed. Campinas: Papyrus, 2001
- LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1991
- MOURA, Rosa, ULTRAMARI, Clóvis. **O que é periferia urbana**. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Coleção Primeiros Passos).
- RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia nas cidades brasileiras**. São Paulo: Contexto, 1991
- SILVA, José Borzachiello da. A cidade contemporânea no Ceará. In: SOUZA, Simone de (organizadora). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000;
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1993
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003
- SPOSITO, Maria Encarnação B. **Capitalismo e urbanização**. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 1998; (Coleção Repensando a Geografia)
- SPOSITO, Maria Encarnação B. A urbanização da sociedade: reflexões para um debate sobre as novas formas espaciais. In: DAMIANI, Amélia I. et alli (organizadoras). **O espaço no fim de século: a nova raridade**. São Paulo: Contexto, 1999
- VASCONCELOS, Pedro de Almeida. A cidade da geografia no Brasil. In: CARLOS, Ana Fani A. **Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.



**Disciplina: Teoria e Método em Geografia****Créditos 04****Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** Abordagens de método e de metodologia utilizadas na Geografia. Os conceitos geográficos. As novas metodologias e linguagens no ensino de Geografia. Construção de conceitos espaço-temporais. As categorias de análise da Geografia e o ensino.

**Bibliografia:**

- CASTRO, I. E. de.; GOMES, P. C. da C. e CORRÊA, R. L. (orgs.) **Geografia: conceitos e temas**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- FOUREZ, G. **A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências**. Tradução de: Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.
- GOMES, P. C. da C. **Geografia e modernidade**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- LÖWY, M. e NAÏR, S. **Lucien Golmann, ou a dialética da totalidade**. Tradução: Wanda Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2008.
- MENDONÇA, F. e KOZEL, S. (orgs). **Elementos da epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Editora da UFPR, 2002.
- MÉSZÁROS, I. **Filosofia, ideologia e ciência social**. Tradução: Ester Vaisman. São Paulo: Boitempo, 2008.
- RIQUE, L. **Do senso comum à geografia científica**. São Paulo: Contexto, 2004.
- SPÓSITO, E. S. **Geografia e filosofia: contribuições para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- SUERTEGARAY, D. M. A. "Notas sobre a epistemologia da Geografia". **Cadernos Geográficos**, n. 1. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1999.

**Disciplina: Geografia Ambiental****Créditos 04****Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** Fundamentos teóricos e metodológicos de análise geográfica do meio ambiente; Procedimentos analíticos e de síntese no estudo do meio ambiente; Capacidade de suporte dos recursos naturais e a vulnerabilidade ambiental; Zoneamento ambiental e planejamento de uso dos recursos naturais; As relações Sociedade x Natureza; O papel ecológico-ambiental na organização territorial; Gestão da natureza e o desenvolvimento sustentável.

**Bibliografia:**

- AB'SÁBER, A.. **Os Domínios de Natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ALIER, J. M. **O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração**. Trad. Maurício Waldman. São Paulo: Contexto, 2007
- ALMEIDA, F G. e SOARES, L. A. A. (orgs.) **Ordenamento territorial: coletânea de textos com diferentes abordagens no contexto brasileiro**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2009.
- BECKER, Berta K., CHRISTOFOLETTI, Antônio, DAVIDOVICH, Fany R., GEIGER, Pedro P. (orgs). **Geografia e Meio Ambiente no Brasil**. Editora HUCITEC - Comissão Nacional do Brasil da UGI: São Paulo - Rio de Janeiro, 1995.
- BERTRAND, Georges e BERTRAND, Claude. **Uma Geografia Transversal e de Travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades**. Messias Modesto Passos (org.). Maringá: Ed Massoni, 2007.
- CAMARGO, Aspásia, CAPOBIANCO, João Paulo Ribeiro e OLIVEIRA, José Antônio Puppim de (orgs.) **Meio Ambiente Brasil: avanços e obstáculos pós-Rio-92**. 2ª ed., rev. São Paulo: Estação Liberdade Instituto Sócioambiental: Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri e LEMOS Amália Inês Geraiges (orgs). **Dilemas Urbanos: novas abordagens sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2003.

CUNHA, Sandra Baptista e GUERRA, Antônio José Teixeira (orgs). **A Questão Ambiental:** diferentes abordagens. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2003.

DEEN, Warren - **A Ferro e Fogo:** a História e a devastação da Mata Atlântica Brasileira. Tradução Cid Knipel Moreira; revisão técnica: José Augusto Drummond. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FERREIRA, Leila da Costa - **A Questão Ambiental** - sustentabilidade e políticas públicas no Brasil. São Paulo: BOITEMPO EDITORIAL, 2003.

FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro - **Planejamento Ambiental:** para a cidade sustentável. São Paulo: AnnaBlume : FAPESP, 2001

GONÇALVES, Carlos Walter Porto - **Os (Des)caminhos do Meio Ambiente** - São Paulo: Contexto, 1989.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto **O Desafio Ambiental.** Emir Sader (org.). Rio de Janeiro: Record, 2004.

GREGORY, K. L. **A Natureza da Geografia Física** – Editora Bertrand do Brasil, Rio de Janeiro, 1985 – 1992.

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental.** Tradução de Sandra Valenzuela; revisão técnica de Paulo Freire Vieira. - São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Saber Ambiental:** sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth - Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LEFF, Enrique (coord) - **Complexidade Ambiental.** Tradução de Eliete Wolff - São Paulo: Cortez, 2003.

LEFF, Enrique – **Racionalidade ambiental:** a reapropriação social da natureza. Tradução Luis Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

LEMOES, A.I. G. de, ROSS, J. L. S. e LUCHIARI, A. (orgs.) **América Latina:** sociedade e meio ambiente. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MENDONÇA Francisco e KOZEL, Salette (orgs) - **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea.** Revisão de Texto Maria José Maio Fernandes Naime],[Curitiba]: Ed. Da UFPR, 2002.

MOREIRA, Ruy **Para onde vai o pensamento geográfico?:** por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Pensar e ser em geografia:** ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.

PÁDUA, José Augusto (org) - **Ecologia e Política no Brasil.** Rio de Janeiro: Espaço e Tempo IUPERJ, 1987.

PONTUSCHKA, Nídia, PAGANELLI, Tomoko Iyda e CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia.** 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental)

RIBEIRO, Wagner Costa. **A ordem ambiental internacional.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

RODRIGUES, Arlete Moisés. **Produção e consumo no e do espaço:** problemática ambiental urbana. Disponível em <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/deed.pt>.

RODRIGUEZ, José Manuel Mateo (org.) **Geoecologia das Paisagens:** uma visão geossistêmica da análise ambiental. Fortaleza: Editora UFC, 2004.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão.** São Paulo: Nobel, 1987. (Coleção espaços).

SANTOS, Rosely Ferreira dos. **Planejamento Ambiental:** teoria e prática. São Paulo: Oficina de Textos, 2004.

SIMON, Cheryl e DeFRIES, Ruth. **Uma Terra, Um Futuro:** o impacto das mudanças ambientais na Atmosfera, Terra e Água. Tradução: Maria Claudia Santos Ribeiro Ratto. Revisão Técnica: Antônio Christofolletti; São Paulo: Makron Books, 1992.

## Disciplina: Geografia Econômica

Créditos 04

Carga Horária: 68 h

**Ementa:** Aspectos teóricos e metodológicos da Geografia Econômica. O contexto do estudo em teoria econômica: a economia política clássica, a crítica da economia política, o keynesianismo, a abordagem neoclássica e a crítica da economia política de mercado. A formação econômica e social como categoria de análise. Geografia econômica e economia espacial: teoria locacional clássica, imperialismo, teoria dos polos, capitalismo tardio, fordismo como modelo de regulação e acumulação flexível. Organização espacial do sistema econômico e das atividades econômicas. Inovação tecnológica e território. O novo cenário da produção e circulação global: mundialização, globalização, redes e meio técnico científico informacional.

### Bibliografia:

- ARROYO, María Mônica. A globalização pensada a partir do espaço geográfico. in; MENDONÇA, Francisco de Assis; LOWEN-SAHR, Cicilian Luiza; SILVA, Márcia da (org.). **Espaço e tempo:** complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico. Curitiba: Associação de Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento de Antonina - Ademadan, 2009
- CASTELLS, Manuel. **A era da informação:** economia, sociedade e cultura – vol. 1: a sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999
- CHESNAIS, François. O capital portador de juros: acumulação, internacionalização, efeitos econômicos e políticos. In: CHESNAIS, François. **A finança mundializada** – raízes sociais e políticas, configurações, consequências. São Paulo: Boitempo, 2005
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial.** São Paulo: Ática, 1986
- \_\_\_\_\_. **Trajetórias geográficas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997
- \_\_\_\_\_. Interações espaciais. In: CASTRO, Iná Elias et alli. **Explorações geográficas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996
- DROUIN, Jean-Claude. **Os grandes economistas.** São Paulo: Martins Fontes, 2008
- GONÇALVES, Reinaldo. A empresa transnacional. In: KUPFER, David. HASENCLEVER, Lia. **Economia industrial.** Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2002.
- LIMA, Luiz Cruz. Redes de integração do território cearense: dos caminhos da pecuária às estradas virtuais. In: SILVA, José Borzachiello da; CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia (organizadores). **Ceará: um novo olhar geográfico.** Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2005
- MARTIN, Ron. Teoria econômica e geografia humana. In: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron. SMITH, Graham. **Geografia humana:** sociedade, espaço e ciência social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- MÉNDEZ, Ricardo. **Geografía económica** – la lógica espacial del capitalismo global. Barcelona: Editora Ariel, 1997
- MOREIRA, Ruy. A nova divisão territorial do trabalho e as tendências de configuração do espaço brasileiro. In: LIMONAD, Ester, HAESBAERT, Rogério e MOREIRA, Ruy (organizadores). **Brasil, século XXI** – por uma nova regionalização? Agentes, processos, escalas. São Paulo: Max Limonad, 2004
- OLIVEIRA, Francisco de. **A economia brasileira:** crítica à razão dualista. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987
- PEREIRA JÚNIOR, Edilson. **Industrialização e reestruturação do espaço metropolitano** – reflexões sobre o caso de Horizonte-Pacajus. Fortaleza: EDUECE, 2005;
- \_\_\_\_\_. Território e economia política – uma abordagem a partir do novo processo de industrialização no Ceará. Presidente Prudente: UNESP, 2011. **Tese de Doutorado.** Capítulos 01 e 02;
- \_\_\_\_\_. Novas articulações cidade – urbano – região – mercado. In: **Cadernos Prudentinos de Geografia.** Presidente Prudente, 2009. Nº. 31, v. 2, p. 163-168, jul/dez, 2009. Disponível em <http://www.aqbpp.com/doc/CPG31B-9.pdf>.

PIQUET, Rosélia. **Indústria e território no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2007.

SANTOS, Milton. Os espaços da globalização. In: SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo** – globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Edusp, 2006

SOUZA, Nali de Jesus de. **Desenvolvimento regional**. São Paulo: Atlas, 2009

SPOSITO, Eliseu Savério. **Redes e Cidades**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

### **Disciplina: Geografia Política**

**Créditos 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** A evolução do pensamento em Geografia Política. As relações entre espaço e poder. Territórios, fronteiras, poder e violência vistos a partir da multidimensionalidade das escalas geográficas. As políticas territoriais. Poder central e poder local; Geografia política e geopolítica. A guerra e a paz segundo a geopolítica do mundo; Geopolítica e fragmentação do espaço. Problemas geopolíticos brasileiros.

### **Bibliografia:**

ANDRADE, Manuel Corrêa de. **Geopolítica do Brasil**. São Paulo: Papirus, 2001.

ARENDT, H. **O que é política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BECKER, B. A Geopolítica na virada do milênio: logística e desenvolvimento sustentável. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CASTRO, I. E. de. **Geografia e Política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

COSTA, Wanderley M. **Geografia política e geopolítica**. Discursos sobre o território e o poder. São Paulo: HUCITEC, 1992.

\_\_\_\_\_. Política e território na democracia institucional: os desafios da representação. In: CASTRO, I. E.; MIRANDA, M.; EGLER, C. A. G. (Orgs.). **Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois**, 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: FAPERJ, 2000.

\_\_\_\_\_. **O Estado e as políticas territoriais no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

HAESBAERT, R. **O mito da (Des)territorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_.; GONÇALVES, C. W. P. **A nova des-ordem mundial**. 2 reimpr. São Paulo: UNESP, 2006. (Série Poder).

HORTA, Célio Augusto da C. Geografia política e geopolítica: velhas e novas convergências. In: **GEOgrafia**, ano VIII, n. 15, 2006.

LACOSTE, Yves. **A Geografia** – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra, Campinas: Papirus, 1988.

MORAES, A. C. R. **Território e história no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005.

\_\_\_\_\_. **Ideologias geográficas**. Espaço, cultura e política no Brasil. 5 ed. São Paulo: Annablume, 2005.

\_\_\_\_\_. **Bases da formação territorial do Brasil**. O território colonial brasileiro no “longo” século XVI. São Paulo: HUCITEC, 2000.

RAFFESTIN, Claude (1993). **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1983.

RATZEL, F. A relação entre o solo e o Estado - Capítulo I. O Estado como organismo ligado ao solo. In: **GEOUSP** - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 29, pp. 51 - 58, 2011.

RIBEIRO, W. C. **A Ordem Ambiental Internacional**. São Paulo: Contexto, 2001.

SILVA, Armando C. da. A concepção clássica da geografia política. In: **Rev. Departamento de Geografia/USP**, n. 3, 1984.

SODRÉ; Nelson W. **Introdução à Geografia**. Geografia e ideologia. Vozes, Petrópolis/RJ, 1982.

SOUZA, Rita de Cássia Martins de. Geopolítica e formação territorial no Brasil. In: VITTE Antônio Carlos. (org.). **Contribuições à história e à epistemologia da geografia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

TOSTA, O. **Teorias Geopolíticas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

VESENTINI, José William. **Novas geopolíticas**. São Paulo: Contexto, 2000.

**Disciplina: Geografia do Brasil**

**Créditos 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** Fornecer conhecimento dos grandes traços do espaço brasileiro numa perspectiva ambiental e social. Capacitação e aprofundamento para a análise dos parâmetros geoambientais, históricos, econômicos, sociais e políticos nos espaços urbanos e rurais do território brasileiro.

**Bibliografia:**

ANDRADE, Manuel Correia de. O pensamento e a realidade brasileira. In: SANTOS, Milton (org). **Novos rumos da Geografia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1982.

ARAÚJO, Tânia Bacelar. **Ensaio sobre o desenvolvimento brasileiro: heranças e urgências**. Rio de Janeiro: Revan: Fase, 2000.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CASTRO, Iná Elias. Et. All. (organizadores). **Brasil: questões atuais da reorganização do território**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

DEÁK, Csaba. SCHIFFER, Sueli Ramos (organizadores). **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Reforma Agrária e modernização no campo. In: **Revista Terra Livre – AGB**. São Paulo, p. 153 – 176, no. 11-12. Ago/92/Ago/92.

GONÇALVES, Maria Flora Et. All. (organizadores). **Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional**. São Paulo: UNESP/ANPUR, 2003.

MAMIGONIAN, Armen. Teorias sobre industrialização brasileira e latino-americana. In: CRISTOFOLETTI, Antônio Et. All. (organizadores). **Geografia e meio ambiente no Brasil**. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec, 1995.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A geografia agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (organizadora). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

ROSS, Jurandyr Luciano. **Geografia do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SOUZA NETO, Manoel Fernandes de. A ciência geográfica e a construção do Brasil. In: **Revista Terra Livre**. São Paulo, no. 15, p. 9-20, 2000.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 12ª. Ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1979.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª. Ed. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

MARTINS, José de Souza. **Não há terra para plantar neste verão**. 2ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_. **O cativo da Terra**. 4ª. Ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Geografia das lutas no campo**. São Paulo: Contexto, 1994 (Coleção Repensando a Geografia);

OLIVEIRA, Francisco de. **A economia brasileira: crítica à razão dualista**. 5ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

PRADO Júnior, Caio. **História Econômica do Brasil**. 15ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

RANGEL, Ignácio. **Questão agrária, industrialização e crise urbana no Brasil**. Porto Alegre: editora da Universidade do Rio Grande do Sul, 2000.

REZENDE, Cyro. **Economia brasileira contemporânea**. São Paulo: contexto, 1999.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. **Território e sociedade:** entrevista com Milton Santos. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

\_\_\_\_\_. **O Brasil distorcido.** São Paulo: Publifolha, 2002.

SILVA, José Graziano da. **A nova dinâmica da agricultura brasileira.** Campinas: Unicamp/IE, 1996.

SINGER, Paul. **Economia política da urbanização.** 14<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: Contexto, 1998.

### **Disciplina: Geografia do Nordeste**

**Créditos 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** As bases da formação territorial do Nordeste; A relação do uso e ocupação do Nordeste com suas unidades geoambientais; O Nordeste açucareiro; O outro Nordeste ( O nordeste do binômio gado-algodão); A criação da Região Nordeste; O Nordeste e o planejamento regional ( Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE); O Ceará no contexto do planejamento Regional (os PLAMEGS e a SUDEC), O Nordeste e o Ceará no contexto da globalização e da reestruturação socioespacial.

#### **Bibliografia:**

ALBUQUERQUE Jr., D.M. de. **A invenção do Nordeste.** São Paulo: Cortez, 2001

AMORA, Zenilde Baima; HOLANDA, Virgínia Célia Cavalcante de (orgs). **Leituras e Saberes sobre o urbano:** Cidade do Ceará e Mossoró no Rio Grande do Norte. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

ANDRADE, M. C. de. **O Nordeste e a questão regional.** São Paulo: 2 edição, Editora Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. **Geografia Econômica do Nordeste:** O espaço e a economia. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1987.

BORZACHIELLO, J. e outros (orgs.) **Ceará: novo olhar geográfico.** Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2005.

BURSZTYN, M. **O Poder dos Donos:** planejamento e clientelismo no Nordeste. Petrópolis: Vozes, 1984

CASTRO, I. E. de. **O mito da necessidade: discurso e prática do regionalismo nordestino.** São Paulo: DIFEL, 1992.

CEARÁ.. **Planejamento de Metas Governamentais – PLAMEG.**

CONCEIÇÃO, Alexandrina; ROCHA, Rosângela Resende. **O planejamento Regional:** integrar para desintegrar. Scientia Plena, vol.5, Num. 1, 2009.

ELIAS, Denise de Souza; PEQUENO, Renato. **Difusão do agronegócio e novas dinâmicas socioespaciais.** Fortaleza: Banco do Nordeste, 2006.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma re(li)gião:**SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflitos de classes. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

PEREIRA JÚNIOR, Edílson. **Território e Economia Política – Uma abordagem a partir do novo processo de industrialização no Ceará.** Presidente Prudente 2011. (Tese Doutorado).

**PARENTE, Josênio C. A fé e a Razão na política. Fortaleza: editora UFC, 2000.**

### **3.3.2. Eixo da prática como componente curricular e estágio curricular obrigatório**

#### **Oficina em Geografia I**

**Créditos práticos: 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** Estudo e discussão de temáticas que integrem os conhecimentos geográficos com as vivências do aluno, destacando a ferramenta básica da Aula de Geografia como proposta prática. A partir disso, viabilizar situações de estratégias pedagógicas para pensar e realizar uma aula geográfica na educação básica, executando atividades norteadoras, tais como, preparação didática e de conteúdo, estratégias de exposição, uso racional do tempo etc.

### **Bibliografia:**

- CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.) **A geografia na sala de aula**. São Paulo. Contexto. 1999. 144p (Repensando o ensino).
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998. (Coleção Magistério: Formação e trabalhos pedagógicos).
- FERNANDES, Manoel. **Aula de geografia e algumas crônicas**. 2ª ed. Campina Grande: Bagagem, 2008. 109p.
- KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008. 217p.
- OLIVEIRA, A. U. (Org.). **Para onde vai o ensino de geografia?** São Paulo: Contexto, 1989.
- PONTUSCHKA, Níbia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino (Orgs.). **Geografia em Perspectiva**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- VESENTINI, J.W. **Para uma geografia crítica na escola**. São Paulo. Ática, 1992.

### **Oficina em Geografia II**

**Créditos práticos: 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** Análise e uso de instrumentos e recursos didáticos do ensino básico em Geografia. Trabalha com materiais didáticos e propõe a criação e realização de atividades práticas relacionadas ao exercício do saber/fazer geográfico. Enfatiza o Livro Didático de Geografia, seu uso, avaliação, fundamentação teórico-metodológica e caracterização gráfica, didática e de conteúdos. Desenvolvimento de atividades pedagógicas com velhos e novos materiais didáticos e a habilidade de criar os recursos utilizados para uma aula de Geografia.

### **Bibliografia:**

- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998. (Coleção Magistério: Formação e trabalhos pedagógicos).
- OLIVEIRA, A. U. (Org.). **Para onde vai o ensino de geografia?** São Paulo: Contexto, 1989.
- PONTUSCHKA, Níbia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino (Orgs.). **Geografia em Perspectiva**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- SCHAFFER, NEIVA Otero. O livro didático e o desenvolvimento pedagógico: anotações de apoio à escolha do livro. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (Org.). **Geografia em sala de aula: prática e reflexões**. Porto Alegre: Ed UFRGS/Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 2003. P 129-142.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. Livro didático: do ritual de passagem à ultrapassagem. **Em aberto**, Brasília, v 16, n 69, p. 11-15, mar. 1996.
- SOUZA, João Valdir A. de. (Org.). **Formação de professores para a educação básica: dez anos da LDB**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007
- VESENTINI, J. W. (Org.). **Geografia e ensino: textos críticos**. São Paulo: Papyrus, 1989.
- VESENTINI, J.W. **Para uma geografia crítica na escola**. São Paulo. Ática, 1992.

### **Oficina em Geografia III**

**Créditos práticos: 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** O Planejamento no ensino de Geografia em suas mais diversas propostas de organização. Sistematização e previsão de atividades pedagógicas, de conteúdo didático, de uso de materiais, de planos de curso etc. O planejamento da aula de Geografia e sua definição a partir de propostas previamente concebidas. Organizar um curso intensivo e extensivo de Geografia no âmbito do ensino fundamental e médio.

### **Bibliografia:**

- COARACY, Joana. **O planejamento como processo**. Revista Educação. 4º Ed., Brasília. 1972.
- CUNHA, Maria Isabel: **O bom professor e sua prática**. Campinas, São Paulo, Papirus, 1989.
- FERREIRA, Francisco Whitaker. **Planejamento sim e não: modo de agir em um mundo em permanente mudança**. 4º Ed. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra. 1983.
- GANDIN, Danilo. **Planejamento como prática educativa**. São Paulo, Editora Edições Loyola. 1985.
- LIBÂNEO, José Carlos, **Didática**. São Paulo. Editora Cortez. 1994.
- LUCKESI, Cipriano Carlos: **Avaliação da Aprendizagem Escolar: Estudos e Proposições**. 14º Ed. Editora Cortez, São Paulo, 2002.
- MENEGOLLA e SANT'ANA, Maximiliano e Ilza Martins. **Porque Planejar? Como Planejar? Currículo e Área-Aula**. 11º Ed. Editora Vozes. Petrópolis. 2001.
- VASCONCELLOS, Celso dos S: **Planejamento Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico** Ladermos Libertad-1. 7º Ed. São Paulo, 2000.
- Parâmetros curriculares nacionais. Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais/Secretaria de educação fundamental –Brasília. MEC/SEF, 1998.

#### **Oficina em Geografia IV**

**Créditos práticos: 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** O temário da Geografia e o trabalho didático pedagógico. Abordagem espacial da natureza e da sociedade a partir de um conjunto de temas, recortes analíticos, conceitos, categorias, planos de análise etc., todos pensados de tal forma a permitir a investigação aprofundada da discussão geográfica no ensino fundamental e médio. Análises e práticas metodológicas do temário geográfico em sala de aula, aulas de campo e em instrumentos e recursos didáticos. O debate dos temas antigos e atuais em Geografia e o seu uso no ensino.

#### **Bibliografia:**

- BRABANT, J. M. Crise da Geografia, crise da escola. In: OLIVEIRA, A. U. **Para onde vai o ensino de geografia?** São Paulo: Contexto, 1989.
- CASTROGIOVANNI, A. C. O misterioso mundo que os mapas escondem. In: CASTROGIOVANNI, A. C. **Geografia em sala de aula, práticas e reflexões**. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Porto Alegre: 1998.
- CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998.
- CAVALCANTI, L. S. **Geografia e pratica de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- ALMEIDA, R. D. de. PASSINI. E. Y. **O espaço geográfico, ensino e representação**. São Paulo: Contexto, 1989.
- OLIVEIRA, A. U. (Org.). Reformas no mundo da educação. Parâmetros curriculares e geografia. São Paulo: Contexto, 1999.
- PONTUSCHKA, Níbia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino (Orgs.). **Geografia em Perspectiva**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- VESENTINI, J.W. **Para uma geografia crítica na escola**. São Paulo. Ática, 1992.

#### **Metodologia e Prática do Ensino de Geografia I**

**Créditos práticos: 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** Fundamentos teóricos e o ensino de Geografia. Metodologias para o ensino de Geografia. Ética, educação e docência. Formação docente em Geografia. A Geografia e o processo de ensino-aprendizagem.



### **Bibliografia:**

- CASTELAR, Sonia (Org.). **Educação geográfica: teorias e práticas docentes**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2007. (Novas abordagens. GEOUSP. V.5).
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998. (Coleção Magistério: Formação e trabalhos pedagógicos).
- FARIAS, Isabel Maria Sabino de [et al] (Org.). **Didática e docência: aprendendo a profissão. Fortaleza**. Liber livro, 2008. 180p. (Coleção Formar).
- FERNANDES, Manoel. **Aula de geografia e algumas crônicas**. 2ª ed. Campina Grande: Bagagem, 2008. 109p.
- OLIVEIRA, Cesar Alvarez Campos de. A prática de ensino de geografia na UERJ: uma proposta alternativa de formação de professores? In: PENTEADO, Heloisa Dupos. **Metodologia do Ensino de História e Geografia**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Magistério). 2º garu. Série Formação do Professor. pp. 109-124.
- PASSINI, Elza yasuko, PASSINI, Romão, Malysz Sandra T. (Orgs.). **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.
- SOARES, Maria Lúcia de Amorin. Reinventando o ensino da geografia. In: PENTEADO, Heloisa Dupos. **Metodologia do Ensino de História e Geografia**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Magistério). 2º garu. Série Formação do Professor.
- SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Pesquisa e educação de professores. In: PENTEADO, Heloisa Dupos. **Metodologia do Ensino de História e Geografia**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Magistério). 2º garu. Série Formação do Professor.
- KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008. 217p.
- MORAIS, Regis de (Org.). **Sala de aula: que espaço é esse?** 6ª ed. São Paulo: Papirus, 1993.
- OLIVEIRA, Livia de. O ensino/aprendizagem de geografia nos diferentes níveis de ensino. In: PONTUSCHKA, Níbia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino (Orgs.). **Geografia em Perspectiva**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- PONTUSCHKA, Níbia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Lyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção Docência em Formação. Série Ensino Fundamental).
- PONTUSCHKA, Níbia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino (Orgs.). **Geografia em Perspectiva**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Livros Didáticos de História e Geografia. avaliação e pesquisa**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. 211p.

### **Metodologia e Prática do Ensino de Geografia II**

**Créditos práticos: 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** A geografia como ciência e disciplina escolar. Geografia, Pesquisa e Ensino. O professor de Geografia e sua formação: dificuldades e desafios. A prática de ensino e o estágio supervisionado. O Estudo do Meio e a apreensão do Real em trabalhos de TGIs (trabalhos de graduação individual) ou TCCs (trabalhos de conclusão de curso).

### **Bibliografia:**

- CARLOS, Ana Fani A. **A geografia na sala de aula**. 8. Ed., 3ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2009.
- PASSINI, Elza Yasuko. MALYSZ, Sandra T. **Prática de ensino e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. PAGANELLI, Tomoko Iyda. CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia**. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção docência em formação. Série Ensino Fundamental).

VESENTINI, José William. **Para uma Geografia Crítica na Escola**. Ática, São Paulo: 2001.

### **Estágio Supervisionado I (Ensino Fundamental)**

**Créditos de Estágio: 06**

**Carga Horária: 102 h**

**Ementa:** Fundamentação metodológica da Geografia e as tendências no ensino fundamental das séries iniciais. Metodologia do ensino, aprendizagem e propostas do ensino de Geografia na educação infantil e séries iniciais. Práticas didáticas visando a inserção do estudante como professor de Geografia. Preparo e efetivação do trabalho de campo para as séries iniciais: elaboração de relatórios. Tratamento, análise e interpretação da informação geográfica para as séries iniciais do ensino fundamental.

#### **Bibliografia:**

ABNT – NBR 14724. **Informações e Documentação – Trabalhos Acadêmicos - Apresentação**. Rio de Janeiro, 2001

ADAS, Melhem. **Geografia**. O Brasil e suas regiões geoeconômicas. Editora Moderna.

MINAYO, M. C. de S. et. al. **Pesquisa Social – Teoria, Método e Criatividade**, 9ª Edição, Petrópolis, Vozes, 1998.

OLIVA, J. e GIANANTI, R. **Espaço e Modernidade**. Temas da Geografia Mundial. 1ª Edição. Atual Editora. 1995.

SENE, E. de, e Carlos Moreira, J. **Geografia Geral e do Brasil**, Espaço Geográfico e Globalização, 1ª Edição. Editora Scipione. 2003.

### **Estágio Supervisionado II (Ensino Fundamental)**

**Créditos de Estágio: 06**

**Carga Horária: 102 h**

**Ementa:** Fundamentação metodológica da Geografia e as tendências no ensino fundamental das séries finais. Metodologia do ensino, aprendizagem e propostas do ensino de Geografia na educação fundamental das séries finais. Práticas didáticas visando a inserção do estudante como professor de Geografia. Preparo e efetivação do trabalho de campo para as séries finais do ensino fundamental. Tratamento, análise e interpretação da informação geográfica para as séries finais do ensino fundamental.

#### **Bibliografia:**

ABNT – NBR 14724. **Informações e Documentação – Trabalhos Acadêmicos - Apresentação**. Rio de Janeiro, 2001

ADAS, Melhem. Geografia. **O Brasil e suas regiões geoeconômicas**. Editora Moderna.

MINAYO, M. C. de S. et. al. **Pesquisa Social – Teoria, Método e Criatividade**, 9ª Edição, Petrópolis, Vozes, 1998.

OLIVA, J. e GIANANTI, R. **Espaço e Modernidade**. Temas da Geografia Mundial. 1ª Edição. Atual Editora. 1995.

SENE, E. de, e Carlos Moreira, J. **Geografia Geral e do Brasil**, Espaço Geográfico e Globalização, 1ª Edição. Editora Scipione. 2003.

### **Estágio Supervisionado III (Ensino Médio)**

**Créditos de Estágio: 12**

**Carga Horária: 204 h**

**Ementa:** Fundamentação metodológica da Geografia e as tendências no ensino médio. Metodologia do ensino, aprendizagem e propostas do ensino de Geografia no ensino médio. Regência nas diversas modalidades do ensino médio. Práticas didáticas visando a inserção do estudante como professor de Geografia. Preparo e efetivação do trabalho de campo para

as séries do ensino médio. Tratamento, análise e interpretação da informação geográfica para as séries do ensino médio.

**Bibliografia:**

ABNT – NBR 14724. **Informações e Documentação** – Trabalhos Acadêmicos - Apresentação. Rio de Janeiro, 2001

ADAS, Melhem. **Geografia**. O Brasil e suas regiões geoeconômicas. editora Moderna.

MINAYO, M. C. de S. et. al. **Pesquisa Social** – Teoria, Método e Criatividade, 9ª Edição, Petrópolis, Vozes, 1998.

OLIVA, J. e GIANANTI, R. **Espaço e Modernidade**. Temas da Geografia Mundial. 1ª Edição. Atual Editora. 1995.

SENE, E. de, e Carlos Moreira, J. **Geografia Geral e do Brasil**, Espaço Geográfico e Globalização, 1ª Edição. Editora Scipione.2003.

### 3.3.3. Eixo temático de representação do espaço e análise metodológica

#### **Disciplina: Cartografia**

**Créditos 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** Conhecer os fundamentos básicos da representação gráfica em geral e da cartografia em particular; definir e analisar os diferentes formas de expressão gráfica; Fornecer as bases essenciais na representação gráfica do espaço; práticas de leituras e representações do espaço; produção do material didático na compreensão do espaço. Alfabetização cartográfica.

**Bibliografia:**

DUARTE, P. A. **Cartografia Básica** - Série Didática. 2ª ed. Revista e Ampliada, Florianópolis, Editora da UFSC, 1988.

IBGE **Azimuths, coordenadas, altitudes:** pontos geodésios de apoio fundamental. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

JOLY, F. **A cartografia**. Tradução Tânia Pellegrini. Campinas, São Paulo, Parirus, 1990.

SOUZA, J. G. **Geografia e conhecimentos cartográficos**. A cartografia no movimento de renovação da geografia brasileira e a importância do uso de mapas. São Paulo, Editora UNESP, 2001.

#### **Disciplina: Metodologia do Trabalho Científico**

**Créditos 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** Problemas metodológicos da pesquisa. O objeto e o método da pesquisa. A formulação de hipóteses. Estruturas e fases da pesquisa científica. A Geografia, operacionalidade, procedimentos e o seu objeto de estudo. A relação espaço-tempo e espaço-sociedade. O espaço como produto e como fator no trabalho científico. Escalas e níveis conceituais da investigação e da pesquisa em Geografia.

**Bibliografia:**

ANDERY, Maria Amália et alli. **Para compreender a ciência:** uma perspectiva histórica. 7ª edição. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: São Paulo: EDUC, 1996.

CRUZ, Carla & RIBEIRO, Uirá. **Metodologia científica:** teoria e prática. RJ. - Axcel Books, 2003. I Capítulo;

ECO, Humberto. **Como se fazer uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1993;

LEITE BARBOSA, Arnaldo Parente. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: EDUCe. 2002. II Capítulo;

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. São Paulo: Martins Fontes Ltda. 1999. I, II, III e IV Capítulo.

**Disciplina: Projeto de Pesquisa em Geografia**

**Créditos 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** Processos e técnicas de elaboração do trabalho científico. Observação: modalidades. Experimentação. Levantamento de fontes. Bibliografia: leitura, fichamento, citações. O problema de pesquisa. Preparo e efetivação do trabalho de campo: elaboração de relatórios. Tratamento, análise e interpretação de dados. Representações gráficas. Técnicas de redação. Elaboração de um projeto de pesquisa em Geografia.

**Bibliografia:**

- ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **Normas ABNT**. Brasília: ABNT.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda J. e GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998.
- ARANHA, M<sup>a</sup> L de A. e MARTINS, M<sup>a</sup> H. P. **Filosofando**. 3<sup>a</sup> Ed. revista São Paulo: Moderna, 2003.
- BOOTH, Wayne; COLOMB, Gregory; WILLIAMS, Joseph. **A arte da pesquisa**. Tradução Henrique A. Rego Monteiro. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. -3<sup>a</sup> Ed. - São Paulo: Atlas, 1991.
- GREGORY, K. L. **A Natureza da Geografia Física** – Editora Bertrand do Brasil, Rio de Janeiro, 1985 – 1992.
- KÖCHE, José Carlos **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e prática da pesquisa. - 14<sup>a</sup> Ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos e resenhas. 9<sup>a</sup> Ed. – São Paulo: Atlas, 2007
- MENDONÇA Francisco e KOZEL, Salete (orgs) **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Revisão de Texto Maria José Maio Fernandes Naime],-[Curitiba] : Ed. Da UFPR, 2002.
- MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social**: Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MOREIRA, Ruy **Para onde vai o pensamento geográfico?**: por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico – São Paulo: Contexto, 2007.
- PONTUSCHKA, Nídia, PAGANELLI, Tomoko Lyda e CACETE, Núria Hanglei **Para ensinar e aprender Geografia**. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental)
- RODRIGUES, Arlete Moisés. **Produção e consumo no e do espaço**: problemática ambiental urbana. Disponível em <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/deed.pt>.
- SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.
- SANTOS, Milton – **O espaço do cidadão** – São Paulo: Nobel, 1987. (Coleção espaços).
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço** – técnica e tempo, razão e emoção. HUCITEC. São Paulo, 1996.
- SPÓSITO, E. S. **Geografia e Filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: UNESP, 2004
- VITTE, Antonio Carlos (org.) – **Contribuições à História e à Epistemologia da Geografia** – Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.

**Disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia I**

**Créditos 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** O objeto em Geografia e o desenvolvimento inicial do plano e das fases do trabalho de conclusão de curso. O cronograma da pesquisa. O desenvolvimento das hipóteses e dos procedimentos. Fontes e coleta de dados. Tratamento de dados e construção da informação. Os elementos da análise e da demonstração. Lógica e linguagem. Ler e escrever. Aspectos formais do texto acadêmico.

**Bibliografia:**

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **Normas ABNT**. Brasília: ABNT.  
BOOTH, Wayne; COLOMB, Gregory; WILLIAMS, Joseph. **A arte da pesquisa**. Tradução Henrique A. Rego Monteiro. São Paulo: Martins Fontes, 2000.  
MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 9 ed. – São Paulo: Atlas, 2007.  
MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social**: Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 1998.  
PONTUSCHKA, Nídia, PAGANELLI, Tomoko Iyda e CACETE, Núria Hanglei – **Para ensinar e aprender Geografia**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental)  
SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2000.  
UECE. Centro de Ciências e Tecnologia. **Regulamento do trabalho de conclusão de curso**: Curso de Licenciatura em Geografia, 2010.

**Disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia II**

**Créditos 06**

**Carga Horária: 102 h**

**Ementa:** O desenvolvimento do problema numa pesquisa geográfica e a análise dos resultados obtidos. O objeto de pesquisa trabalhado. Arranjo final de hipóteses, problemas, objetivos, resultados e bibliografia. Sistematização da metodologia, do método e do texto final do trabalho de conclusão de curso.

**Bibliografia:**

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **Normas ABNT**. Brasília: ABNT.  
BOOTH, Wayne; COLOMB, Gregory; WILLIAMS, Joseph. **A arte da pesquisa**. Tradução Henrique A. Rego Monteiro. São Paulo: Martins Fontes, 2000.  
MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 9 ed. – São Paulo: Atlas, 2007.  
MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social**: Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 1998.  
PONTUSCHKA, Nídia, PAGANELLI, Tomoko Iyda e CACETE, Núria Hanglei – **Para ensinar e aprender Geografia**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental)  
SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2000.  
UECE. Centro de Ciências e Tecnologia. **Regulamento do trabalho de conclusão de curso**: Curso de Licenciatura em Geografia, 2010.

**3.3.4. Eixo temático complementar e de formação pedagógica geral**

**Disciplina: Introdução a Educação a Distância**

**Créditos 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** EAD: em busca de conceitos e definições; Educação a distância no Mundo; Educação a distância no Brasil; Os modelos de EAD adotados no Brasil; A Universidade Aberta

do Brasil (UAB); Recursos pedagógicos em EAD; O professor na EAD: a polissemia da função; As possibilidades didáticas e metodológicas a partir do uso da tecnologia; O meio impresso; A educação audiovisual; Retroprojeto/Data show; Vídeo e televisão; A tecnologia educacional e o professor; As formas de trabalhar o computador na educação; O que é a Internet; A educação em uma nova era; A Internet e educação; Páginas www e seus potenciais educativos; Cognição e computador; A máquina gerando regimes cognitivos: a cognição como prática inventiva; Navegando na Internet; Ambientes virtuais de ensino e aprendizagem.

### **Bibliografia**

VIDAL, Eloisa Maia; MAIA, José Everardo Bessa. **Introdução à Educação a Distância**. Fortaleza: RDS, 2010

LOBO NETO, Francisco José da Silveira. **Educação a distância: referências e trajetórias**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Tecnologia Educacional, Brasília: Plano Editora, 2001.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. **A Nova mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

### **Complementar:**

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. São Paulo: Papirus, 2003.

LITWIN, Edith (Og.). **Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

TEDESCO, Juan Carlos. (org) **Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?** São Paulo: Cortez, 2004.

### **Disciplina: Introdução à Filosofia**

**Créditos 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** a importância do pensamento reflexivo e a necessidade de pensar. A formação da consciência crítica. Consciência e ideologia. Ciência e ideologia. As principais correntes filosóficas contemporâneas.

### **Bibliografia:**

AYER, A. **J. Hume**. Lisboa, Dom Quixote, 1981

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo. Ed. Ática, 2001

COHEN, B & WESTFALL, R. **Newton**: textos, antecedentes, comentários. R. de Janeiro, Contraponto/EDUERJ, 2002

COTTINGHAM, J. **Dicionário Descartes**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1995

DESCARTES, R. **Discurso do método**; Meditações metafísicas; Objeções e respostas.

Col. Os pensadores, III edição - São Paulo - Abril Cultural, 1983

\_\_\_\_\_. **Regras para direção do espírito**. Lisboa, Ed. 70, 1989

\_\_\_\_\_. **Os princípios da filosofia**. Lisboa, Ed. 70, 1997

HUME, D. **Investigação a cerca do entendimento humano**. Col. Os pensadores, III edição, São Paulo, Abril Cultural, 1984

\_\_\_\_\_. **Tratado da natureza humana**. São Paulo, Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 2001

KANT, I **Crítica da razão pura**. Col. Os pensadores, II edição, São Paulo, Abril Cultural, 1983

\_\_\_\_\_. **Lógica**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1992;

KOCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica**. 14<sup>a</sup>. Ed., Petropolis, Vozes, 1997

KOYRÉ, A. **Do mundo fechado ao universo infinito**. Lisboa, Gradiva.

LANDIM, R. **Evidência e verdade no sistema cartesiano**. São Paulo, Loyola, 1992

MARCONDES, D. **Iniciação à história da filosofia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1997.

- MARX, K **O Capital**: crítica da economia política. Col. Os economistas, III edição, São Paulo. Nova Cultural, 1988
- \_\_\_\_\_**Introdução à crítica da economia política**. Col. Os pensadores, II edição, São Paulo, Abril Cultural, 1978
- PASCAL, G. **Descartes** - São Paulo, Martins Fontes, 1990
- \_\_\_\_\_**O pensamento de Kant**. III edição, Petropolis, Vozes, 1990
- REZENDE, A (org.) **Curso de filosofia**. 11ª. Ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar, Ed., 2002
- ROVIGHI, S. V. **História da filosofia moderna**. São Paulo, Ed. Loyola, 1999
- SANTOS, M. **O espaço geográfico como categoria filosofia**. Terra Livre, São Paulo: AGB, nº5, p. 09-20, 1989
- SILVA, Franklin Leopoldo. **Descartes: a metafísica da modernidade**. São Paulo, Moderna, 1993
- SMITH, P. **O ceticismo de Hume**. São Paulo, Loyola, 1995
- \_\_\_\_\_**Ceticismo filosófico**. São Paulo / Curitiba, EPU / Ed. da UFPR, 2000.

### **Disciplina: Introdução à Sociologia**

**Créditos 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** Mostrar os elementos básicos da Sociologia tais como: definição, objeto de trabalho, caracterização e método de trabalho. Estudar os diversos grupos sociais e atuação em Instituições. Organização social.

#### **Bibliografia:**

- AVILA, Fernando Bastos. **Introdução à Sociologia**. Rio - Agir, 1962
- BIESANS, John e Mavis. **Introdução à Ciência Social**. São Paulo - Ed. Da USP, 1972
- BOTTMORE, T. B. **Introdução à Sociologia**. Rio - Zahar, 1965
- DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA** - Porto Alegre, Ed. Globo, 1961
- FERRARI, Alfonso Trujillo. **Fundamentos de Sociologia**. São Paulo. Megraw - Hill do Brasil, 1983.
- FERREIRA, Pinto - **Manual de Sociedade**. 2ª. Ed. Rio - José Koufino, 1981
- FICHTER, Joseph H. **Sociologia**. São Paulo - Editora Pedagógica e Universitária, 1973
- GALLIANO, Guilherme A e Outros - **Introdução à Sociologia**. São Paulo, Harper & Row do Brasil, 1981
- KOENIG, Samuel. **Elementos de Sociologia**. 2ª ed. Rio - Zahar, 1970
- LAKATOS, Eva Maria **Sociologia Geral**. Rio - ATLAS, 1977
- MACHADO NETO, A. L. e M. N. Z. **Sociologia Básica**. São Paulo, Saraiva, 1975
- PIERSON, Donald. **Teoria e Pesquisa em Sociologia**. São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1970
- ROCHER, GUY. **Sociedade Geral** (vol. 5). Lisboa - Ed. Presença, 1971
- SHAPIRO, Harry L. **Cultura e Sociedade**. Rio - Ed. Fundo de Cultura, 1956
- SICHES, Luis Recasens. **Tratado de Sociedade** (Vol. 2). Porto Alegre - Ed. Globo, 1968.

### **Disciplina: História Econômica, Social e Política do Brasil**

**Créditos 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** a formação do capitalismo mundial. Estrutura e dinâmica no sistema colonial brasileiro. A inserção do Brasil na Divisão Internacional do Trabalho. Séc. XIX: o renascimento agrícola; a economia cafeeira e industrialização. O processo econômico, social, político e ideológico do Brasil republicano.

#### **Bibliografia:**

- BAER, W. **A industrialização e o desenvolvimento econômico do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 1983
- FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1985

LUZZO, L. G. M. **Desenvolvimento capitalista no Brasil**: ensaios sobre a crise. São Paulo: Brasiliense, 1982  
PRADO Jr., Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1986  
REGO, J. M. e MARQUES, R. M. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Saraiva, 2003.

#### **Disciplina: Psicologia Evolutiva II**

**Créditos 04** **Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** O que é adolescência. Contribuição das principais teorias sobre a adolescência. Crescimento na família, na escola e na sociedade. A personalidade do adolescente. Teorias sobre o desenvolvimento do adolescente. Problemas psicológicos da adolescência e a relação ensino-aprendizagem.

#### **Bibliografia:**

ALLPORT, Gordon W. **Personalidade** - S. Paulo, Ed. Herder: 1969  
CARDOSO, Ofélia Boisson. **Problemas da Adolescência** - S. Paulo, Ed. Melhoramentos Comitê sobre Adolescência do grupo para adiantamento da Psiquiatria. **Dinâmica da Adolescência**. S. Paulo, Ed. Cultrix. 1970  
DEUTSCH, Helene. **Problemas Psicológicos da Adolescência**. R. Janeiro - Zahar Editoriais  
DERIN, Lannoy. **Psicologia da Adolescência**. S. Paulo, Ed. do Brasil. 1972  
ELKIND, David. **Crianças e Adolescentes**. R. Janeiro, Zahar Editores. 1972  
JERSILD, Arthur. **Psicologia da Adolescência**. S. Paulo, Ed. Nacional. 1972  
KRECH, David e Crutfield, Richard S. **Elementos de Psicologia**, V.II. S. Paulo, Ed. Pioneira  
MUUS, Rolf. **Teorias da Adolescência**. Belo Horizonte, Ed. do Professor. 1969  
NERO, Carlos Del. **Psicologia Comportamental do Adolescente**. S. Paulo, Ed. Nobel. 1974.

#### **Disciplina: Psicologia da Aprendizagem**

**Créditos 04** **Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** A relação da psicologia com a educação. Fundamentos básicos do comportamento nos sistemas teóricos da educação. A importância da aprendizagem no desenvolvimento humano. As várias concepções teóricas da aprendizagem. A Psicologia da Educação num enfoque humanista. O que é aprendizagem. Tipos de aprendizagem. O processo ensino-aprendizagem. Criatividade. A avaliação escolar.

#### **Bibliografia:**

ADCOCK, C. J. **Manual de Psicologia**, Rio Zahar, 1963.  
CAMPOS, Dinah S. **Psicologia da Aprendizagem**, Petrópolis, Vozes, 1972.  
CHAMPION, R. A. **Aprendizagem e Ativação**. Rio Liv. Técnico, 1973.  
GAGNÉ, M. **Como se realiza a Aprendizagem**. Rio, Ao Liv. Técnico, 1971.  
JUSTO, I. H. **Carl Rogers**: teorias da personalidade e aprendizagem Ed. EMMA, P. Alegre, 1973.  
LINDGREN H. H. **Psicologia na Sala de Aula**. Ao Liv. Técnico, 1971.  
MEDNICK, S. A. **Aprendizagem**. Rio, Zahar, 1973.  
NOVAES, M. H. **Psicologia Escolar**. Vozes, Petrópolis, 1970, onde se encontra um estudo da dislexia.

#### **Disciplina: Didática Geral**

**Créditos 04** **Carga Horária: 68 h**



**Ementa:** Uma análise da educação atual, numa perspectiva dialética fundamentada na interação, comunicação e instrumentalização do aluno nas dimensões técnica, política e humana do processo ensino-aprendizagem. Aplicação de uma prática pedagógica que atenda às necessidades educacionais da comunidade, através de experiências vivenciadas num confronto com a teoria/prática da disciplina. Visa ainda o domínio operacional do processo de planejamento didático e compreende: diferenças entre Educação e Didática, componentes do planejamento e outros elementos condicionantes do processo ensino-aprendizagem.

**Bibliografia:**

- BAKER, Eva e Outros. **Sistematização do Ensino**. Ed. Globo.
- BAKER, Eva e outros. **Como estabelecer metas de Ensino**. Ed. Globo, P. Alegre. 1976.
- FERREIRA, Itala. **Ação Didática** - Editora Rio. R. Janeiro. 1960.
- KEMP, Jenrold E. **Planejamento de Ensino**. Livros Técnicos e Científicos. Editora S. A. R. Janeiro, 1977.
- LARORE, Carlos E. Oliveira. **Planejamento Escolar**. Ed. Saraiva. R. Janeiro. 1967.
- Masques, Juracy C. **A Aula como processo**. Ed. Globo. P. Alegre. 1973.
- MELO, Osvaldo Ferreira. **Teoria e Prática do Planejamento Educacional**. Ed. Globo. Porto Alegre, 1969.

**Disciplina: Estrutura e Funcionamento da Educação Básica.**

**Créditos 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** Uma análise da educação atual, numa perspectiva dialética fundamentada na interação, comunicação e instrumentalização do aluno nas dimensões técnica, política e humana do processo ensino-aprendizagem. Pretende orientar o aluno sobre o sistema educacional brasileiro, no que se refere ao ensino médio, destacando a estrutura e seu funcionamento nos níveis nacional, estadual e local.

**Bibliografia:**

- BRZEZINSKI, Iria (org.). **LDB interpretada: diversos olhares se entrecruzam**. Cortez Editora: São Paulo, 2002.
- DAVIES, Nicholas. **Legislação educacional federal básica**. Cortez Editora: São Paulo, 2004.
- DUARTE, Newton. "Concepções afirmativas e negativas sobre o ato de ensinar. In. Duarte, (org.) **O professor e o ensino – novos olhares**. Cadernos Cedes, n. 44. Campinas: Cedes, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?**. Campinas, SP. Autores Associados, 2003.
- \_\_\_\_\_. O conhecimento tácito e conhecimento escolar na formação do professor. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas – SP, 2003.
- JIMENEZ, Susana. **Consciência de classe ou cidadania planetária?** Notas críticas sobre os paradigmas dominantes no campo da formação do educador. Fortaleza, 2003 (mimeo)
- MAIA, Osterne e JIMENEZ, Susana. A chave do saber: um exame crítico do novo paradigma educacional concebido pela ONU. In: **Trabalho, educação e luta de classes: a pesquisa em defesa da história**. Brasil Tropical: Fortaleza, 2003. pp. 105 -125.
- MENDES SEGUNDO, Maria das Dores e RABELO, Jackeline. **Análise da crise estrutural do capital à luz de István Mészáros**. Fortaleza, 2005. (mimeo).
- \_\_\_\_\_. A educação para todos na agenda da ONU/UNESCO e do Banco Mundial. Fortaleza, 2005. (mimeo)
- SAVIANI, Demerval. **Educação no Brasil: concepção e desafios para o século XXI**. Campinas – SP, 2000. (mimeo)
- \_\_\_\_\_. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. **Da nova LDB ao novo Plano Nacional de Educação:** por uma outra política educacional. Campinas – SP: Autores Associados, 1998.

TONET, Ivo. A educação numa encruzilhada. In: MENEZES, Ana Maria Dorta; FIGUEIREDO, Fábio Fonseca. **Trabalho, sociabilidade e educação:** uma crítica à ordem do capital. Fortaleza: Editora UFC. 2003.

VIEIRA, Sofia Lerche; ALBUQUERQUE, Maria Gláucia M. **Estrutura e Funcionamento da Educação Básica.** Fortaleza – Ce: Edições Demócrito Rocha, 2001.

**Disciplina: Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)**

**Créditos 04**

**Carga Horária: 68 h**

**Ementa:** Concepções e métodos da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). O estudo da LIBRAS na formação do professor em uma visão inclusiva da educação. Fundamentos da educação de surdos: linhas pedagógicas, parâmetros das línguas de sinais e a relação com a Língua Portuguesa.

**Bibliografia**

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado.** Trilingue: Língua de Sinais Brasileira. São Paulo: Edusp, 2002.

FELIPE, Tanya; MONTEIRO, Myr na. **LIBRAS em Contexto:** Curso Básico: Livro do Professor. 7. ed. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

PIMENTA, Nelson. **Coleção Aprendendo LSB.** Rio de Janeiro: Regional Básico, 2000. V.1.

\_\_\_\_\_. **Coleção Aprendendo LSB.** Rio de Janeiro: Regional, 2000. V.2 Intermediário.

\_\_\_\_\_. **Coleção Aprendendo LSB.** Rio de Janeiro: Regional, 2001. V. 3 Avançado.

\_\_\_\_\_. **Coleção Aprendendo LSB.** Rio de Janeiro: Regional, 2004. V. 4 Complementação.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos:** a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

### 3.4. QUADRO DE DISCIPLINAS: concomitância, consecutividade e carga horária de estudo semanal

IES: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE

Curso: Curso de Graduação em Geografia Licenciatura a Distância

Nome do(a) Módulo / Disciplina	1º Semestre																				
	Carga horária total	Mês 1				Mês 2				Mês 3				Mês 4				Mês 5			
		Semana				Semana				Semana				Semana				Semana			
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Fundamentos de Geografia	68h	7	7	20	7	7	12	8													
Introdução à Filosofia	68h								7	9	7	15	15	7	8						
Psicologia evolutiva II (Adolescência)	68h															7	18	15	20	8	
Geologia geral	68h					15	7	15	7	12	12										
Introdução à sociologia	68h											7	7	15	15	12	12				
Introdução à Educação a distância	68h	15	22	9	22																
<b>Total/ horas</b>	<b>408h</b>	<b>22</b>	<b>29</b>	<b>29</b>	<b>29</b>	<b>22</b>	<b>19</b>	<b>23</b>	<b>14</b>	<b>21</b>	<b>19</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>23</b>	<b>12</b>	<b>19</b>	<b>18</b>	<b>15</b>	<b>20</b>	<b>8</b>

Nome do(a) Módulo / Disciplina	2º Semestre																				
	Carga horária total	Mês 1				Mês 2				Mês 3				Mês 4				Mês 5			
		Semana				Semana				Semana				Semana				Semana			
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Geografia da população	68h	15	15	7	7	12	12														
Psicologia da aprendizagem	68h															7	7	7	22	18	7
História econômica, social e política do Brasil	68h												12	15	15	7	12	7			
Cartografia	68h		7	15	15	7	12	12													
Climatologia	68h							7	9	7	15	15	7	8							
<b>Total/ horas</b>	<b>340h</b>	<b>15</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>19</b>	<b>24</b>	<b>19</b>	<b>9</b>	<b>7</b>	<b>15</b>	<b>15</b>	<b>19</b>	<b>23</b>	<b>15</b>	<b>14</b>	<b>19</b>	<b>14</b>	<b>22</b>	<b>18</b>	<b>7</b>

Nome do(a) Módulo / Disciplina	3º Semestre																				
	Carga horária total	Mês 1				Mês 2				Mês 3				Mês 4				Mês 5			
		Semana				Semana				Semana				Semana				Semana			
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Recursos hídricos	68h							7	9	7	15	15	7	8							
Geografia agrária	68h												12	15	15	7	12	7			
Metodologia do trabalho científico	68h		7	15	15	7	12	12													
Geomorfologia	68h	15	15	7	7	12	12														
Didática Geral	68h															7	7	7	22	18	7
<b>Total/ horas</b>	<b>340h</b>	<b>15</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>19</b>	<b>24</b>	<b>19</b>	<b>9</b>	<b>7</b>	<b>15</b>	<b>15</b>	<b>19</b>	<b>23</b>	<b>15</b>	<b>14</b>	<b>19</b>	<b>14</b>	<b>22</b>	<b>18</b>	<b>7</b>

Nome do(a) Módulo / Disciplina	4º Semestre																				
	Carga horária total	Mês 1				Mês 2				Mês 3				Mês 4				Mês 5			
		Semana				Semana				Semana				Semana				Semana			
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Pedologia	68h	7	9	7	15	15	7	8													
Geografia urbana	68h	15	15	12	7	7	12														
Teoria e método em geografia	68h							15	15	12	12	7	7								
Estrutura e funcionamento da educação básica	68h								7	12	12	15	15	7							
Metodologia e Prática do Ensino de Geografia I (PCC – Prática como Componente Curricular)	68h													15	22	19	7	5			
Oficina em Geografia I (PCC – Prática como Componente Curricular)	68h																15	15	22	7	9
<b>Total/ horas</b>	<b>408h</b>	<b>22</b>	<b>24</b>	<b>19</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>19</b>	<b>23</b>	<b>22</b>	<b>24</b>	<b>24</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>19</b>	<b>22</b>	<b>20</b>	<b>22</b>	<b>7</b>	<b>9</b>

Nome do(a) Módulo / Disciplina	5º Semestre																				
	Carga horária total	Mês 1				Mês 2				Mês 3				Mês 4				Mês 5			
		Semana				Semana				Semana				Semana				Semana			
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Geografia ambiental	68h	7	9	7	15	15	7	8													
Geografia econômica	68h	15	15	12	7	7	12														
Geografia política	68h							7	9	7	15	15	7	8							
Metodologia e Prática do Ensino de Geografia II (PCC – Prática como Componente Curricular)	68h									7	9	7	15	15	7	8					
Oficina em Geografia II (PCC – Prática como Componente Curricular)	68h																15	15	22	7	9
<b>Total/ horas</b>	<b>340h</b>	<b>22</b>	<b>24</b>	<b>19</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>19</b>	<b>15</b>	<b>9</b>	<b>14</b>	<b>24</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>23</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>15</b>	<b>15</b>	<b>22</b>	<b>7</b>	<b>9</b>

Nome do Módulo / Disciplina	6º Semestre																				
	Carga horária total	Mês 1				Mês 2				Mês 3				Mês 4				Mês 5			
		Semana				Semana				Semana				Semana				Semana			
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Geografia do Brasil	68h	15	9	7	15	7	7	8													
Projeto de pesquisa em geografia	68h		15	9	7	15	7	7	8												
Linguagem Brasileira De Sinais (LIBRAS)	68h									15	7	12	7	15	7	5					
Estágio Supervisionado I (Ensino Fundamental)	102h										15	7	14	7	15	10,5	7	9,5	9	0	8
Oficina em Geografia III (PCC – Prática como Componente Curricular)	68h																15	15	7	22	9
<b>Total/ horas</b>	<b>374h</b>	<b>15</b>	<b>24</b>	<b>16</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>14</b>	<b>15</b>	<b>8</b>	<b>15</b>	<b>22</b>	<b>19</b>	<b>21</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>15,5</b>	<b>22</b>	<b>24,5</b>	<b>16</b>	<b>22</b>	<b>17</b>

Nome do (a) Módulo / Disciplina	7º Semestre																				
	Carga horária total	Mês 1				Mês 2				Mês 3				Mês 4				Mês 5			
		Semana				Semana				Semana				Semana				Semana			
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Geografia do Nordeste	68h	15	9	7	15	7	7	8													
Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia I	68h					15	9	7	15	7	7	8									
Estágio Supervisionado II (Ensino Fundamental)	102h										15	7	14	7	15	10,5	7	9,5	9	0	8
Oficina em Geografia IV (PCC – Prática como Componente Curricular)	68h																15	15	7	22	9
<b>Total/ horas</b>	<b>306h</b>	<b>15</b>	<b>9</b>	<b>7</b>	<b>15</b>	<b>22</b>	<b>16</b>	<b>15</b>	<b>15</b>	<b>7</b>	<b>22</b>	<b>15</b>	<b>14</b>	<b>7</b>	<b>15</b>	<b>10,5</b>	<b>22</b>	<b>24,5</b>	<b>16</b>	<b>22</b>	<b>17</b>

Nome do(a) Módulo / Disciplina	8º Semestre																				
	Carga horária total	Mês 1				Mês 2				Mês 3				Mês 4				Mês 5			
		Semana				Semana				Semana				Semana				Semana			
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia II	102h		15	7	14	7	15	10,5	7	9,5	9	0	8								
Estágio Supervisionado III (Ensino Médio)	204h	15	7	14	7	15	7	10,5	15	7	14	7	15	10,5	7	9,5	9	8	8	9,5	9
<b>Total/ horas</b>	<b>306h</b>	<b>15</b>	<b>22</b>	<b>21</b>	<b>21</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>21</b>	<b>22</b>	<b>16,5</b>	<b>23</b>	<b>7</b>	<b>23</b>	<b>10,5</b>	<b>7</b>	<b>9,5</b>	<b>9</b>	<b>8</b>	<b>8</b>	<b>9,5</b>	<b>9</b>

### 3.5. Linhas e projetos de pesquisa do curso

**a) Análise geoambiental integrada - semiárido e litoral:** busca abranger questões ligadas aos seguintes aspectos:

- Avaliação de potencialidades ambientais e de recursos naturais
- Análise de problemas ambientais oriundos do uso inadequado dos recursos e do desconhecimento da capacidade de suporte dos geossistemas
- Identificação de conflitos de uso dos recursos naturais e das políticas ambientais
- Levantando e avaliando as potencialidades de recursos naturais e a prática e vivência em sala de aula
- Executando mapeamentos temáticos setoriais ou integrados que tratam dos recursos naturais e do meio ambiente na sala de aula
- Identificação das condições de uso e ocupação da Terra e as implicações ambientais derivadas

**b) Território, Sociedade e Cultura:** volta-se para os seguintes temas:

- O território como produto social e como dimensão do vivido, tendo como parâmetro as dinâmicas desenvolvidas na sociedade, com ênfase no recorte do semiárido e do litoral
- O território como criação política e econômica da sociedade, o que evidencia as forças sociais como foco dos estudos nessa linha de pesquisa, quer em seu caráter geopolítico, quer em seus fundamentos geoeconômicos e culturais
- Considera a cultura como representação da criação humana, incluindo-a nas preocupações de nossos estudos das regiões semiáridas e litorâneas
- As muitas atividades socioespaciais tais como a indústria, a agricultura, os serviços modernos, o turismo como vetores de produção e reprodução do espaço e do território
- Análise e reflexões sobre os usos e mudanças territoriais, especialmente no Nordeste brasileiro.

**c) Geotecnologias e ensino:** refere-se à inserção de novas tecnologias no estudo do espaço geográfico considerando as relações entre sociedade e natureza, voltando-se aos seguintes temas:

- Conhecer e descobrir o lugar no espaço geográfico na formação conhecimento
- A representação do espaço
- As novas tecnologias na construção do conhecimento.

### **3.6. Produção Científica de Professores nos últimos 2 anos**

A proposta de estruturação dos materiais didáticos tem como base o princípio de que serão recursos utilizados por todos os envolvidos no processo educacional. Em se tratando deste curso a distância, os materiais se transformam em importantes canais de comunicação entre estudantes, professores e tutores, a partir das diretrizes e princípios da proposta político-pedagógica do mesmo. Por isso, a necessidade de serem dimensionados, respeitando-se as especificidades inerentes à realidade de acesso do público-alvo a esta modalidade de educação e as particularidades inerentes ao curso de Licenciatura Plena em Matemática.

Por tudo isso, a competência profissional de uma equipe básica para desenvolver materiais para EAD exige a inclusão e o trabalho conjunto e integrado do professor pesquisador, do especialista em EAD e do criador/produtor dos materiais, ou seja, de uma equipe multidisciplinar.

#### **3.6.1. Publicação dos professores do Colegiado de Geografia 2010/2012**

**Antonio de Oliveira Gomes Neto:** Assumiu o cargo de Vice-Reitor da UECE entre 2008 e 2012.

#### **Claudia Maria Magalhães Grangeiro**

Relatórios Técnicos

GRANGEIRO, C. M. M.; MAIA, R. S.; RIBEIRO, J. F. G.; SANTOS, M. A. M.; QUEIRÓS, S. P.; PESSOA, T. M.; OLIVEIRA, T. S. D; MAGALHÃES, J. L.; OLIVEIRA, Y. M. C.; OLIVEIRA, T. S. D; PEREIRA, B. G.; PORTELA, N. A. Planejamento e Relatório Anual de Atividades do PET 2010 (01 de janeiro de 2010 a 31 de dezembro de 2010). 2010.

\_\_\_\_\_. Planejamento e Relatório Anual de Atividades do PET 2011 (01 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2011). 2011.

#### **Denise Cristina Bomtempo**

ARTIGOS PUBLICADOS EM PERIODICOS

BOMTEMPO, DENISE CRISTINA; SPOSITO, Eliseu Savério. Os circuitos espaciais da produção e as novas dinâmicas do território: uma análise da indústria alimentícia de consumo final.. Mercator (Fortaleza. Online), v. 11, p. 7-26, 2012.

BOMTEMPO, DENISE CRISTINA. Dinâmicas territoriais e interações espaciais: a configuração do circuito espacial da produção da Nestlé S/A. Caderno Prudentino de Geografia, v. 1, p. 72-96, 2012.

BOMTEMPO, DENISE CRISTINA. Indústria e Cidade Média: a trajetória da Nestlé S/A em Marília/SP. Revista GeoUECE, v. 1, p. 15-28, 2012.

LIVRO PUBLICADO

SPOSITO, Eliseu Savério. (Org.); BOMTEMPO, DENISE CRISTINA (Org.); SOUSA, Adriano



Amaro. (Org.). Geografia e Migração: movimentos, territórios e territorialidades.. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. v. 1000. 304p.

#### CAPITULO DE LIVRO PUBLICADO

BOMTEMPO, DENISE CRISTINA; SPOSITO, Eliseu Savério. Lugar, sonhos e migração: uma leitura dos movimentos migratórios entre Japão e Brasil.. In: SPOSITO, Eliseu Savério; BOMTEMPO, Denise Cristina; SOUSA, Adriano Amaro. (Org.). Geografia e Migração: movimentos, territórios e territorialidades. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010, v. 1, p. 59-84.

#### **Denise de Souza Elias**

#### ARTIGOS PUBLICAS EM PERIODICOS

ELIAS, Denise. LES TERRITOIRES DE L'AGROBUSINESS AU BRÉSIL. Confins (Paris), v. 15, p. 1-20, 2012.

ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato . REESTRUTURAÇÃO ECONÔMICA E URBANA EM UMA CIDADE MÉDIA DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO. Revista da ANPEGE, v. 8, p. 15-27, 2012.

ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato; ROMCY, P. O. . Rupturas na rede urbana e faces do mercado de trabalho. Geotextos (Online), v. 8, p. 2012-145, 2012.

BEZERRA, Juscelino Eudâmidas; ELIAS, Denise. Difusão do trabalho agrícola formal no Brasil e sua dinâmica multiescalar. Investigaciones Geográficas - Instituto de Geografía. Universidad Nacional Autónoma de México, v. N.76, p. 104-117, 2011.

ELIAS, Denise. Agronegócio e Novas Regionalizações no Brasil. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (ANPUR), v. 13, p. 153-170, 2011.

MUNIZ, A. M. V.; ELIAS, Denise. O paradigma de acumulação flexível, a mundialização do capital e os impactos da reestruturação produtiva e espacial do trabalho industrial e agrícola. Ateliê geográfico (UFG), v. 5, p. 195-218, 2011.

#### LIVROS PUBLICADOS

SPOSITO, M. E. (Org.); ELIAS, Denise (Org.); SOARES, B. R. (Org.). Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Chillán e Marília. 1. ed. São Paulo: Outras expressões, 2012. 282p.

#### CAPITULOS DE LIVROS PUBLICADOS

ELIAS, Denise. Novas formas/novos sistemas: os agrocombustíveis. In: Júlia Adão Bernardes; Luís Angelo dos Santos Aracri. (Org.). Novas Fronteiras do Biodiesel na Amazônia: limites e desafios da incorporação da pequena produção agrícola. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2011, v., p. 11-22.

ELIAS, Denise. Milton Santos e a construção da Geografia. In: Maria Auxiliadora da Silva. (Org.). 10 anos sem Milton Santos. Salvador: Alba, 2011, v, p. 101-105.

#### **Edílson Alves Pereira Junior**

#### ARTIGOS PUBLICADOS EM PERIODICOS

PEREIRA JÚNIOR, Edilson. A INDUSTRIALIZAÇÃO COMO VETOR DE MODERNIZAÇÃO ECONÔMICA: ABORDAGENS SOBRE O ESPAÇO INDUSTRIAL NO CEARÁ. Revista Paranaense de Desenvolvimento, v. 123, p. 117-134, 2012.

PEREIRA JÚNIOR, Edilson. ANÁLISE DE ABORDAGENS CONCORRENTES SOBRE INDUSTRIALIZAÇÃO, TERRITÓRIO E POLÍTICAS ECONÔMICAS. GEOUECE, v. 1, p. 15-28, 2012.

PEREIRA JÚNIOR, Edilson. VELHOS MODELOS PRODUTIVOS E REESTRUTURAÇÃO FORDISTA NA INDÚSTRIA, NO BAIXO JAGUARIBE, CEARÁ. Mercator (Fortaleza. Online), v. 09, p. 53-70, 2010.

#### CAPITULO DE LIVRO PUBLICADO

PEREIRA JÚNIOR, Edilson. Território e Economia Política Intencionalidades e Ações do Projeto de Modernidade no Ceará. In: Messias Modesto dos Passos. (Org.). As Novas geografias dos países de Língua Portuguesa. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012, v. 1, p. 585-620.

PEREIRA JÚNIOR, Edilson. Agricultura moderna e reestruturação do espaço urbano. In: José Aldemir de Oliveira. (Org.). Cidades Brasileiras vol. II - territorialidades, sustentabilidades e demandas sociais. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2010, v. II, p. 229-247.

**Elton Castelo Benevides:** Assume o cargo de presidente da CPPD/UECE desde 2010.

#### **Fábio Perdigão Vasconcelos**

#### ARTIGOS PUBLICADOS EM PERIODICOS

MATOS, F. O. ; Matos, Fábio de Oliveira; VASCONCELOS, Fábio Perdigão. CARTOGRAFIA DO LITORAL DE FORTALEZA NA DÉCADA DE 1940. Mercator (Fortaleza. Online), v. 11, p. 89-100, 2012.

DINIZ, M. T. M.; VASCONCELOS, Fábio Perdigão; ROCHA, G. C. . Utilização de Entrevistas Semi-estruturadas na Gestão Integrada de Zonas Costeiras: o Discurso do Sujeito Coletivo como Técnica Auxiliar. Scientia Plena, v. 7, p. 019902-1, 2011.

VASCONCELOS, Fábio Perdigão; SENA NETA, Maria Antônia de ; SILVA, Nayara Santos da ; MORAIS, João Sívio Dantas de . AVALIAÇÃO COMPARATIVA, TEMPORAL E CARTOGRÁFICA DAS PRINCIPA LAGOAS LITORANEAS DE FORTALEZA (CEARÁ, BRASIL). Revista Geográfica de América Central, v. 1, p. 1-12, 2011.

MARQUES, João Paulo Martins; WILKE, Brenda da Silveira; VASCONCELOS, Fábio Perdigão. ANÁLISE DOS IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS GERADOS A PARTIR DA INSTALAÇÃO DA FEIRA DE ARTESANATO DA AVENIDA BEIRA-MAR - FORTALEZA, CEARÁ, BRASIL. Revista Geográfica de América Central, v. 1, p. 1-17, 2011.

SOUZA, Lilian Sorele Ferreira ; SILVA, Edson Vicente da; VASCONCELOS, Fábio Perdigão . AS UCS DE SABIAGUABA (FORTALEZA - CEARÁ, BRASIL): DIAGNÓSTICO GEAMBIENTAL E PROPOSTAS DE GESTÃO E MANEJO. Revista Geográfica de América Latina, v. 1, p. 1-17, 2011.

MARTINS, Mácia Barbosa; VASCONCELOS, Fábio Perdigão. DESAFIOS PARA O DE-

SENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA ZONA COSTEIRA. Revista Geográfica de América Central, v. 1, p. 1-12, 2011.

MATOS, F. O. ; VASCONCELOS, Fábio Perdigão. O litoral de Fortaleza e o planejamento urbano na primeira metade do século XIX a partir das plantas de Silva Paulet e Simões de Farias. RBC. Revista Brasileira de Cartografia (Online), v. 63, p. 555-563, 2011.

MATOS, F. O. ; VASCONCELOS, Fábio Perdigão. Içar velas: algumas considerações sobre as venturas na relação entre o homem e o mar. Acta Geográfica (UFRR), v. 7, p. 67-78, 2010.

#### CAPÍTULOS DE LIVROS PUBLICADOS

MARTINS, Mácia Barbosa; VASCONCELOS, Fábio Perdigão. Impactos da implantação de resorts na Área de proteção Ambiental - APA das Dunas da Lagoinha. In: Coriolano, L. N. Vasconcelos, F. P.. (Org.). Turismo, Território e Conflitos Imobiliários. 1ed.Fortaleza: EdUece, 2012, v. 1, p. 219-230.

VASCONCELOS, Fábio Perdigão. Resenha do Livro "Vinho e Guerra". In: Marcelo Gurgel Carlos da Silva. (Org.). Tempos de Guerra e Paz: Ensaios da Vida. 1ed.Fortaleza: EDUECE, 2010, v. , p. 125-127.

#### **Francisco Tarcisio P. Holanda**

Coordenador da Comissão de Avaliação de Estágio Curricular Obrigatório do Centro de Ciências e Tecnologia desde 2012;

Coordenador da Comissão de Avaliação de Estágio Curricular Obrigatório da Coordenação dos Cursos de Geografia/UECE desde 2010.

#### **Frederico de Holanda Bastos**

#### ARTIGOS PUBLICADOS EM PERIODICOS

BASTOS, F. H.; CORDEIRO. Fatores Naturais na Evolução das Paisagens no Semiárido Brasileiro: Uma Abordagem Geral. Revista Geonorte, v. 1, p. 464-476, 2012.

BASTOS, F. H.; SILVA, Edson Vicente da. Técnicas de Geoprocessamento na Análise Ambiental: O Caso dos Relevos Serranos do Município de Guaramiranga - CE. Revista Geonorte, v. 1, p. 1743-1755, 2012.

#### LIVRO PUBLICADO E ORGANIZADO

BASTOS, F. H. (Org.). Serra de Baturité: Uma Visão Integrada das Questões Ambientais. 1. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011. v. 1. 246p.

BASTOS, F. H. . Guaramiranga: Caminhos para o Planejamento e Gestão Ambiental. 1. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011. v. 1. 194p.

#### CAPITULO DE LIVRO PUBLICADO

BASTOS, F. H.; CORDEIRO. Processos de Formação das Paisagens Semiáridas do Estado do Ceará - Brasil. In: Antônia Carlos da Silva; Josier Ferreira da Silva; João Cesar Abreu de Oliveira; Paulo Wendell Alves de Oliveira; Salvani Gonçalves de Oliveira; Marcos Allan Gonçalves de Araujo. (Org.). Geografia Ensino e Pesquisa: Produzindo Saberes. 1ed.Curitiba: CRV, 2012, v. 01, p. 149-170.

LIMA; SILVA, Edson Vicente da; BASTOS, F. H.; RABELO. Impactos Socioambientais do Turismo em Guaramiranga. In: Frederico de Holanda Bastos. (Org.). Serra de Baturité: Uma Visão Integrada das Questões Ambientais. 1ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011, v. 1, p. 115-132.

#### CAPITULO DE LIVROS PUBLICADOS

LIMA; SILVA, Edson Vicente da; BASTOS, F. H.; RABELO . Impactos Socioambientais do Turismo em Guaramiranga. In: Frederico de Holanda Bastos. (Org.). Serra de Baturité: Uma Visão Integrada das Questões Ambientais. 1ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011, v. 1, p. 115-132.

BASTOS, F. H.; AZEVEDO . Aspectos Jurídico-Institucionais da Questão Ambiental da Serra de Baturité. In: Frederico de Holanda Bastos. (Org.). Serra de Baturité: Uma Visão Integrada das Questões Ambientais. 1ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011, v. 1, p. 151-167.

BASTOS, F. H. A Utilização do Geoprocessamento na Análise Ambiental de Serras Úmidas do Ceará: O Caso do Município de Guaramiranga. In: Frederico de Holanda Bastos. (Org.). Serra de Baturité: Uma Visão Integrada das Questões Ambientais. 1ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011, v. 1, p. 205-219.

BASTOS, F. H.; SILVA, Edson Vicente da . Estudos Ambientais Interdisciplinares e Propostas de Sustentabilidade para Guaramiranga - CE. In: Edson Vicente da Silva, José Manuel Mateo Rodriguez e Adryane Gorayeb. (Org.). Planejamento Ambiental e Bacias Hidrográficas. 1ed. Fortaleza: Edições UFC, 2011, v. Tomo 2, p. 111-126.

#### **Jader Onofre de Moraes**

##### ARTIGOS PUBLICADOS EM PERIÓDICOS

IRION, G. F.; MELO, J A Nunes; Moraes, Jäder O. ; PIEDADE, M. T. F. ; JUNK, W. J. ; GARMING, L. Development of the Amazon Valley During the Middle to Late Quaternary: Sedimentological and Climatological Observations. Ecological Studies, v. 210, p. 27-42, 2011.

QUINTELA.T.O ; MORAIS, Jader Onofre de ; PINHEIRO, Lidriana de Souza . Morphodynamic on the Curu estuary inlet-Brazil. Journal of Coastal Research, v. I, p. 805-808, 2011.

MORAIS, J. O; PINHEIRO, L. S. ; PINHEIRO, L. S. The effect of semi-aridity and damming on sedimentary dynamics in estuaries- Northeastern region of Brazil. Journal of Coastal Research, v. 64, p. 1540-1544, 2011.

Pinheiro, Lidriana de Souza; Moraes, J. O. Interferências de barramentos no regime hidrológico do estuário do rio Catú-Ceará-Nordeste do Brasil. Sociedade & natureza (UFU. Online), v. 22, p. 237-250, 2010.

MORAIS, Jader Onofre de. DEPOIMENTO DO PROF. DR. JÁDER ONOFRE DE MORAIS, COMO DIRETOR DO LABOMAR (maio-1976 a maio-1987). Arquivos de Ciências do Mar, v. 43, p. 8-10, 2010.

MORAIS, Jader Onofre de . CURSO DE CIÊNCIAS AMBIENTAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - AULA INAUGURAL. Arquivos de Ciências do Mar, v. 43, p. 14-20, 2010.

#### **João Silvío Dantas de Moraes**

##### LIVROS PUBLICADOS

MORAIS, João Silvio Dantas de. ATLAS DE FORTALEZA 2000. 1. ed. Fortaleza: EDUECE, 2011. v. 1000. 110p .  
SILVA, E. V.; MORAIS, João Silvio Dantas de. Gestão de Recursos Hídricos e Planejamento Ambiental. 1. ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2010. v. 1000. 559p.

### **Luiz Cruz Lima**

#### ARTIGOS PUBLICADOS EM PERIODICOS

VASCONCELOS, T. S. L.; LIMA, L. C.; AIRES, ROSILENE. TRABALHO, EDUCAÇÃO E GEOGRAFIA. Caminhos de Geografia (UFU), v. 13, p. 82-90, 2012.  
SANTOS, E. O. ; LIMA, L. C. . REESTRUTURAÇÃO SOCIOESPACIAL DO TERRITÓRIO CEARENSE: SERVIÇOS MODERNOS EM EVIDÊNCIA NOS SUBESPAÇOS DINÂMICOS. Acta Geográfica (UFRR), v. 06, p. 59-76, 2012.  
VASCONCELOS, T. S. L.; LIMA, L. C. TERRA-MERCADORIA NO AGRONEGOCIO CEARENSE. Mercator (UFC), v. 10, p. 123-136, 2011.  
VASCONCELOS, T. S. L.; LIMA, L. C. A REESTRUTURAÇÃO SOCIOESPACIAL COMO APORTE METODOLOGICO DE ANÁLISE DO TERRITORIO CEARENSE. Formação (Presidente Prudente), v. 2, p. 99-127, 2011.  
ANDRADE, V. N.; LIMA, L. C. INOVAÇÕES TÉCNICAS DA CAPRINOCULTURA EM TAUÁ NO CONTEXTO DA REESTRUTURAÇÃO SOCIOESPACIAL DO CEARÁ. Revista Homem, Espaço e Tempo, v. 1, p. 67-85, 2011.

#### LIVRO PUBLICADO

LIMA, L. C.; FREITAS, B. C.; VASCONCELOS, T. S. L. OS NOVOS ESPAÇOS SELETIVOS NO CAMPO. 1. ed. FORTALEZA: EDITORA DA UNIV. ESTADUAL DO CEARÁ - EDUECE, 2011. v. 1. 256p.

#### CAPITULO DE LIVRO

LIMA, L. C. UM INTELLECTUAL COMPROMETIDO COM A SERIEDADE DA CIÊNCIA. In: MARIA AUXILIADORA DA SILVA. (Org.). 10 ANOS SEM MILTON SANTOS. 1ed.SALVADOR: ALBA, 2011, v. 1, p. 210-212.  
LIMA, L. C. CONSCIÊNCIA DE UMA ÉPOCA. In: ALDO DANTAS; MATHEUS AUGUSTO AVELINO TAVARES. (Org.). LUGAR-MUNDO: PERVERSIDADES E SOLIDARIEDADES. 1ed. NATAL - RN: EDUFRN, 2011, v. 1, p. 069-075.

### **Luzia Neide M.T. Coriolano**

#### ARTIGOS PUBLICADOS EM PERIODICOS

CORIOLOANO, L. N. M. T.; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. TERRITÓRIOS SOLIDÁRIOS LATINO AMERICANOS E TURISMO COMUNITÁRIO NO REBATIMENTO AOS MEGAEM-PREEMDIMENTOS TRANSNACIONAIS. Scripta Nova (Barcelona), v. 1, p. 1-12, 2012.  
CORIOLOANO, L. N. M. T.; PARENTE, Karlos Markes Nunes. Espaço de Reserva do Capital na Orla Oeste de Fortaleza (Ceará, Brasil): Demandas para Lazer e Turismo. Revista brasileira de pesquisa em turismo, v. 5, p. 63-82, 2011.

CORIOLOANO, L. N. M. T.; ALMEIDA, Humberto Marinho de . O TURISMO RURAL NO SEMIÁRIDO DO NORDESTE BRASILEIRO. Revista Geográfica de América Central: XIII Encontro de Geógrafos de América Latina, v. 2, p. 1-21, 2011.

CORIOLOANO, L. N. M. T. ECOTURISMO E CONTRIBUIÇÃO AO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL EM COMUNIDADES - CEARÁ - BRASIL. Revista Geográfica de América Central, v. 2, p. 1-19, 2011.

CORIOLOANO, L. N. M. T. ; BARBOSA, L. M. REDE DE TERRITÓRIOS SOLIDÁRIOS E TURISMO DE BASE LOCAL NO CEARÁ - BRASIL. Revista Geográfica de América Central, v. 2, p. 1-26, 2011.

#### LIVROS PUBLICADOS

CORIOLOANO, L. N. M. T. Desafios del Turismo: Dilemas del Desarrollo en la Escala Humana y en la Sostenibilidad Ambiental. 1. ed. Editorial Acadêmica Espanhola, 2012. v. 1. 309p.

CORIOLOANO, L. N. M. T.; VASCONCELOS, Fábio Perdigão . Turismo, Territórios e Conflitos Imobiliários. 1. ed. Fortaleza: EdUECE, 2012. v. 1. 431p .

BRASILEIRO, Maria Dilma Simões (Org.); CABRERA, Julio Cabrera (Org.); CORIOLOANO, L. N. M. T. (Org.). Turismo, Cultura e Desenvolvimento. 1. ed. João Pessoa: EDUEPB, 2012. v. 1. 240p.

#### CAPITULO DE LIVRO

CORIOLOANO, L. N. M. T. A Contribuição do Turismo ao Desenvolvimento Local. In: Anderson Pereira Portuguesez, Giovanni de Farias Seabra, Odaléia Telles M. M. Queiroz. (Org.). Turismo, espaço e estratégias de desenvolvimento local. 1ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012, v. 1, p. 1-396.

CORIOLOANO, L. N. M. T. Desvendando os Caminhos do Turismo de Aventura no Brasil. In: Silvana Pirillo Ramos. (Org.). PLANEJAMENTO DE ROTEIROS TURÍSTICOS. 1ed. Rio de Janeiro: Asterisco, 2012, v. 1, p. 1-216.

CORIOLOANO, L. N. M. T.; BARBOSA, L. M. INTERNET E REDES: ARTICULAÇÕES DO TURISMO COMUNITÁRIO. In: Mario Beni. (Org.). Turismo: planejamento estratégico e capacidade de gestão - Desenvolvimento regional, rede de produção e clusters. 1ed. São Paulo: Manole, 2012, v. 1, p. 563-585.

CORIOLOANO, L. N. M. T. O turismo comunitário no contexto da globalização. In: CORIOLOANO, Luzia Neide M. T.; VASCONCELOS, Fábio Perdigão. (Org.). Turismo, Território e Conflitos Imobiliários. 1ed. Fortaleza: EdUECE, 2012, v. 1, p. 11-26.

CORIOLOANO, L. N. M. T.; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. Territórios Solidários Latino-Americanos e Turismo Comunitários no Rebatimento aos Megaempreendimentos Transnacionais. In: CORIOLOANO, Luzia Neide M. T.; VASCONCELOS, Fábio Perdigão. (Org.). Turismo, Território e Conflitos Imobiliários. 1ed. Fortaleza: EdUECE, 2012, v. 1, p. 27-42.

CORIOLOANO, L. N. M. T.; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce . Discursos e Concepções Teóricas do Desenvolvimento e Perspectivas do Turismo como indução. In: CORIOLOANO, Luzia Neide M. T.; VASCONCELOS, Fábio Perdigão. (Org.). Turismo, Território e Conflitos Imobiliários. 1ed. Fortaleza: EdUECE, 2012, v. 1, p. 43-58.

CORIOLOANO, L. N. M. T.; BARBOSA, L. M. Socialização de Saberes pelo Turismo. In: CORIOLOANO, Luzia Neide M. T.; VASCONCELOS, Fábio Perdigão. (Org.). Turismo, Território e Conflitos Imobiliários. 1ed. Fortaleza: EdUECE, 2012, v. 1, p. 59-84.

CORIOLOANO, L. N. M. T.; NASCIMENTO, Iandra V. Oliveira. Conhecimento Tácito e Aprendizado do Turismo Comunitário em Trairi- CE. In: CORIOLOANO, Luzia Neide M. T.; VAS-

- CONCELOS, Fábio Perdigão. (Org.). Turismo, Território e Conflitos Imobiliários. 1ed. Fortaleza: EdUECE, 2012, v. 1, p. 85-102.
- CORIO-  
LANO, Luzia Neide M. T.; VASCONCELOS, Fábio Perdigão. (Org.). Turismo, Território e Conflitos Imobiliários. 1ed. Fortaleza: EdUECE, 2012, v. 1, p. 102-118.
- CORIO-  
LANO, L. N. M. T.; ZECHNER, Talita Cristina; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. Estratégia de Desenvolvimento Territorial na Empresa Solidarium e no Arranjo Socioprodutivo do Turismo Comunitário do Rio Sagrado Morretes- PR. In: CORIO-  
LANO, Luzia Neide M. T.; VASCONCELOS, Fábio Perdigão. (Org.). Turismo, Território e Conflitos Imobiliários. 1ed. Fortaleza: EdUECE, 2012, v. 1, p. 191-200.
- CORIO-  
LANO, L. N. M. T.; SAMPAIO, Camila Freire. Veraneio, Turismo e Especulação Imobiliário no Litoral Cearense. In: CORIO-  
LANO, Luzia Neide M. T.; VASCONCELOS, Fábio Perdigão.. (Org.). Turismo, Território e Conflitos Imobiliários. 1ed. Fortaleza: EdUECE, 2012, v. 1, p. 201-218.
- CORIO-  
LANO, L. N. M. T.; PARENTE, Karlos Markes Nunes. Espaços de Reserva do Capital na Orla de Fortaleza: Demandas para o Lazer e Turismo. In: CORIO-  
LANO, Luzia Neide M. T.; VASCONCELOS, Fábio Perdigão.. (Org.). Turismo, Território e Conflitos Imobiliários. 1ed. Fortaleza: EdUECE, 2012, v. 1, p. 231-246.
- CORIO-  
LANO, L. N. M. T.; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce ; BARBOSA, L. M. . Lazer e Turismo na Unidade de Conservação do Parque do Cocó em Fortaleza. In: CORIO-  
LANO, Luzia Neide M. T.; VASCONCELOS, Fábio Perdigão. (Org.). Turismo, Território e Conflitos Imobiliários. 1ed. Fortaleza: EdUECE, 2012, v. 1, p. 247-266.
- CORIO-  
LANO, L. N. M. T.; PARENTE, Karlos Markes Nunes. Políticas Urbanas e Produção Espacial na Orla Marítima de Fortaleza. In: CORIO-  
LANO, Luzia Neide M. T.; VASCONCELOS, Fábio Perdigão. (Org.). Turismo, Território e Conflitos Imobiliários. 1ed. Fortaleza: EdUECE, 2012, v. 1, p. 299-320.
- CORIO-  
LANO, L. N. M. T.; FERNANDES, L. M. M. Turismo na Perspectiva das Agências de Turismo. In: CORIO-  
LANO, Luzia Neide M. T.; VASCONCELOS, Fábio Perdigão.. (Org.). Turismo, Território e Conflitos Imobiliários. 1ed. Fortaleza: EdUECE, 2012, v. 1, p. 353-366.
- CORIO-  
LANO, L. N. M. T.; FERNANDES, L. M. M. Relação Brasil e França pelo Turismo: Imagem e Consumo de Lugares. In: CORIO-  
LANO, Luzia Neide M. T.; VASCONCELOS, Fábio Perdigão.. (Org.). Turismo, Território e Conflitos Imobiliários. 1ed. Fortaleza: EdUECE, 2012, v. 1, p. 411-431.
- CORIO-  
LANO, L. N. M. T. Comunidade, Conhecimento e Aprendizado a partir de Arranjos Produtivos Locais. In: Arlindo Philippi JR; Carlos Alberto Cioce Sampaio; Valdir Fernandes. (Org.). Gestão de Natureza Pública e Sustentabilidade. 1ed. Barueri- SP: Manole, 2012, v. 1, p. 795-813.
- CORIO-  
LANO, L. N. M. T. Comunidade, Conhecimento e Aprendizado a partir de Arranjos Produtivos Locais. In: Arlindo Philippi JR; Carlos Alberto Cioce Sampaio; Valdir Fernandes. (Org.). Gestão de Natureza Pública e Sustentabilidade. 1ed. Barueri- SP: Manole, 2012, v. 1, p. 795-813.
- CORIO-  
LANO, L. N. M. T. O Ecoturismo e a Contribuição ao Turismo de Comunidades no Ceará. In: Silvana Pirillo Ramos. (Org.). PLANEJAMENTO DE ROTEIROS TURÍSTICOS. 1ed. Fortaleza: Asterisco, 2012, v. 1, p. 147-16.

**Marcos Jose Nogueira de Souza**

ARTIGOS PUBLICADOS EM PERIODICOS

SOUZA, M. J. N.; OLIVEIRA, Vladia Pinto Vidal de. Análise Ambiental - Uma Prática da Interdisciplinaridade no ensino e na Pesquisa. Rede: Revista Eletronica do Prodepa, v. 7, p. 42-59, 2011.

NASCIMENTO, Flávio Rodrigues Do; SOUZA, M. J. N. ; CRUZ, Maria Lucia Brito da . DIAGNÓSTICO SOCIOECONOMICO DA ÁREA DE PROTECAO AMBIENTAL DA SERRA DE BATURITÉ CEARÁ. Ra'e ga (UFPR), v. 20, p. 19-33, 2010.

### **Maria Lúcia Brito da Cruz**

#### ARTIGO PUBLICADO EM PERIODICO

Albuquerque, E. L.Silva; MEDEIROS, C. N.; Gomes, Daniel Dantas Moreira; CRUZ, M. L. B. . SIG-WEB CEARÁ EM MAPAS INTERATIVO, NOVAS FERRAMENTAS NA CARTOGRAFIA ESCOLAR. Mercator (UFC), v. V, p. 253-269-269, 2012.

Nascimento, F. R. do ; SOUZA, M. J. N. ; CRUZ, M. L. B. . DIAGNÓSTICO SOCIOECONOMICO DA ÁREA DE PROTECAO AMBIENTAL DA SERRA DE BATURITÉ CEARÁ. Ra'e ga (UFPR), v. 20, p. 19-33, 2010.

#### LIVROS PUBLICADOS

MEDEIROS, C. N. de (Org.); Gomes, Daniel Dantas Moreira (Org.); Albuquerque, E. L.Silva (Org.); CRUZ, M. L. B. (Org.). Os Recursos Hídricos do Ceará: Integraao, Gestão e Potencialidades. 1. ed. Fortaleza: IPECE, 2011. v. 1000. 268p.

#### CAPITULO DE LIVRO

CRUZ, M. L. B.; Mota-Filho, F. O. ; Pereira, Eugenia C . Land Use Conflicts In The Sub-Basin Of The Cangati River, Ceará. In: Carolina Biblio, Oliver Hensel e Jeferson Francisco. (Org.). Sustainable water management in the tropics and subtropics - and case studies in Brazil. 1ed.Unipampa/Unikassel: Unikassel/PGcult-UFMA, 2011, v. 4, p. 1-14.

SOUZA, M. J. N. ; MENELEU NETO, José; CRUZ, M. L. B. ; OLIVEIRA, Vladia Vidal Pinto de . Prognóstico da Gestão Ambiental da Área de Influência Direta do Açu de Castanhão. In: MEDEIROS, Cleyber Nascimento de; GOMES, D. D. M.;ALBUQUERQUE, E. L. S.; CRUZ, Maria Lúcia Brito da. (Org.). OS RECURSOS HÍDRICOS DO CEARÁ: INTEGRAAO, GESTÃO E POTENCIALIDADES. 1ed. Fortaleza: IPECE, 2011, v. 1000, p. 11-37.

OLIVEIRA; BASTOS, Frederico de Holanda; CRUZ, M. L. B. Análise do Sítio Urbano e subsídios ao planejamento de uso do solo de Pacoti CE. In: Silva, Juliana Maria; Silva, Edson Vicente da;Silva, Edson Vicente da;Rodriguez, José Manuel Mateo. (Org.). Gestão dos recursos hídricos e planejamento ambiental. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010, v., p. -.

Castro, T. R. de ; SOUZA, M. J. N.; CRUZ, M. L. B. Compartimentaao Geoambiental da sub-bacia do alto curso do rio Acaraú CE. In: Silva, Juliana Maria Oliveira; Silva, Edson Vicente da; Seabra,Giovanni;Rodriguez, José Manuel Mateo. (Org.). Gestão dos Recursos Hídricos e Planejamento Ambiental. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

### **Otavio Jose Lemos Costa**

#### ARTIGO PUBLICADO EM PERIODICO

COSTA, Otavio Jose Lemos. Religião e Paisagem: A Sacralidade da Natureza no Sertão Central do Cera. Espaço e Cultura (UERJ), v. 28, p. 45-53, 2011.



## CAPITULO DE LIVRO PUBLICADO

COSTA, Otavio Jose Lemos. A Escola Normal Senhor do Bonfim: Uma Forma Simbólica Espacial na Paisagem Urbana de Icó. In: VASCONCELOS, J. G.; JUNIOR VASCONCELOS, R. E. P.; ARAUJO, J.E. C.. (Org.). Tempo, Espaço e Memória da educação. Fortaleza: Editora UFC, 2010, v., p. 508-522.

COSTA, Otavio Jose Lemos. Hierópolis: o significado dos lugares sagrados no sertão cearense. In: Zeny Rosendahl. (Org.). TRILHAS DO SAGRADO. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, v. 18, p. 35-60.

### **Paulo Roberto S. Pessoa**

## TRABALHO PUBLICADO EM ANAIS DE CONGRESSO

PESSOA, P. R. S. Eficiência e aplicabilidade dos modelos de avaliação de impacto ambiental (AIA) aplicados aos ambientes costeiros: o caso do município de Acaraú-CE. In: IX Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia, 2011, Goiania-GO. Eficiência e aplicabilidade dos modelos de avaliação de impacto ambiental (AIA) aplicados aos ambientes costeiros: o caso do município de Acaraú-CE, 2011. v. 1. p. 1-5.

### **Raimundo Elmo de P. Vasconcelos Jr.**

## LIVROS PUBLICADOS

VASCONCELOS, J. G. (Org.); SANTANA, J. R. (Org.); FIALHO, L. M. F. (Org.) VASCONCELOS JÚNIOR (Org.) ; RODRIGUES, R. M. (Org.) ; ANDRADE, F. A. (Org.) . HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: REAL E VIRTUAL EM DEBATE. 1ª. ed. FORTALEZA: COLEÇÃO DIÁLOGOS INTEMPESTIVOS - EDIÇÕES UFC, 2012. v. 1. 524p.

MACHADO, C. J. S.; VASCONCELOS JÚNIOR ; VASCONCELOS, J. G. O BARÃO E O PRISIONEIRO - BIOGRAFIA E HISTÓRIA DE VIDA EM DEBATE. FORTALEZA: EDIÇÕES UFC, 2011. v. 1. 1p.

OLIVEIRA, S. B. (Org.); VASCONCELOS JÚNIOR (Org.) ; VASCONCELOS, J. G. (Org.); SILVA, M. I. A. (Org.). ESPAÇOS E TEMPOS DE APRENDIZAGENS - Geografia e Educação na Cultura. 370. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2011. v. 01. 161p.

VASCONCELOS JÚNIOR (Org.); VASCONCELOS, J. G. (Org.); SANTANA, J. R. (Org.) ; HAIASHIDA, K. A. (Org.); FIALHO, L. M. F. (Org.); RODRIGUES, R. M. (Org.) ; ANDRADE, F. A. (Org.) . CULTURA, EDUCAÇÃO, ESPAÇO E TEMPO. 1ª. ed. FORTALEZA: COLEÇÃO DIÁLOGOS INTEMPESTIVOS - EDIÇÕES UFC, 2011. v. 1. 753p .

VASCONCELOS, J. G. (Org.); VASCONCELOS JÚNIOR (Org.); ARAUJO, J. E. C. (Org.); QUEIROZ, Z. F. (Org.); PEREIRA, I. H. (Org.); SANTANA, J. R. (Org.). TEMPO, ESPAÇO E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO. 1ª. ed. FORTALEZA: COLEÇÃO DIÁLOGOS INTEMPESTIVOS - EDIÇÕES UFC, 2010. v. 1. 718p.

## CAPITULOS DE LIVROS PUBLICADOS

VASCONCELOS JÚNIOR; MENDES, E. G. INTELECTUAIS DA EDUCAÇÃO NO INSTITUTO DO CEARÁ: A GEOGRAFIA EM DESTAQUE. In: JOSÉ GERARDO VASCONCELOS; JOSÉ ROGÉRIO SANTANA; LIA MACHADO FIUZA FIALHO; RAIMUNDO ELMO DE PAULA VASCONCELOS JÚNIOR; RUI MARTINHO RODRIGUES. FRANCISCO ARI DE AN-

DRADE FILHO. (Org.). HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: REAL E VIRTUAL EM DEBATE. 1ªed. Fortaleza: COLEÇÃO DIÁLOGOS INTEMPESTIVOS - EDIÇÕES UFC, 2012, v. 1, p. 143-158.

VASCONCELOS JÚNIOR. EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS NO CEARÁ: UMA ABORDAGEM GEOGRÁFICA - 9788572824538. In: RAIMUNDO ELMO DE PAULA VASCONCELOS JÚNIOR; JOSÉ GERARDO VASCONCELOS; JOSÉ ROGÉRIO SANTANA; KEILA ANDRADE HAIASHIDA; LIA MACHADO FIUZA FIALHO; RUI MARTINHO RODRIGUES; FRANCISCO ARI ANDRADE. (Org.). CULTURA, EDUCAÇÃO, ESPAÇO E TEMPO. FORTALEZA: EDIÇÕES UFC, 2011, v. 1, p. 147-162.

A NDRADE FILHO, J. B.; VASCONCELOS JÚNIOR. SEMINÁRIO DA PRAINHA: UM PROJETO DE EDUCAÇÃO COMPREENDIDO ENTRE REAÇÃO E PROGRESSO - 9788572824668. In: JOSÉ ROGÉRIO SANTANA; JOSÉ GERARDO VASCONCELOS; GABRIELLE BESSA PEREIRA MAIA; LIA MACHADO FIUZA FIALHO; JEIMES MAZZA CORREIA LIMA. (Org.). MUITAS HISTÓRIAS, MUITOS OLHARES - Relatos de Pesquisas na História da Educação. FORTALEZA: EDIÇÕES UFC - COLEÇÃO DIÁLOGOS INTEMPESTIVOS - Nº108, 2011, v. 1, p. 110-122.

THURY, I. M. C.; VASCONCELOS JÚNIOR. ENSINO AGRÍCOLA: UM ESTUDO DA GÊNESE E DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ANTIGO PATRONATO AGRÍCOLA MANOEL BARATA - PARÁ - 9788572824668. In: JOSÉ ROGÉRIO SANTANA; JOSÉ GERARDO VASCONCELOS; GABRIELLE BESSA PEREIRA MAIA; LIA MACHADO FIUZA FIALHO; JEIMES MAZZA CORREIA LIMA. (Org.). MUITAS HISTÓRIAS, MUITOS OLHARES - Relatos de Pesquisas na História da Educação. 259 ed. FORTALEZA: EDIÇÕES UFC - COLEÇÃO DIÁLOGOS INTEMPESTIVOS - Nº108, 2011, v. 1, p. -245.

MENDES, E. G.; VASCONCELOS JÚNIOR. OS NATURALISTAS E A FORMAÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO NO CEARÁ: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E OFÍCIO - 9788572824668. In: JOSÉ ROGÉRIO SANTANA; JOSÉ GERARDO VASCONCELOS; GABRIELLE BESSA PEREIRA MAIA; LIA MACHADO FIUZA FIALHO; JEIMES MAZZA CORREIA LIMA. (Org.). MUITAS HISTÓRIAS, MUITOS OLHARES - Relatos de Pesquisas na História da Educação. FORTALEZA: EDIÇÕES UFC - COLEÇÃO DIÁLOGOS INTEMPESTIVOS - Nº108, 2011, v. 1, p. 303-316.

### **Zenilde Baima Amora**

#### ARTIGO PUBLICADO EM PERIODICO

HOLANDA, V. C. C.; AMORA, Z. B. Cidades médias do Ceará, Estado do Nordeste do Brasil, e suas dinâmicas contemporâneas. Revista Geográfica de América Central, v. 2, p. 1-13, 2011.

#### LIVROS PUBLICADOS

HOLANDA, V. C. C. (Org.); AMORA, Z. B. (Org.). Leituras e Saberes Sobre o Urbano: Cidades do Ceará e Mossoró no Rio Grande do Norte. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010. 246p.

#### CAPITULO DE LIVRO PUBLICADO

AMORA, Z. B. Cidades médias: considerações sobre a discussão conceitual. In: Nilson Almino de Freitas; Martha Maria Júnior; Virgínia Célia Cavalcante de Holanda. (Org.). Múltiplos olhares sobre a cidade e o urbano: Sobral e Região em Foco. Sobral: EDUECE, 2010, v., p. 273-288.

LIMA, A. de M.; AMORA, Z. B. O algodão e seu papel na produção do espaço: o caso de Iguatu-CE. In: Virgínia Célia Cavalcante de Holanda; Zenilde Baima Amora. (Org.). Leituras e Saberes Sobre o Urbano: Cidades do Ceará e Mossoró no Rio Grande do Norte. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010, v., p. 221-242.

AMORA, Z. B.; LIMA, A. de M. O ALGODÃO E SEU PAPEL NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO: O CASO DE IGUATU CE. In: Virgínia Célia Cavalcante de Holanda e Zenilde Baima Amora. (Org.). Leituras e Saberes Sobre o Urbano: Cidades do Ceará e Mossoró no Rio Grande do Norte. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010, v. 1.

### **3.7. Planejamento da monitoria, iniciação científica e outras formas de apoio ao aluno**

As atividades de monitoria e de iniciação científica ainda não estão consolidadas no Curso de Licenciatura em Geografia na modalidade a distância, tendo em vista que os Conselhos Superiores da Universidade ainda não regulamentaram o assunto.

Importante destacar também que as agências de fomento a pesquisa científica e a extensão universitária ainda não estabeleceram critérios para concessão de bolsas e apoio financeiro a projetos gestados por cursos oferecidos na modalidade a distância.

### **3.8. Plano de Estágio Curricular Obrigatório**

A criação da Universidade Aberta do Brasil (UAB) situa-se entre as ações do MEC que buscam a melhoria da qualidade da educação, como explicitado no *site*

ao plantar a semente da universidade pública de qualidade em locais distantes e isolados, incentiva o desenvolvimento de municípios com baixos IDH e IDEB. Desse modo, funciona como um eficaz instrumento para a universalização do acesso ao ensino superior e para a requalificação do professor em outras disciplinas, fortalecendo a escola no interior do Brasil, minimizando a concentração de oferta de cursos de graduação nos grandes centros urbanos e evitando o fluxo migratório para as grandes cidades (Disponível em [http://www.uab.capes.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6&Itemid=18](http://www.uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6&Itemid=18)).

Os cursos oferecidos pela UAB ao priorizarem os professores das redes públicas de educação básica procuram fortalecer os sistemas de ensino e qualificar os docentes para a atuação profissional bem sucedida, garantindo aos alunos o acesso, a permanência e o sucesso na sua vida escolar. O Relatório Mc Kinsey (2007) revela que os países com melhor desempenho escolar apresentam três características em comum:

1. Selecionam as pessoas certas para se tornarem professores.
2. Têm êxito na formação de professores eficazes.
3. Asseguram que o sistema é capaz de oferecer o melhor ensino possível a todas as crianças (MC KINSEY & COMPANY, 2007, p. 5).

Neste sentido, a articulação, integração e fortalecimento de parcerias com os sistemas públicos estaduais e municipais se colocam como pressupostos fundamentais para que os cursos da UAB logrem êxito na sua realização e consigam realizar retroalimentação positiva nos sistemas escolares de forma direta e imediata.

As atividades de Estágio Supervisionado se colocam como momento propício para a realização da integração dos cursos UAB com as escolas e para tanto, torna-se necessário o fortalecimento da articulação com os sistemas públicos – estadual e municipal. O desenvolvimento do projeto para o Estágio Supervisionado se baseia nos seguintes princípios:

- O processo formativo do professor se compõe não só do exercício da docência, mas de aprendizagens sobre o funcionamento do equipamento escolar nas diversas dimensões da gestão.
- A gestão da sala de aula demanda um conjunto de informações que encontram suporte nas avaliações externas de larga escala aplicadas pelos governos federal, estaduais e municipais, caso da Prova Brasil, SPAECE e IDEB e sistemas de avaliação municipais.
- A formação do professor reflexivo exige envolvimento e participação na gestão da escola.
- O professor precisa conhecer e saber trabalhar com indicadores educacionais e ser capaz de identificar elementos provenientes de dados quantitativos e qualitativos que possam orientar a sua prática pedagógica.

Assim a proposta da UAB/UECEC para as disciplinas de Estágio Supervisionado consiste de:

1. Formalizar uma ação colaborativa entre as turmas e os cursos oferecidos num determinado polo e municípios participantes com as escolas municipais e estaduais selecionadas mediante critérios estabelecidos.
2. Realizar um estudo minucioso no âmbito da gestão escolar e dos indicadores educacionais de cada uma das unidades escolares participantes. O estudo consiste de uma pesquisa de campo orientada para o caso da gestão escolar, e na análise dos indicadores escolares disponíveis nas Bases de Dados do INEP, caso do DATAESCOLA, Prova Brasil, IDEB e outros.
3. Produção de um Relatório Escolar para estudo e definição de estratégias de intervenção pedagógica relativas a cada curso, área de atuação e etapa de escolaridade. A ação dos estagiários se dará nas séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.
4. A construção de um Portfólio por parte de cada aluno contendo a análise de situação da escola, turma e disciplina de atuação e as conclusões e medidas definidas para o pro-

cesso de intervenção. Neste documento também será registrado as atividades de estágio desenvolvidas e os resultados obtidos.

Para as licenciaturas oferecidas pela UAB/UECE, o Estágio Curricular Supervisionado é desenvolvido a partir da segunda metade do Curso, em três disciplinas, sendo duas de 102 horas e uma de 204 horas cada, efetivando um total de 408 horas, consistindo de:

- Estágio relativo à atuação nas séries finais do Ensino Fundamental.
- Estágios relativos à atuação no Ensino Médio

A realização do Estágio Supervisionado dar-se-á nas unidades escolares dos sistemas de Educação Básica, com prioridade para os sistemas públicos de ensino – estadual e municipal. Tal necessidade pressupõe uma articulação consistente da Universidade Estadual do Ceará com a Secretaria da Educação do Estado (SEDUC) e com as Secretarias Municipais de Educação (SME), com vistas a definir critérios, regras e procedimentos normativos para formalização do Estágio Curricular Supervisionado.

A supervisão nos Estágios das Licenciaturas abrange as diversas atividades próprias da escola incluindo:

- O exercício da docência em sala de aula considerando todos os aspectos da prática docente como atitudes, postura, pontualidade, assiduidade, planejamento e desenvolvimento do plano de aula, linguagem fluente e compreensiva, nível de conhecimento da matéria a ser trabalhada, recursos didáticos adotados, atenção despertada nos alunos, controle emocional e do tempo de exposição, mecanismos de avaliação de aprendizagem, métodos e técnicas de ensino, etc.
- Participação nos eventos da escola.
- Atividades de administração escolar, direção e secretaria.
- Atividades dos serviços de apoio: coordenação pedagógica, coordenação psicopedagógica, serviços de orientação pedagógica, etc.
- Órgãos de apoio ao ensino: biblioteca, laboratórios, centros de multimeios, atividades de reforço escolar, atividades complementares no contraturno.
- Atividades de relacionamento escola/família/comunidade.

### **3.8.1. O Estágio Curricular no curso de Geografia**

O presente Curso de Licenciatura Plena em Geografia na modalidade a distância estabelece que o acompanhamento do estágio supervisionado será realizado de forma similar as regras da modalidade de ensino presencial, definidas na CNE/CP 28/2001. No caso do curso oferecido na modalidade EAD, as atividades de Estágio Supervisionado se revestem de grande importância, não só pelo momento de efetivação da integração teoria-prática e do aprofundamento da relação ação-reflexão-ação, mas pelas estratégias de acompanhamento, onde a presencialidade se coloca como aspecto preponderante. A realização dos Estágio

Supervisionado dar-se-á nas unidades escolares dos sistemas de Educação Básica, com prioridade para os sistemas públicos de ensino – estadual e municipal. Tal necessidade pressupõe uma articulação consistente da Universidade com a Secretaria da Educação Básica do Estado e com as Secretarias Municipais de Educação, com vistas a definir critérios, regras e procedimentos normativos para formalização do Estágio Supervisionado. A UECE já vem implementando experiências dessa natureza, e esta em andamento a formalização de convênio interinstitucional com a SEDUC para este fim.

### **3.9. Atividades Curriculares Complementares (ACC)**

Nos atuais currículos dos cursos de graduação, além das atividades específicas da área de formação da licenciatura, para a qual deve ser destinado, no mínimo, 1800 horas de aulas para os conteúdos curriculares de natureza científico-cultural, o projeto pedagógico deverá apresentar, pelo menos, 200 horas para outras atividades acadêmico-científico-culturais, com vistas ao enriquecimento do processo formativo do professor como um todo, como reforça as diretrizes do Parecer N° 9/2001.

Como sugestões para esta carga horária, o próprio parecer indica “Seminários, apresentações, exposições, participação em eventos científicos, estudos de caso, visitas, ações de caráter científico, técnico, cultural e comunitário, produções coletivas, monitorias, resolução de situações-problema, projetos de ensino, estágio não obrigatório; ensino dirigido, aprendizado de novas tecnologias de comunicação e ensino, relatórios de pesquisas são modalidades, entre outras atividades, deste processo formativo”. Vale salientar que tais atividades devem acontecer durante o tempo de duração do curso e “contar com orientação docente”.

A legislação delega a cada instituição, consideradas suas peculiaridades, “enriquecer a carga horária por meio da ampliação das dimensões dos componentes curriculares constantes da formação docente”. Por outro lado, o mesmo parecer alerta para que “a diversidade curricular associada a uma pluralidade temporal na duração deixadas a si, mais do que dificultar o trânsito de estudantes transferidos, gerará um verdadeiro mosaico institucional fragmentado oposto à organização de uma educação nacional”, portanto, a IES deve estar atenta a “uma base material para a integração mínima de estudos exigíveis inclusive para corresponder ao princípio da *formação básica comum* do Art. 210 da Constituição Federal”.

O currículo contempla 204 horas de atividades complementares (ou 17 créditos acadêmicos), para efeito de integralização curricular, como instrumento da interdisciplinaridade e incentivo ao desenvolvimento de novas aprendizagens na área do ensino de Geografia. Essas atividades são definidas como componentes curriculares que visam a contribuir para a formação mais completa do aluno, favorecendo a ampliação de seu universo cultural por meio da pluralidade de espaços de formação educacional e da flexibilização curricular.

As atividades complementares seguirão a Resolução N° 3142/CEPE, de 05/10/2009, que estabelece critérios e normas para institucionalização das atividades complementares como componente curricular dos cursos de graduação. Contarão carga horária para as atividades complementares, todas as atividades descritas no anexo I da referida Resolução N° 3142, acrescentando-se a participação de atividades complementares realizadas igualmente na modalidade a distância.

### **3.10. Plano de Avaliação do curso**

No caso dos cursos oferecidos na modalidade a distancia na UAB/UECE, foi concebido e estruturado um projeto de avaliação institucional e de aprendizagem que esta devidamente detalhado no tópico 7 da parte 1.

### **3.11. Projetos de Extensão**

A criação e implementação do Curso de Licenciatura em Geografia na modalidade a Distância poderão dar origem a inúmeros projetos de extensão universitária. Desde a criação nas escolas em que os discente atuam; de Laboratórios de Geografia; até a construção pelos próprios discentes de materiais didáticos complementares aos livros textos adotados o que pode melhorar, de forma bastante acentuada, o ensino de Geografia no estado.

## 4. Corpo Funcional

---

### 4.1. Corpo Docente

O papel do docente deverá se fundamentar por princípios da ética democrática: dignidade humana, justiça, respeito mútuo, participação, responsabilidade, diálogo e solidariedade, na sua atuação como profissionais e como cidadãos. A prática educativa deverá levar em conta as características do meio social, os temas e necessidades do mundo contemporâneo e os seus princípios, prioridade e objetivos do projeto educativo e curricular. No processo educativo, além da formação relacionada ao conhecimento específico, cabe ao docente conduzir os estudantes para uma reflexão crítica e um debate amplo envolvendo as questões naturais, ambientais, econômicas, culturais, políticas e sociais do mundo contemporâneo.

O corpo docente do curso é formado por um total de 25 (Vinte e cinco) professores do quadro efetivo da UECE lotados no Centro de Ciências e Tecnologias – CCT, nos cursos de Licenciatura em Geografia e de Bacharelado em Geografia, conforme o quadro a seguir.

**Quadro 5 - Apresentação do Corpo Docente**

NOME	TITULACAO	CATEGORIA	REG. TRABALHO
Antonio de Oliveira Gomes Neto	Doutor (UNESP)	Efetivo	DE
Antonio Cruz Vasques	Doutor (UNICAMP)	Efetivo	20 h
Claudia Maria Magalhães Grangeiro	Doutora (UECE)	Efetiva	DE
Denise Cristina Bomtempo	Doutora (UNESP)	Efetiva	DE
Denise de Souza Elias	Doutora (USP)	Aposentada	DE
Edílson Alves Pereira Junior	Doutor (UNESP)	Efetivo	DE
Elton Castelo Benevides	Mestre (UECE)	Efetivo	DE
Fabio Perdigão Vasconcelos	Pós-Doutor (Univ. Nantes)	Efetivo	DE
Francisco Eudório Fernandes	Mestrando	Efetivo	DE
Francisco Tarcisio P. Holanda	Mestre (UFC)	Efetivo	DE
Frederico de Holanda Bastos	Doutor (UFC)	Efetivo	DE
Jader Onofre de Moraes	PhD (Univ. de Londres)	Efetivo	DE
João de Leonor S. Cavalcante	Especialista	Efetivo	40 h
João Silvio Dantas de Moraes	Mestre (UECE)	Efetivo	DE
José Meneleu Neto	Doutor (UFC)	Efetivo	DE
Luiz Cruz Lima	Doutor (USP)	Profr emérito	DE
Luzia Neide M.T. Coriolano	Doutora (UFS)	Efetiva	DE
Marcos Jose Nogueira de Souza	Doutor (USP)	Efetivo	DE
Maria Lúcia Brito da Cruz	Doutora (UFPE)	Efetiva	DE
Otavio Jose Lemos Costa	Doutor (UFRJ)	Efetivo	DE



<b>NOME</b>	<b>TITULACAO</b>	<b>CATEGORIA</b>	<b>REG. TRABA- LHO</b>
Paulo Roberto S. Pessoa	Doutorando (UECE)	Efetivo	DE
Raimundo Elmo de P. Vasconcelos Jr.	Doutor (UFC)	Efetivo	DE
Raimundo Santiago dos Santos	Mestre (UECE)	Efetivo	DE
Rejanny Mesquita m. Rocha	Especialista	Efetiva	DE
Zenilde Baima Amora	Dra (Univ. de Toulouse)	Efetiva	DE

OBS: Poderão contribuir de modo temporário 10 (dez) Professores substitutos que complementam o quadro de docentes dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Geografia.

#### **4.2 Coordenação**

O Coordenador do será indicado por meio de portaria pelo diretor do Centro de Ciências e Tecnologia – CCT a partir de uma lista tríplice indicada e aprovada em reunião do colegiado do Curso presencial.

A Universidade Aberta do Brasil (UAB) na UECE funcionará com uma equipe central localizada na Secretaria de Educação a Distancia (SEAD), que será composta dos seguintes membros:

- Coordenadora do Curso: Denise Cristina Bomtempo
- Coordenador de Tutoria: Edilson Alves Pereira Júnior

#### **4.3. Pessoal Técnico Administrativo**

O pessoal técnico administrativo é composto de técnicos de nível médio, atuando como secretário e dando apoio administrativo; a parte do controle acadêmico é feita pela PROGRAD.

#### **4.4. Colegiado do curso**

O colegiado do Curso de Licenciatura em Geografia na modalidade a distância é o mesmo colegiado do Curso de Geografia na modalidade presencial que é composto por todos os professores citados no quadro do item 4.1.

## **5. Estrutura Física e Equipamentos**

---

### **5.1. Biblioteca**

A Biblioteca do Central da UECE dispôs de todo acervo listado em volume anexo a esse documento. Além disso, está previsto a compra de uma bibliografia básica que deverá permanecer nos polos para consulta dos alunos do Curso.

### **5.2. Recursos de apoio didático**

Como recursos de apoio didático, o curso conta com notebook, impressora, data-show, laboratório de informática nos polos, além de toda a estrutura da SEaD.

### **5.3. Infraestrutura existente para oferta dos cursos**

A Universidade Aberta do Brasil (UAB) na UECE funcionará com uma equipe central localizada na Secretaria de Educação a Distância (SEAD).

No que diz respeito à infraestrutura, a SEAD da UECE contará com espaço físico disponível, com climatização, rede lógica e conexão com internet, para abrigar:

- Sala de Coordenação (Gestão, Pedagógico e AVA)
- Sala para Coordenadores de Cursos
- Sala para Professores Pesquisadores
- Sala para Secretaria da UAB e Cursos
- Sala de Videoconferência para 50 pessoas
- Laboratório de Informática
- Sala de Reuniões
- Almoxarifado, arquivo, depósito, etc.

Com relação à infraestrutura dos polos temos laboratório didático de computação, sala de recurso pedagógico, sala e equipamento de secretaria e biblioteca, além das salas de aula.

## **Anexos**

1. Regulamento das Atividades Complementares como Componentes Curriculares da UECE
2. Regulamento de Estágio Supervisionado



**Governo do Estado do Ceará**  
**Secretaria da Ciência Tecnologia e Educação Superior**  
**Universidade Estadual do Ceará – UECE**  
**Secretaria dos Órgãos de Deliberação Coletiva - SODC**



**RESOLUÇÃO Nº 3241 / CEPE, de 05 de outubro de 2009.**

Estabelece critérios e normas para institucionalização das Atividades Complementares como componente curricular dos Cursos de Graduação.

**O REITOR DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**, no uso de suas atribuições legais, estatutárias e regimentais, considerando as disposições contidas nas Resoluções CNE/CP Nº 2, de 19/02/2002; CNE/CP Nº 1, de 15/05/2006; CNE/CSE Nº 2, de 18/06/2007; CNE/CES Nº 4 de 06/04/2009; as Diretrizes Curriculares Nacionais dos diferentes cursos de graduação, os projetos pedagógicos dos Cursos de Graduação da nossa Universidade e tendo em vista o que deliberou o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPE, em sua reunião de 05 de outubro de 2009,

**RESOLVE:**

**Art. 1º** - As Atividades Complementares são componentes curriculares que visam a contribuir para uma formação mais completa do aluno, favorecendo a ampliação do seu universo cultural por meio da pluralidade de espaços de formação educacional do aluno e da flexibilização curricular dos cursos, os quais integram sua carga horária com tais atividades.

**Art. 2º** - As atividades complementares devem integrar o currículo de todos os Cursos de Graduação, Licenciatura e Bacharelado, em acordo com as Resoluções CNE/CP Nº 2, de 19/02/2002; CNE/CP Nº 1, de 15/05/2006; CNE/CSE Nº 2, de 18/06/2007; CNE/CES Nº 4 de 06/04/2009 e as Diretrizes Curriculares Nacionais dos diferentes cursos de graduação.

§ 1º Para efeito de integralização curricular dos cursos de **Licenciatura Plena**, cumpra-se o exposto na Resolução CNE/CP Nº 2/2002, que estabelece 200 (duzentas) horas para Atividades Acadêmicas Científico/Culturais.

§ 2º As Atividades Complementares para o curso de **Licenciatura em Pedagogia** seguem o que dispõe a Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006, que estabelece 100 (cem) horas para atividades teórico-práticas de aprofundamento, em áreas específicas de interesse dos alunos.

§ 3º Para efeito de integralização curricular dos cursos de Graduação Bacharelado, cumpra-se o exposto nas Resoluções CNE/CSE Nº 2, de 18/06/2007 e CNE/CES Nº 4 de 06/04/2009, que estabelecem que os estágios e atividades complementares deverão responder por até 20% (vinte por cento) da carga horária total do curso, salvo nos casos de determinações específicas contidas nas respectivas Diretrizes Curriculares, devendo a carga horária destinada a essas atividades ser explicitada no Projeto Pedagógico dos respectivos cursos.

**Art. 3º** - Serão consideradas Atividades Complementares, em princípio, toda e qualquer atividade extra sala de aula, que sejam de aprofundamento e/ou ampliação da formação profissional dos alunos de graduação que guardem correlação ou conexão com a área de conhecimento do curso do aluno, para serem aprovados o planejamento e a sua inclusão na integralização curricular, as Atividades Complementares deverão ter caráter de complementação da formação acadêmica e profissional do aluno, mantendo correlação aos objetivos do curso em que estão matriculado e aos conhecimentos e habilidades previstos nas Diretrizes Curriculares Nacionais de cada curso,

as quais contribuam para a eficiência do exercício profissional e concorram para uma convivência social ética e orientada para os interesses da comunidade.

**Art. 4º** - Compete aos alunos:

- a) Participar das Atividades Complementares como componente curricular dos cursos de graduação com aproveitamento, a fim de aperfeiçoar à sua formação acadêmica e compor a carga horária do curso de graduação para integralização curricular;
- b) Prevenir-se contra o não cumprimento da carga horária prevista para as atividades complementares, administrando e contabilizando as atividades realizadas ao longo do curso;
- c) Requerer em formulário específico e em período estabelecido no Calendário Acadêmico, o registro de suas atividades, anexando ao requerimento a documentação comprobatória da sua efetiva participação, expedida pelo Órgão, Entidade ou Instituição onde as realizou;
- d) Entrar com recurso de reanálise junto ao Colegiado do Curso, quando cabível, respeitando os prazos estipulados.

**Art. 5º** - Compete às Coordenações dos Cursos de Graduação:

- a) Promover e/ou estimular a realização das Atividades Complementares no curso, informando alunos e professores a realização das mesmas quando for de sua responsabilidade a organização;
- b) Estar ciente das regulamentações oficiais que regem o desenvolvimento das Atividades Complementares e promover ampla divulgação desta Resolução para os alunos e professores do curso;
- c) Orientar e esclarecer aos alunos sobre as Atividades Complementares a serem desenvolvidas conforme o Projeto Pedagógico de cada curso e suas especificidades;
- d) Analisar e deferir plenamente, com alterações ou indeferir as solicitações dos alunos da integralização dos créditos, preenchendo o mapa de registro das Atividades Complementares, checando a documentação comprobatória de realização dessas atividades, a quantidade de horas sua correspondência em créditos integrais para registro no histórico escolar do aluno;
- e) Encaminhar ao Núcleo de Estágio Curricular e Atividades Complementares da PROGRAD a quantidade de horas das Atividades Complementares e sua correspondência em créditos arredondada para análise final e implantação junto ao DEG (Departamento de Ensino de Graduação), em período estipulado no Calendário Acadêmico;
- f) Propor outras atividades para serem consideradas complementares, levando em conta as peculiaridades da área de conhecimento do respectivo curso, desde que haja correlação com um dos tipos relacionados no quadro em anexo e com a correspondente natureza.

**Art. 6º** - Compete aos Colegiados dos Cursos de Graduação:

- a) Analisar os recursos impetrados pelos alunos para revisão de validação dos créditos das atividades complementares;
- b) Fomentar, propiciar e contribuir para o desenvolvimento de atividades que permitam aos alunos contabilizar horas/créditos;
- c) Contribuir com críticas e sugestões no sentido do aprimoramento da sistemática estabelecida nesta Resolução;
- d) Deliberar sobre novos tipos de atividades complementares, propostos pela Coordenação do Curso, o que deverá ser homologado pelo Conselho de Centro e/ou Faculdade e incluído no Projeto Pedagógico do Curso;
- e) Analisar as Atividades Complementares omissas nesta Resolução, atribuindo horas exigidas para a validação.

**Art.7º** - Compete ao Núcleo de Estágio Curricular e Atividades Complementares, da Célula Técnico-Pedagógica da Pró-Reitoria de Graduação:

- a) Auxiliar as Coordenações de Curso no gerenciamento da análise do cômputo das Atividades Complementares, emitindo pareceres, quando solicitados;
- b) Contribuir com críticas e sugestões para a melhoria do que normatiza essa Resolução;
- c) Identificar novos tipos de Atividades Complementares e propor sua implantação;

- d) Buscar estabelecer parceiras com Empresas, Instituições, Organizações Governamentais e Não Governamentais, dentre outras entidades, a fim de possibilitar inserções dos alunos em atividades complementares diversas.

**Art. 8º** - O registro das Atividades Complementares deverá ser solicitado, preferencialmente, no semestre anterior à conclusão do curso ou imediatamente após a contabilização integral das horas necessárias, respeitando-se os prazos estabelecidos pelo Calendário Acadêmico.

**Art. 9º** - Para validação das Atividades Complementares, o aluno deverá entregar à Coordenação do Curso:

- I- Um formulário específico preenchido para o conjunto de atividade que pretende validar;
- II- Comprovantes originais e/ou cópias autenticadas da documentação: certificado, diploma, declarações e outros documentos que comprovem as atividades realizadas;
- III- Em qualquer comprovante de quaisquer das categorias de Atividades Complementares deverão constar informações necessárias para qualificá-las e permitir a avaliação de sua validação tais como: nome do aluno participante, data de realização do evento, carga horária, período, área e outros dados essenciais;
- IV- Em caso de dados incompletos na documentação comprobatória, apresentar uma justificativa, contendo uma descrição concisa e clara da atividade desenvolvida e a relevância de tal atividade para a sua formação profissional.

**Art. 10º** - Somente serão consideradas para o cômputo de horas/créditos de Atividades Complementares aquelas atividades realizadas pelo aluno enquanto regularmente matriculado no Curso de Graduação para o qual elas foram programadas.

**Parágrafo único** - Poderá ser aproveitada carga horária de Atividades Complementares cursadas por alunos oriundos de transferência de outras IES, mudança de curso ou admitidos como graduado, desde que sejam estreitamente relacionadas à área de formação do curso atual e, neste caso, os alunos deverão apresentar a documentação relativa às atividades realizadas ainda na condição de aluno matriculado na Instituição e/ou curso de origem, no primeiro semestre de matrícula, observando o período estabelecido no Calendário Acadêmico para aproveitamento de estudos.

**Art. 11º** - As Atividades Complementares poderão ser programadas para realização nas dependências da UECE ou em instituições públicas ou privadas, desde que proporcionem a complementação da formação do aluno e o alcance dos objetivos previstos no Art. 3º dessa Resolução.

**Art. 12º** - A Universidade proporcionará oportunidades aos alunos para que possam participar das Atividades Complementares oferecidas por suas Coordenações de Curso de Graduação.

**Art. 13º** - Os créditos/horas referentes às Atividades Complementares serão contabilizados exclusivamente para cumprimento da carga horária curricular reservada a estas atividades, não se admitindo que venham a substituir disciplinas obrigatórias ou optativas do curso de graduação em que estiver matriculado o aluno que as realizou.

**Art. 14º** - As Atividades Complementares podem ser realizadas em 6 (seis) grupos que correspondem à natureza das atividades, a saber, conforme o quadro constante no Anexo I, parte integrante desta Resolução.

- I- Acadêmico/Ensino;
- II- Acadêmico/Pesquisa e produção científica;
- III- Acadêmico/Geral;
- IV- Acadêmico/Extensão;
- V- Acadêmico/Esportivo;
- VI- Acadêmico/Cultural

**Parágrafo único** - A carga horária em horas/créditos total deverá abranger atividades constantes em, pelo menos, dois dos grupos descritos neste artigo.

**Art. 15º** - Os casos omissos nesta Resolução serão dirimidos pelo CEPE.

**Art.16º** - Esta Resolução entrará em vigor a partir da data de sua aprovação, revogadas a Resolução nº 2.754/CEPE, de 16 de novembro de 2004 e demais disposições em contrário.

**Reitoria da Universidade Estadual do Ceará**, Fortaleza, 05 de outubro de 2009.

Prof. Francisco de Assis Moura Araripe  
**Reitor**



**Governo do Estado do Ceará**  
**Secretaria da Ciência Tecnologia e Educação Superior**  
**Universidade Estadual do Ceará – UECE**  
**Secretaria dos Órgãos de Deliberação Coletiva - SODC**



**Anexo Único - Resolução nº 3241 /CEPE, de 05 de outubro de 2009.**  
**NATUREZA E TIPOS DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES**

<b>Natureza da atividade</b>	<b>Descrição da atividade</b>	<b>CHMx/ Atividade</b>	<b>CHMx/ Natureza</b>
Acadêmica de Ensino	Cursos de língua estrangeira – mínimo três semestres	Proporcional	60 h
	Curso de informática – mínimo 50 % da carga horária do curso	Proporcional	60 h
	Cursos de complementação de conteúdos das disciplinas do curso – mínimo 50 % da carga horária do curso	Proporcional	60 h
	Cursos de formação geral: política, sociedade, ética profissional – mínimo 50 % da carga horária do curso	Proporcional	60 h
Acadêmica de Pesquisa e Produção Científica	Iniciação Científica - PIBIC, IC-UECE, IC-FUNCAP, PROVIC	25h/semestre	100 h
	Pesquisa em projetos do curso, aprovados pelo CEPE	20h/semestre	80 h
	Participação em grupo de estudo aprovado pelo Colegiado do Curso acompanhado por professor	15h/semestre	60 h
	Apresentação de trabalhos na Semana Universitária, oral ou painel	8 h	48 h
	Apresentação de trabalhos em congressos, simpósios, encontros nacionais, oral ou painel	8 h	48 h
	Prêmio acadêmico, artístico ou cultural	15 h	60 h
	Trabalhos completos publicados em anais	20 h	80 h
	Publicação de livros de divulgação científica com ISBN	20 h	80 h
Publicação de capítulo de livros com ISBN	10 h	50 h	
Acadêmica Geral	Publicação de livros na área de conhecimento do Curso – autor único ou com até 3 (três) autores	15 h	60 h
	Publicação de Resumos em Congressos Científicos locais	2 h	20 h
	Publicação de Resumos em Congressos Científicos regionais	3 h	30 h
	Publicação de Resumos em Congressos Científicos nacionais	4 h	40 h
	Publicação de Resumos em Congressos Científicos internacionais	5 h	40 h
	Publicação de Artigos em revistas locais com corpo editorial	10 h	50 h
	Publicação de Artigos em revistas nacionais com corpo editorial	15 h	60 h
	Publicação de Artigos em revistas internacionais com corpo editorial	20 h	80 h
	Publicação de Artigos de divulgação científica, tecnológica e artística em revista especializada.	5 h	20 h
	Publicação de Artigos de divulgação científica, tecnológica e artística em jornais	5 h	20 h
Acadêmica Geral	Participação em Programa de Educação Tutorial – PET	25 h / semestre	100 h
	Participação em Programas de Monitoria Acadêmica – Iniciação à Docência	25 h/ semestre	100 h
	Participação em eventos: congressos, semanas, encontros, oficinas, palestras, conferências, mesas-redondas, seminários, simpósios, desde que observe o que preceitua o Art. 2º desta Resolução	2h	40 h
	Estágios em laboratórios de ensino e de pesquisa com duração mínima de 180 horas semestrais	15h/semestre	60 h
	Estágio Curricular não obrigatório com duração mínima de 180 horas semestrais	20h/semestre	60 h
	Participação em comissões organizadoras de eventos acadêmicos, artísticos e culturais com duração mínima de 20 horas	10 h	40 h
	Catologação de documentos em Instituições parceiras aprovadas pelo colegiado do curso	20 h	20 h



	Produção de material didático com orientação de Professores da UECE	8 h	40 h
	Participação como representante estudantil nos Colegiados das várias instâncias acadêmicas da UECE	15h/semestre	60 horas
Acadêmica de Extensão	Participação em Projetos ou Programas registrados na Pró-Reitoria de Extensão, coordenados por Professor, que visem benefícios à comunidade desde que observe o que preceitua o Art. 2º desta Resolução.	15h/semestre	100 h
	Participação em campanhas de saúde pública: vacinação, prevenção de epidemias	5 h	20 h
	Participação em campanhas e atividades de educação ambiental	5 h	20 h
	Organização e coordenação de grupos de incentivo à leitura na comunidade e em escolas públicas com duração mínima de 180 horas semestrais	20h/semestre	60 h
Acadêmica Esportiva	Participação como atleta em jogos universitários da UECE ou representando UECE	10h/semestre	50 h
	Treinador de equipes esportivas da comunidade ou da UECE – como atividade de extensão	15h/semestrais	60 h
Acadêmica Cultural	Produção de filmes, vídeos ou audiovisuais de informação científicos e culturais	5 h	20 h
	Direção de peça, vídeo e audiovisual de produção artística	5 h	20 h
	Mostras de artes plásticas	5 h	20 h
	Composição musical	5 h	20 h
	Participação em grupo artístico da UECE	3 h	15 h



**RESOLUÇÃO Nº 3451/2012 - CEPE, de 27 de abril de 2012.**

**BAIXA AS NORMAS ACADÊMICAS SOBRE O ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO E NÃO-OBRIGATÓRIO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ.**

O Reitor da Universidade Estadual do Ceará – UECE, no uso de suas atribuições legais e estatutárias, tendo em vista o que consta do Processo SPU Nº 11586728-7 e a deliberação da maioria dos membros do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão - CEPE, presentes à sessão realizada no dia 27 de abril de 2012, **considerando** o que dispõe o Conselho Nacional de Educação (CNE) sobre a matéria e o que regulamentam a Lei 9.394 de 20/12/96 e a Lei 11.788 de 25/09/08;

**RESOLVE:**

**CAPÍTULO I**  
**DO CONCEITO**

**Art. 1º** - Os estágios dos cursos de graduação da UECE constituem-se em atos educativos supervisionados que visam à preparação de educandos em ambiente real de trabalho, e como tal devem estar inseridos nos Projetos Pedagógicos de cada curso de graduação plena.

**CAPÍTULO II**  
**DOS OBJETIVOS**

**Art. 2º** - O estágio tem como objetivo geral proporcionar ao educando oportunidades para exercitar as atividades próprias de sua profissão, visando seu desenvolvimento para a vida cidadã e para o trabalho e a compreensão da realidade social de forma crítica.

**Art. 3º** - São objetivos específicos dos estágios:

- a) Proporcionar ao estagiário, condições para identificar a realidade sócio-econômica, política e cultural da sociedade na qual está inserido, da região e do contexto local em que se desenvolve sua atuação profissional;
- b) Capacitar o estagiário a aplicar rigorosa e criticamente os conhecimentos adquiridos no curso, articulando teoria e prática para a tomada de decisões e para o desenvolvimento de competências e habilidades próprias de sua atividade profissional;

- c) Constituir-se como um elemento potencializador da relação universidade e sociedade, contribuindo na identificação de respostas às demandas e desafios contemporâneos do mercado de trabalho.
- d) Aperfeiçoar a formação acadêmica por um conjunto de atividades de aprendizagem profissional, proporcionadas em situações reais de trabalho, conforme descrito no projeto pedagógico de cada curso;
- e) Estimular o estagiário a desenvolver os valores éticos e sociais e a percepção humanística da realidade brasileira, no seu campo de trabalho e áreas afins garantindo a indissociabilidade entre as dimensões teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa;
- f) Proporcionar ao estagiário as habilidades e competências profissionais que priorizem a integração dos conhecimentos teóricos, técnicos, culturais e humanísticos, fomentando o conhecimento acerca da realidade que lhes possibilitem contribuir para o desenvolvimento nacional e regional.

### **CAPÍTULO III DAS MODALIDADES**

**Art. 4º** - Os estágios poderão ser realizados em duas modalidades - obrigatório e não-obrigatório, conforme a Lei Nacional de Estágio, Lei nº 11.788 de 25 de Setembro de 2008, para as quais devem constar orientações específicas de realização e de validade nos Projetos Pedagógicos de cada curso;

§ 1º - O estágio obrigatório é aquele definido como atividade curricular obrigatória, pré-requisito para conclusão do curso e obtenção do respectivo diploma.

§ 2º - O estágio não-obrigatório é aquele definido como uma atividade opcional, a qual poderá ser aproveitada como atividade complementar.

§ 3º - As atividades de extensão, de monitorias e de iniciação científica desenvolvidas pelo estagiário, somente poderão ser equiparadas ao estágio não-obrigatório em caso de previsão no projeto pedagógico do curso.

§ 4º - Quaisquer das modalidades de estágio só poderão ser realizadas por alunos regularmente matriculados, que estejam frequentando um curso de graduação na UECE.

### **CAPÍTULO IV DA GESTÃO ADMINISTRATIVA E PEDAGÓGICA**

**Art. 5º** - A definição das políticas de estágios será realizada pelas Pró-Reitorias de Graduação – PROGRAD e Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), com a assessoria da Comissão Permanente de Estágio - COPEC, com vistas a orientar os cursos de graduação em matéria de estágio e fomentar discussões coletivas que visem ao aprimoramento do desenvolvimento desta atividade como importante componente curricular das propostas de formação profissional dos cursos;

**Art. 6º - Compete à PROGRAD:**

- a) Orientar os cursos de graduação em matéria de estágio e fomentar discussões coletivas que visem o aprimoramento do desenvolvimento do estágio como importante componente curricular das propostas de formação profissional dos cursos;
- b) Coordenar, em comum acordo com a PROEX, atividades relativas a modificações legais que subsidiem a prática do estágio curricular encaminhando formalmente tais modificações aos órgãos colegiados competentes;
- c) Manter cadastro atualizado dos alunos vinculados ao estágio obrigatório e informar à Pró-Reitoria de Administração da UECE, a cada semestre, os nomes e dados destes alunos para que seja providenciado o seguro obrigatório dos mesmos;

**Art. 7º - Compete a Pró-Reitoria de Extensão - PROEX:**

- a) Coordenar, em comum acordo com a PROGRAD, atividades relativas a modificações legais que subsidiem a prática dos estágios, encaminhando formalmente tais modificações aos órgãos colegiados competentes;
- b) Mediar a celebração de convênios entre as instituições concedentes de estágio e a Reitoria, além de manter cadastro atualizado de instituições e alunos no que se refere ao estágio não-obrigatório;
- c) Fazer interface com os agentes de integração, estabelecendo parcerias e convênios para credenciamento de novos campos de estágio não-obrigatório;
- d) Manter uma constante aproximação e articulação com os agentes de integração e empresas convenientes, estimulando discussões que contribuam para o aprimoramento das práticas e o crescimento pessoal e profissional dos alunos.
- e) Comunicar semestralmente aos coordenadores de curso as informações cadastrais das instituições conveniadas para estágio não-obrigatório, como também dos estagiários.
- f) Realizar a supervisão técnica e jurídica dos Termos de Compromisso de estágio não-obrigatório, efetivando a sua assinatura.
- g) Desenvolver ações articuladas com a PROGRAD em matéria de estágio;

**Art. 8º - Compete a Comissão Permanente de Estágio Curricular - COPEC:**

- a) Assessorar as Diretorias de Centro e Coordenações de Curso em matéria de estágio,
- b) Propor e organizar ações de discussões coletivas acerca do estágio como importante componente do processo formativo dos estudantes de graduação da UECE;
- c) Propor, às instâncias responsáveis pela gestão administrativa e pedagógica dos estágios na UECE, alterações nas resoluções relativas ao estágio ou a elaboração de normas que forneçam base para a sistematização e melhoria do funcionamento do estágio;
- d) Divulgar e acompanhar junto às Coordenações de Cursos o cumprimento da legislação que rege a matéria;
- e) Propor, às instâncias responsáveis, atualização ou alterações dos Termos de Compromisso, planos de atividades, relatórios ou outros instrumentais de acompanhamento do estágio curricular na UECE;
- f) Discutir de forma sistemática questões administrativas e pedagógicas referentes ao desenvolvimento do estágio e propor encaminhamentos a fim de aperfeiçoar a execução

dessa atividade, subsidiando as ações das Pró-reitorias responsáveis pelos estágios - PROGRAD e PROEX - em suas diferentes modalidades e demais instâncias na UECE;

g) Emitir pareceres, quando solicitados pelas Pró-Reitorias responsáveis pelo desenvolvimento dos estágios na UECE, em matéria de estágio;

**Art. 9º - Compete à Coordenação de Curso:**

- a) Acompanhar o desenvolvimento do estágio junto ao Colegiado do curso, com participação direta dos professores das disciplinas de estágio e ouvidos os supervisores de campo e os estagiários;
- b) Realizar supervisão direta das atividades desenvolvidas pelos estagiários de cada curso, orientando-os e definindo o Plano de Atividades de Estágio com o orientador e o estagiário e tomando as providências necessárias para o cumprimento dos objetivos propostos nos respectivos planos;
- c) Realizar o acompanhamento sistemático das atividades de supervisão desenvolvidas pelos orientadores;
- d) Propor alterações nos Projetos Pedagógicos de seus cursos em matéria de estágio;
- e) Atender e orientar os alunos, bem como encaminhá-los ao campo de estágio estabelecendo o contato sistemático com as instituições concedentes do estágio;
- f) Realizar visita institucional, quando pertinente, ou designar docente para avaliar as estruturas físicas e organizacionais da parte concedente do estágio e sua adequação à formação cultural e profissional propostas pelos cursos;
- g) Realizar a assinatura dos Termos de Compromisso de Estágio mediante Portaria da Administração Superior da UECE;
- h) Exigir do estagiário de forma periódica a apresentação de relatórios das atividades de estágio, de acordo com a legislação vigente;
- i) Zelar pelo cumprimento do Termo de Compromisso, reorientando o estagiário para outro local em caso de descumprimento das normas por qualquer uma das partes envolvidas;
- j) Propor discussões, debates, seminários, mesas redondas ou fóruns, em matéria de estágio, e manter contato com o órgão de classe que fiscaliza as práticas profissionais;
- k) Solicitar a emissão, por parte da concedente, em caráter obrigatório, de comprovante na forma de Certificado, Declaração ou Termo de Realização de estágio, especificando atividades desenvolvidas, período e carga horária, natureza de estágio (obrigatório ou não-obrigatório), de forma clara e explícita;
- l) Arquivar a documentação do estagiário de seu curso, enquanto o aluno estiver estagiando;
- m) Desenvolver ações articuladas com a PROGRAD e a COPEC visando a melhoria nos procedimentos dos estágios;
- n) Manter uma constante aproximação e articulação com os agentes de integração e empresas convenientes, estimulando discussões que contribuam para o aprimoramento das práticas e o crescimento pessoal e profissional dos alunos.

**Parágrafo Único:** a Coordenação do Curso indicará à Direção de Centro ou Faculdade um professor para coordenar as atividades pedagógicas e administrativas do estágio delegando a este todas as atribuições explicitadas no artigo 9 desta Resolução. A duração do mandato do coordenador de estágio deverá ser de dois anos, renovável por igual período e/ou em acordo com o colegiado dos cursos.

**Art. 10** - Cada Centro/Faculdade terá um Núcleo de Acompanhamento de Estágio - NAE, vinculado diretamente à Direção de Centro ou Faculdade, o qual terá as seguintes competências:

- a) Realizar reuniões com os coordenadores de estágio dos cursos;
- b) Realizar cadastro semestral dos alunos que estão realizando estágio curricular obrigatório e não-obrigatório;
- c) Realizar cadastro semestral dos professores responsáveis pelas disciplinas de estágio curricular obrigatório e não-obrigatório ou acompanhando os alunos-estagiários;
- d) Manter documentação de estágio sempre atualizada;
- e) Responsabilizar-se pela celebração do termo de compromisso com o estagiário dos cursos e com a parte concedente, observando as condições de adequação do estágio à proposta pedagógica dos cursos;
- f) Realizar mapeamento das instituições/empresas que ofertam estágio curricular obrigatório e não-obrigatório para os alunos dos cursos;
- g) Encaminhar Cadastro semestral das instituições/empresas, supervisores de campo e respectivos alunos-estagiários para a coordenação de estágio dos cursos;
- h) Realizar visitas às instituições/empresas que ofertam estágio curricular obrigatório e não-obrigatório para apresentar a política de estágio;
- i) Manter contato permanente com os coordenadores de estágio dos cursos;
- j) Arquivar semestralmente as declarações de conclusão de estágio realizado pelos alunos;
- k) Manter contato permanente com a PROGRAD e a PROEX objetivando uma atuação compartilhada e integrada em relação aos estágios;
- l) Manter contato permanente com os respectivos Conselhos das categorias profissionais contempladas pelos cursos;
- m) Zelar pelo cumprimento do Termo de Compromisso, reorientando o estagiário do curso para outro local em caso de descumprimento de suas normas.

**Parágrafo Único:** O Núcleo de Acompanhamento de Estágio – NAE deverá ser composto por um coordenador geral e pelos coordenadores de estágio dos cursos e pessoal administrativo, funcionando em cada Centro ou Faculdade. O coordenador geral do NAE deverá ter mandato de dois anos, renovável por igual período e/ou em acordo com o Conselho de Centro.

**Art. 11** - Entende-se por orientação o acompanhamento dado ao estagiário de forma a proporcionar o desempenho adequado das ações pautadas no Termo de Compromisso e no Plano de atividades.

**§ 1º** - Caberá à Coordenação de Curso designar os orientadores de estágio dentre os docentes do Curso levando em consideração sua área de formação e experiência profissional (Art. 3º §1º da Lei 11.788/08), ouvindo o coordenador do NAE quando existente;

**§ 2º** - A orientação obedecerá a uma relação orientador/estagiário a ser definida por Normas de Estágio do Centro ou Faculdade, respeitadas as características dos cursos previstas em seus respectivos Projetos Pedagógicos.

**Art. 12** - São atribuições do orientador:

- a) Elaborar com o(s) estagiário(s) o Plano de Atividades, articulando-se quando possível com o supervisor, podendo reprogramá-lo, considerando a realidade do campo de estágio;
- b) Acompanhar a realização das atividades, conferir assiduidade e avaliar o desempenho do estagiário, articulando-se, quando necessário, com o supervisor;

- c) Prestar orientação técnico-pedagógica ao estagiário, visando uma efetiva aprendizagem;
- d) Auxiliar à Coordenação do Curso ou o coordenador do NAE no cadastramento de campos de estágio;
- e) Zelar pela observância do Código de Ética de cada profissão e pelo cumprimento das normas que regem o estágio, propondo à Coordenação do Curso as alterações que considerar pertinentes;
- f) Realizar a supervisão, sempre que possível, por meio de visitas ao campo de estágio para aferir os requisitos previstos em Lei;
- g) Encaminhar à Coordenação do Curso ou o coordenador do NAE, no tempo aprazado, o resultado da avaliação do estagiário.

**Parágrafo Único:** Em caso de estágio não-obrigatório e para efeito do Plano de Atividades Docente (PAD), deverá ser concedida ao orientador uma carga horária de 01 (uma) hora semanal, para cada estagiário sob sua responsabilidade.

## **CAPÍTULO VI DA REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO**

**Art. 13** – As atividades de estágio não poderão impedir o cumprimento das atividades letivas previstas no calendário acadêmico e no projeto pedagógico de cada curso.

**Art. 14** – Para cumprimento do estágio, será celebrado obrigatoriamente um Termo de Compromisso entre as partes - estagiário, UECE e concedente, em prazo máximo de até 15 dias do início das atividades.

**Parágrafo Único** – As atividades a serem realizadas devem constar no Termo de Compromisso, respeitando o calendário acadêmico da UECE e as datas previstas para as avaliações.

**Art. 15** – Ao término do estágio não-obrigatório, o educando deverá protocolar o relatório de suas atividades na Coordenação do NAE/Coordenação de Curso;

**Art. 16** – As atividades de estágio podem ser interrompidas a qualquer momento, seja por iniciativa do orientador, do supervisor ou do estagiário, mediante comunicação escrita da parte interessada à Coordenação do NAE/Coordenação de Curso.

§ 1º - No caso do Estágio Obrigatório, o assunto deverá ser tratado diretamente com a Coordenação NAE/Coordenação de Curso

§ 2º - No caso do Estágio Não-Obrigatório a PROEX assinará termo de rescisão quando indicado pela concedente.

§ 3º - Ocorrendo a violação dos direitos do estagiário, estes serão reclamados através da Procuradoria Jurídica da FUNECE, a partir de denúncia formalizada em documento da parte interessada.

**Art. 17** – A jornada do estágio obrigatório será definida em comum acordo entre a UECE, a parte concedente e o estagiário, devendo constar do Termo de Compromisso e deverá ser compatível com o horário escolar do estagiário e com o horário de funcionamento da parte concedente.

**§ 1º** - A carga horária máxima do estágio será de 6 (seis) horas diárias e 30 (trinta) horas semanais.

**§ 2º** - Nos casos em que, não estejam programadas aulas presenciais, o estagiário poderá cumprir jornada de até 40 (quarenta) horas semanais, desde que previsto no Projeto Pedagógico do Curso.

**Art. 18** – Quando o estágio for realizado em áreas ou locais que exponham risco à saúde, o estagiário, deverá estar vacinado contra as endemias específicas ou apresentar titulação de anticorpos, quando for exigida;

**Parágrafo Único** – Caberá a Coordenação do NAE/Coordenação de Curso orientar o estagiário a procurar um órgão de saúde credenciado, para que o mesmo tenha acesso à vacinação necessária.

**Art. 19** – Alunos oriundos de outras instituições de ensino, que desejem cursar estágio obrigatório na UECE deverão se submeter aos mesmos ditames desta Resolução.

**Parágrafo Único** – No caso referido no caput deste artigo, a responsabilidade pela contratação de seguro contra acidentes pessoais deverá ser assumida pela instituição de origem.

**Art. 20** – Os alunos estrangeiros regularmente matriculados e que estejam frequentando os cursos de graduação da UECE poderão desenvolver suas atividades de estágio desde que o prazo de validade de seu visto de estudante seja compatível com o período previsto para o estágio.

**Art. 21** – Admite-se a realização do Estágio em outros Estados e no exterior, mediante celebração de convênio ou cooperação com a UECE.

**Art. 22** – Para a realização de estágio em outros Estados ou no exterior deverão ser atendidos os mesmos requisitos adotados para o cadastro das concedentes locais;

**Art. 23** – As Atividades Acadêmicas institucionais tais como Monitoria, Iniciação Científica, Bolsa de Assistência, PET, Liga da Saúde e Projetos de Extensão não poderão ser realizadas concomitantemente com o Estágio, salvo orientação contrária prevista nos projetos pedagógicos dos cursos.

**Art. 24** – O estagiário será automaticamente desligado de suas atividades quando:

a) Ocorrer o término do estágio e não houver renovação do contrato;



- b) For de interesse de quaisquer das partes indicadas no Termo de Compromisso, mediante comunicação escrita com antecedência mínima de 5 (cinco) dias;
- c) Concluir ou abandonar o curso, ou por ocasião de trancamento total de matrícula ou transferência para outra Instituição de Ensino;
- d) Ocorrer infração das responsabilidades assumidas no Termo de Compromisso.

### **CAPÍTULO VIII DISPOSIÇÕES GERAIS**

**Art. 25** – As despesas decorrentes da supervisão das atividades de estágio curricular obrigatório e não- obrigatório previamente programadas no Plano de Estágio e realizadas pelo orientador, serão custeadas pela UECE, com verba prevista no orçamento e destinada para este fim específico.

**Art. 26** – Os casos omissos nesta Resolução serão resolvidos pelas Comissões de estágio da PROGRAD/NEAC e PROEX que ouvirão as partes interessadas, deliberando sobre os recursos impetrados.

**Art. 27** – Esta Resolução entra em vigor na data de sua aprovação, revogadas as disposições em contrário.

**Reitoria da Universidade Estadual do Ceará, em Fortaleza, 27 de abril de 2012.**

Prof. Francisco de Assis Moura Araripe  
**Reitor**